

FREITAS DO AMARAL

46,31 %

2 628 355

MÁRIO SOARES

25,43 %

1 443 074

SALGADO ZENHA

20,89 %

1 185 369

LOURDES PINTASILGO

7,37 %

4 18 207

Diário de Lisboa

ANO 65 N.º 21 971

Segunda-feira, 27 de Janeiro de 1986

Preço 40\$00

Tudo por tudo na segunda volta

SOARES PARA TRAVAR AMARAL



**Já se fez sentir a
'dinâmica da vitória':
apoiantes de Freitas
tentaram atacar
sede do PCP no Porto**

É difícil dizer quem foi o grande vencedor desta primeira volta das eleições presidenciais: se Freitas do Amaral, que ficou a 4 pontos da maioria absoluta, se Mário Soares que, embora bem distante do seu adversário mais directo, conseguiu assim mesmo um importante «score»; recuperando boa parte dos votantes do PS, perdidos nos últimos actos eleitorais. Pelo caminho ficaram Salgado Zenha (apoiado por Eanes, pelo PRD e pelo PCP) e Lurdes Pintasilgo (que em termos partidários só contou com o apoio da UDP e foi hostilizada pelos apoiantes de Zenha). Agora os dois vencedores de ontem preparam-se para uma nova campanha eleitoral, que culminará a 16 de Fevereiro com a escolha do novo Presidente da República. Enquanto isso, porém, apoiantes de Freitas do Amaral provocaram já graves incidentes. Foi no Porto onde depois de conhecidos os resultados eleitorais tentaram assaltar a sede do PCP.

Págs. 5 a 15 e 32



Os votos e o futuro próximo

Os resultados das eleições para a Presidência da República confirmaram duas tendências do comportamento eleitoral. Cresce, por um lado, a tendência para a abstenção; reafirma-se, por outro lado, em termos globais, a opção de Esquerda. E não é por acaso que homens políticos e analistas políticos se recusam a avaliar os resultados eleitorais e a correlação de forças segundo o dilema da clivagem Esquerda / Direita.

O certo é que unificada sob a condução do doutor Diogo Freitas do Amaral, a Direita — e não propriamente as forças sociais de modernidade e mudança —, alcançou resultados eleitorais que podem ser celebrados com acentos vitoriosos, mas que comparados com os resultados cumulativos das candidaturas Mário Soares, Salgado Zenha e Lurdes Pintasilgo continuam a ser inferiores aos da área eleitoral da Esquerda.

Dividida entre diferentes forças políticas e diferentes projectos políticos (e / ou pessoais), a Esquerda, maioritária como expressão de uma base social mais vasta, não tem conseguido realizar, de há anos no plano parlamentar e agora no plano eleitoral, as suas potencialidades nacionais.

É uma situação particularmente difícil e com graves repercussões na vida da nossa jovem Democracia. Cedo se reconhecerá que o discurso político não pode sobrepor-se à realidade política: Portugal vota à Esquerda, a Esquerda afirmou-se uma vez mais, maioritária.

Não se estranha que os resultados eleitorais desta «primeira volta» das eleições para a Presidência da República produzam um efeito de arrastamento do voto no que diz respeito à candidatura de Freitas do Amaral. Mas, também, não é de excluir que operem um processo de reunificação eleitoral de uma Esquerda que se apresentou ao eleitorado em ordem dispersa.

O eleitorado do País de Abril terá que reflectir no significado e nas consequências do próximo acto eleitoral. A batalha contra a abstenção deverá acompanhar um grande esforço de clarificação política. Estarão os políticos — à Direita e à Esquerda — à altura dos problemas que política-

Continua na pag. 32

Diário de Lisboa

Numero avulso 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO (Rua de Beom, 57, 2.º)
Telefone: 14496, 6.
Endereço Telegrafico: MUR04.

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da **RENASÇENÇA GRAFICA**
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES (Direcção: T. 105
Redacção: T. 318)
Endereço telegrafico: DIE30.

A **ESPAÑA** tem realizado nos ultimos anos, um tão grande progresso nos seus serviços ferroviarios que bem merece uma especial menção. De Madrid, saem diariamente 17 comboios rapidos: 5 para Hendaya, 2 para as Asturias, 2 para a Galiza, 2 para Barcelona, 3 para a Andaluzia, 2 para Valencia e um para Cartagena; e em breve mais um para Cidade Real e Badajoz.

E com todo este progresso a bela capital espanhola não tem um comboio rapido diario para Lisboa, apesar da importancia do nosso admiravel porto de mar, e de ter por aqui todas as facilidades para as communicações com os paises da America do Sul.

Dizem-nos que o rapido Lisboa Madrid não tem movimento que justifique a sua circulaçao diaria. Mas por que não tem esse comboio de luxo carruagens de 2.º e 3.º classes, como os outros trens expressos que irradiam de Madrid para toda a Espanha, dos quais só 5 fazem serviço de 1.ª classe, exclusivamente?

Seria uma excelente maneira, talvez a unica, de se obter passageiros para a circulaçao diaria do comboio, o que daria ás relações com as duas capitais uma grande desenvolvimento, que maior seria se o rapido Lisboa-Madrid tivesse communicação imediata de e para Barcelona.

* * *

NO meio da tremenda confusão em que vive Lisboa, a comemoraçao do 1.º centenario da Escola Medica vai decorrendo com brilho, certamente, mas sem que o publico lhe preste a devida atençao.

Embora o acontecimento seja de ordem scientifica—interessando, portanto, directamente a ciencia em geral e a medicina em especial—importa não esquecer que ele representa uma grande afirmação de alta cultura especializada, por parte do nosso professorado superior.

A serie de conferencias já iniciada é um torneio brilhantissimo de mestres que não receiam expor, com plena franqueza, as suas ideias, as suas experiencias e os seus trabalhos mais notaveis, de maneira a abordarem os problemas mais actuais de ensino medico e cirurgico, numa bela concordaancia de esforços e collaborações desinteressadas.

* * *

REUNIU-SE ontem, sob a presidencia do sr. D. Bernardo da Costa, a comissao do dominio publico, que apreciou o estudo feito pelo sr. dr. Mario de Figueiredo, lente da Universidade de Coimbra, sobre a legislaçao portuguesa referente ao dominio publico maritimo e fluvial, e ainda sobre a inutilidade dos terrenos maritimos.

* * *

POR despacho de 9 do corrente, o director geral de ensino primario e normal determinou que se arquivem todos os requerimentos, pedindo licenças, que não sejam acompanhados dos selos fiscaes necessarios para o respectivo despacho.

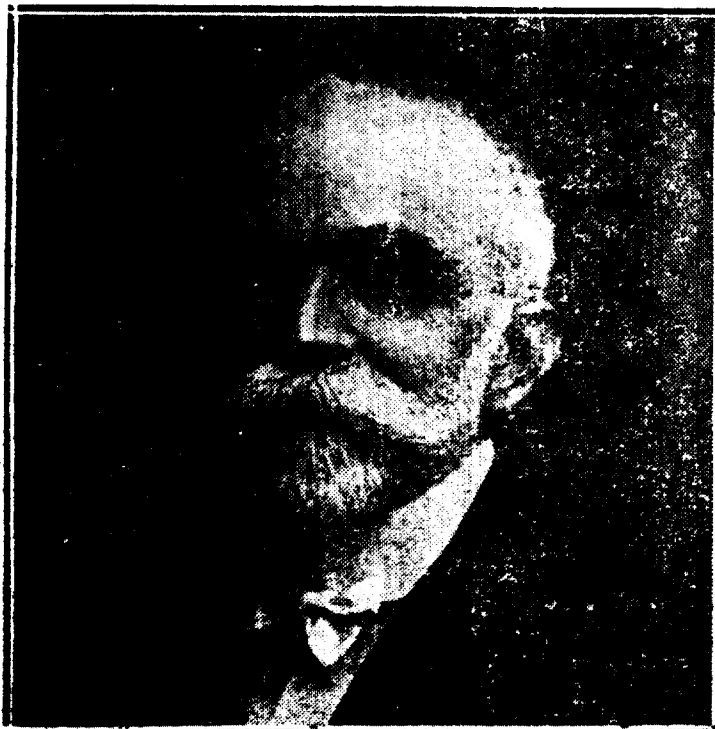
* * *

NA primeira pagina da nossa primeira edição, inserimos hoje um curioso artigo sobre a vida presidencial do sr. Teixeira Gomes, que, por conveniencia de paginação, publicamos na 5.ª pagina desta edição.

* * *

O SR. dr. Augusto Madureira da Costa foi encarregado, pelo sr. ministro da Instrucção, de, em comissao gratuita, estudar o progresso da cirurgia em Espanha, França, Inglaterra, Belgica e Alemanha.

Foi eleito Chefe do Estado POR 148 VOTOS O SENADOR Bernardino Machado



Bernardino Machado
o novo presidente da Republica hoje eleito

1.º ESCRUTINIO

Bernardino Machado	124 votos
Duarte Leite	33
Gomes Teixeira	5
Belo de Moraes	1
Bettencourt Rodrigues	1
Afonso Costa	1
Listas brancas	5

2.º ESCRUTINIO

Bernardino Machado	148 votos
Duarte Leite	4
Bello Camacho	1
Bettencourt Rodrigues	1
Listas brancas	4

A TITULO de curiosidade, a seguir publicamos a lista dos presidentes da Republica Portuguesa:

1.º—Manoel de Arriaga, eleito em 24 de agosto de 1911. Teve por opositor Bernardino Machado. Exerceu o seu mandato 1374 dias. Resignou.

2.º—Teofilo Braga, eleito em 28 de maio de 1915. Exerceu o mandato 129 dias.

3.º—Bernardino Machado, eleito em 6 de agosto de 1915. Exerceu o mandato durante 792 dias. Foi demittido por acto revolucionario.

4.º—Sidonio Pais, eleito por voto popular, em 9 de maio de 1918. Exerceu o mandato durante 220 dias. Foi assassinado.

5.º—Canto e Castro, eleito em 10 de dezembro de 1918. Exerceu o mandato durante 292 dias.

6.º—Antonio José de Almeida, eleito em 6 de agosto de 1919. Teve por opositor Teixeira Gomes. Exerceu o mandato durante o periodo integral: 4 anos, ou sejam 1464 dias.

7.º—Teixeira Gomes, eleito em 6 de agosto de 1923. Teve por opositor Bernardino Machado. Exerceu o mandato durante 709 dias. Resignou em 11 de dezembro de 1925.

* * *

A MINORIA nacionalista manterá, no Parlamento, a sua intransigencia no caso das verificações, o que nos garante uma continuação da agitada sessão de ontem. Quanto á presidencia da Camara, corre como certo que, por motivos de saude, o sr. dr. Daniel Rodrigues tomará, em breve, o lugar do comandante sr. Rodrigues Gaspar, afirmando-se que, após as férias do Natal, o sr. dr. Domingos Pereira voltará á presidencia efectiva da Camara.

* * *

OS ares desanuviaram-se mais. A tal revolta das tropas de Mafra não passou, afinal, de simples bosto espalhado com fins tendenciosos por quem tinha interesse em estabelecer a confusão e o panico nos arraiais politicos. Em Mafra a tranquillidade foi absoluta e em todo o pais, tirando as «galgas» puestas a correr na cidade, nada houve que mereça registro.

* * *

O ULTIMO numero da «T. S. F. em Portugal» é, no seu genero, um trabalho que honra a sua redacção, formada por pessoas competentes para a propaganda da sua especialidade.

* * *

FINALISOU o conflito dos lugares da Camara dos Deputados. A esquerda democratica foram dados os faustos da extrema esquerda, logo a seguir aos socialistas, lugares que já hoje ocuparam.

* * *

A «COMISSÃO de Defesa das Colonias» reuniu-se hoje, na Sociedade de Geografia, pelas 21 horas e meia, para continuação dos seus trabalhos.

* * *

FOI ontem á assinatura o decreto nomeando secretario provincial do interior da provincia de Moçambique o sr. Bartolomeu Severino.

* * *

A LIVRARIA Chardron publicou mais dois livros inéditos de Eça de Queiroz—«Artes & C.» e «Correspondencia».

Cooperativa Lisbonense de Chateaux
TAXIS CITROEN
PEDIDOS pelo
Telefone Norte 5528
Serviço permanente

Segunda edição

Dr. ALBINO PACHECO
Regressa do Rio de Janeiro
CURAS PELA HORMOTERAPIA
Reabriu o seu consultório
Rua Nova do Almada, 80, 1.
De 1 a 3 h. — Telefone C. 535
Residência — Telefone C. 577

A ELEIÇÃO PRESIDENCIAL

O novo chefe do Estado ainda hoje tomará posse

DO SEU CARGO

no Palacio de Belem

São cinco horas em ponto.
Na presidência o sr. Correia Barreto.
O sr. Baltazar Teixeira, pausadamente,
procede à chamada.

Às 5,20 da entrada na sala o sr. dr. Bernardino Machado, que é enaprimen-
tadissimo por elementos de todos os la-
dos da Camara.

Às 5,30, termina a chamada. Presen-
tes, cento e noventa e dois srs. Con-
gressistas.

À mesa chegam ainda varios membros
do Congresso que declinam os seus nomes.
E o sr. Correia Barreto, do alto da
mesa presidencial, declara que, de acordo
com o texto constitucional, se vai proce-
der à eleição do conselho parlamentar que
deve funcionar durante a legislatura que
agora se iniciou. Conheciam-se as lis-
tas.

Às 6 menos um quarto entra na sala
o sr. Presidente do Ministerio, que sobe
à Presidência a cumprimentar o sr. ge-
neral Barreto, e cá em baixo é, depois,
por sua vez, muito cumprimentado.

As galerias encontram-se completa-
mente apinhadas.

Transbordam as galerias publicas e as
particulares. As reservadas encontram-se
cheias tambem. Na galeria reservada ao
corpo diplomatico encontram-se sete re-
presentantes de nações estrangeiras. A da
imprensa e a de pessoal dos gabinetes re-
spectivos.

Às 6,15 o sr. Correia Barreto declara que
se encontra eleito o Conselho Parlamentar.

Este alto corpo consultivo ficará constitui-
do pelos srs. Rodriguez Gaspar, Antonio Ma-
ria da Silva, Herculano Galhardo, Vitorino
Guimarães, Domingos Pereira, Augusto de
Vasconcelos, Cunha Leal, Barros Quiciriz,
Medeiros Franco, José Domingos dos San-
tos, Lino Neto, Cunha Barbosa, Tomaz de
Vilhena, Carvelho da Silva, Rosado da Fon-
seca e mais cinco independentes que estão
em litigio.

Suscitam-se duvidas a proposito da repre-
sentação dos independentes no Conselho.

Junto do sr. Correia Barreto fazem-se «de-
marches» e os politicos manifestam-se. Lá es-
tão os srs. Antonio Maria da Silva, Ginestral
Machado, Pinto Barriga e Domingos dos
Santos.

Vê-se o «leader» do direitismo democrati-
co, muito agitado, bater em qualquer coisa.
É um exemplar da Constituição.

E o sr. Antonio Maria da Silva, visivelmen-
te nervoso, declara à Camara que os inde-
pendentes não agrupados, embora haja entre
eles deputados illustres e muito illustres, não
podem ser representados no Conselho parla-
mentar.

Começa a falar o sr. Manuel José da Silva,
que usa nesta Camara pela primeira vez da pa-
lavra. Espectativa. O sr. Manuel José da Silva
explica que será independente por um lado,
mas que por outro resolveram agrupar-se afim
de elegerem os seus representantes.

—Se ha algum agrupamento que aqui pode e
deve ser sacrificado, é o da U. I. E. que não
possue o numero de deputados bastante para
eleger delegado seu. Esta é a unica plataforma
que pode e deve ser aceite por todos nós.

O sr. dr. Alvaro de Castro sauda os velhos
e novos parlamentares. Combate a doutrina
posta pelo sr. Antonio Maria da Silva e afir-
ma que, qualquer que seja a solução dada à
dificuldade que surgiu, essa solução não pode
de maneira nenhuma ir prejudicar direitos
que a Constituição muito legitimamente con-
fere.

O sr. Antonio Maria da Silva apro-
priando a declaração enviada para a mesa

por um grupo de congressistas, de que
faz parte o sr. dr. Alvaro de Castro, diz
que o P. R. P. só pôde aceitar esse gru-
po, para o efeito de eleição do Conselho,
como um grupo definido politicamente,
e assim teria muito prazer em saudar a
nova constituição do grupo de Acção Re-
publicana. De caso contrario, não. E diz
que este grupo, como independentes agru-
pados, não poderá ter mais de três repre-
sentantes.

Falam sobre o assunto varios deputados,
e por fim, resolve-se adiar a resolução de-
finitiva sobre o Conselho Parlamentar.

A carta de renuncia

Às 19 menos 10 o sr. Correia Barreto,
feito religioso silencio, leu a carta de re-
nuncia do sr. Presidente da Republica
que é assim redigida, em letra nervosa
e larga:

Presidencia da Republica.

Belem, 10 de Dezembro de 1925.

Exm.º Sr. Presidente do Congres-
so da Republica Portuguesa:

Impossibilitado, por motivos de
saude, de continuar exercendo as
funções de Presidente da Repu-
blica, venho depôr nas mãos de
V. Ex.º o mandato que para esse
fim me foi conferido pelo Con-
gresso da Republica, em 6 de
Agosto de 1923.

Peço a V. Ex.º a fineza de trans-
mitir ao Congresso as minhas sau-
dações, e os meus votos de felici-
dade pessoal para cada um dos
seus membros.

Saude e Fraternidade Manuel Teixeira Gomes

O sr. dr. Alvaro de Castro, usando da
palavra, diz que não se podia passar à
votação do novo Presidente sem se pro-
nunciarem algumas palavras de saudação
ao homem que neste momento depõe o
seu mandato. Faz o rasgado elogio do sr.
Teixeira Gomes, declarando ser insuspei-
to porque não votou o nome do sr. Tei-
xeira Gomes para a Presidencia. As pala-
vas calorosas do sr. dr. Alvaro de Castro,
que tambem fez o elogio do sr. dr. Anto-
nio José de Almeida, foram apoiadissimas
pela Camara. Enviou para a mesa uma
moção de saudação ao sr. Teixeira Gomes.

O sr. Ginestral Machado acompanha a sau-
dação feita ao sr. Teixeira Gomes, como ci-
dadão e como republicano. Os nacionalistas,
porém, como homens de caracter não podem
dizer hoje sim, ao que ontem disseram não.
E assim esse lado da Camara não pode votar
a moção do sr. dr. Alvaro de Castro. Deseja
que, fóra de Belem, o sr. Teixeira Gomes
readquirira a saude e a tranquillidade de ner-
vos.

O sr. Presidente do Ministerio, com voz
vibrante, rodeado por toda a Camara, faz o
elogio do sr. Teixeira Gomes. Assinalando,

com grande convicção, a gravidade do bora
que passa, tam a certa altura esta frase:

—Mas dias vêm para a Republica, sr. Pre-
sidente, mais dias vêm para o país se o novo
Parlamento se não resolve a trilhar um me-
lhor caminho de trabalho e de serenidade.

—As intenções do sr. Teixeira Gomes, foram
sempre dignas e bem intencionadas! — exclama
o sr. Antonio Maria da Silva. Pode ter
errado como todos os homens publicos.
Faz o elogio caloroso do sr. dr. Antonio
José de Almeida.

O sr. dr. José Domingos dos Santos diz
que a esquerda democratica acompanhou sem-
pre a acção do sr. Manuel Teixeira Gomes.
Nunca andaram os esquerdistas pelos cor-
redores de Belem a pedir favores, como aucto-
res revoltaram contra ele, quando a opinião do
chefe do Estado não representava o opinião
daquelle lado da Camara.

—O sr. Manuel Teixeira Gomes fica sendo
para nós o prototipo do Chefe do Estado,
que commoço, como simples particular, pode
sempre contar.

Da valeria alguém exclama:
—Muito bem!

O sr. dr. Ramada Curto, em nome dos so-
cialistas, cita o sr. Teixeira Gomes como um
homem que soube defender e prestigiar com
apromo não só a Republica, como a facção
que desempenhou.

Aos republicanos diz, do seu lugar:
—Não continuem os republicanos, como
até agora, a fazer como Saturno, que devo-
rava os proprios filhos. Não consistam que se
atirem a homens publicos pedradas de calumnia
e maldade!

O sr. Antonio Maria da Silva, de novo com
a palavra, declara:

—Perfiro as palavras do sr. dr. Ramada
Curto. Nunca, nunca o partido a que pertencei
faltou ao respeito ao Chefe do Estado.
(Vibrantes aplausos). Nunca deixámos de
manter por S. Ex.º a consideração e o res-
peito que ele merece como cidadão e como
politico. (Apoiados vibrantes).

O sr. José Domingos dos Santos inter-
rompe a miude, e a maioria aplande o sr. An-
tonio Maria da Silva, enquanto os esquerdis-
tas contestam as declarações do «elder» da
maioria.

O sr. Pestana Junior faz tambem o elogio
do sr. Teixeira Gomes e, alargando a esfera
das suas considerações, é pouco depois ob-
jecto de «raio apoiados» da maioria. Como a
certa altura disse que se chamou «choldra»
ao povo de Lisboa, levanta-se agitação,
ouvindo-se uma voz:

—Não é verdade! A «choldra» não é povo!
Ninguém disse que «choldra» era o povo.

Outra voz:

—Bem sabemos quem é a «choldra»!

Agitação por momentos.

O sr. Pestana Junior continua a falar, ou-
vindo-se por vezes apartes que fazem sorrir.
E prossegue:

—Falo sem obedecer a praxes! Falo com a
minha convicção republicana! O sr. Teixeira
Gomes bem merece esta manifestação da Ca-
mara. Constatei de perto o seu sacrificio,

constatei a sua dedicação, constatei a sua in-
teligencia, constatei a sua alta envergadura
moral. E' comovidamente que lhe dirijo a mi-
nha saudação, e se errou, se politicamente
errou, que o homem publico que lhe pode atir-
ar a primeira pedra?

O sr. dr. Domingos Pereira aconselhou,
com a autoridade que lhe dá a situação em
que ainda está investido, que cessem as lutas
politicas, que cessem as represalias, que se
entre numa epoca de reconciliação e traba-
lho.

O sr. Domingos Pereira, ouvido com a
maior atenção, foi muito apoiado.

A's 19,40

começa a confecção das listas

Começou às 19,40 a confecção das lis-
tas, tendo-se feito rapidamente a chama-
da dos congressistas.

A eleição do sr. dr. Bernardino Macha-
do já se pôde considerar assegurada.

No entanto, não se pôde prever se terá
ou não de haver segundo escrutinio.

O sr. dr. Antonio José de Almeida não
se encontra na sala, e os monarchicos,
embora presentes, não responderam à cha-
mada.

Ainda hoje

se realiza o acto de posse

O novo presidente, depois da elei-
ção será conduzido a Belem numa
carruagem á Daumont, que já se en-
contra á porta do Parlamento, es-
cortado por um esquadrão de cava-
laria da G. N. R., de grande unifor-
me.

No palacio presidencial realizar-se-
ha o acto da posse do novo Chefe
do Estado, que retirará em seguida.

O sr. Teixeira Gomes ficará esta
noite em Belem, só saindo do pala-
cio, amanhã, depois do pequeno al-
moço para o seu «chalet» de Gibal-
tar (Caxias).

O primeiro escrutinio

Às 8 e 15 terminou a votação.
São nomeados escrutinadores os srs. drs.
Lino Neto e Ramada Curto.

Os escrutinadores iam lendo alto os nomes
e fazendo ao mesmo tempo em voz alta a con-
tagem.

Assim, quando Bernardino Machado tinha
10 votos, contava 3 o sr. Duarte Leite. E se-
gue, por curiosidade, a marcha da votação:
10-3; 20-6; 30-8; 40-10; 50-11; 60-16;
70-17; 80-17; 90-19; 100-22; 110-30;
124-33.

Tiveram 5 votos o sr. dr. Gomes Teixeira,
reitor da Universidade do Porto, 1 voto o sr.
dr. Belo Morais, 1 voto o sr. dr. Batencourt
Rodrigues, 1 voto o sr. dr. Afonso Costa.

Houve cinco listas brancas.

Temos, pois, o primeiro escrutinio assim:
Listas entradas 170. Para Bernardino Macha-
do 124, o que não corresponde ao exigido
na Constituição, que é dois terços do numero
total de votos do Congresso.

Às 8 e 35 começa o segundo escrutinio, que
deve assegurar, por quasi unanimidade de vo-
tos, a eleição do sr. dr. Bernardino Machado.

No dia 11 de Dezembro
de 1925, em segunda
edição, o «Diário de
Lisboa» noticiava os
resultados da eleição
presidencial e publicava o
texto da carta de renúncia
do Presidente Manuel
Teixeira Gomes. Num
segundo escrutinio foi
eleito o dr. Bernardino
Machado. Foi o último
Presidente da República do
período que podemos
designar por
«Constitucionalismo
Republicano». A revolta
militar de 28 de Maio de
1926 poria termo à
República Democrática, e
após sucessivos governos
de ditadura militar, daria
lugar ao «Estado Novo».

Na Presidência da
República sucederam-se
figuras militares:
comandante José Mendes
Cabeçadas, general
Manuel Gomes da Costa,
general Óscar Carmona,
general Craveiro Lopes,
almirante Américo de Deus
Rodrigues Thomaz.

Com o 25 de Abril, a
Presidência da República
foi apanágio de militares:
general António Spínola,
general Francisco Costa
Gomes, general António
Ramalho Eanes.

Sessenta anos depois da
eleição do dr. Bernardino
Machado voltará um civil a
ocupar o Palácio de Belém.
Reproduzindo a
informação do «DL» de
1925 queremos, não só
sublinhar o longo
«interregno» militar, como
recordar as circunstâncias
da renúncia do grande
estadista e grande escritor
que foi Manuel Teixeira
Gomes e a eleição do
republicano respeitador da
Constituição da República
que foi o dr. Bernardino
Machado.

Em 1926, ele soube
renunciar, por sua vez, para
evitar um confronto de
imprevisíveis
consequências.

Palácio de Belém tem uma história republicana

Conquistar o direito a habitar Belém nos próximos cinco anos é um «sonho» comum aos candidatos à Presidência da República. Por isso se lançaram na corrida eleitoral com um objectivo muito determinado: «entrar» no Palácio de Belém pela porta principal. Construído durante a monarquia, o palácio é um dos «herdeiros» preferidos dos republicanos que, logo em 1911, cerca de um ano após a implantação da República, o destinaram à residência oficial do chefe de Estado.

Desde o 5 de Outubro, já habitaram Belém Manuel de Arriaga, Bernardino Machado (duas vezes), Sidónio Pais, Canto e Castro, Teixeira Gomes, Gomes da Costa, Craveiro Lopes, António de Spínola, (apenas dormiu em Belém algumas noites), Costa Gomes e Ramalho Eanes.

Dos 15 presidentes que até hoje exerceram funções, Teófilo Braga (1911-duas vezes), António José de Almeida (1919-23), Óscar Carmona (1926-51) e Américo Tomás foram os únicos que não «dormiram» em Belém.

Teófilo Braga, designado chefe do governo provisório saído do 5 de Outubro assumiu, na prática e enquanto não se procedeu à eleição do presidente, as funções de chefe de Estado. Ele foi o primeiro chefe republicano a «despachar» em Belém, mas nunca utilizou o palácio como residência oficial.

As idas de Teófilo Braga a Belém para «despacho» não chegaram a 12 meses.

A 24 de Agosto de 1911 realizaram-se as primeiras eleições para a Presidência da República: o Congresso da República, composto pela Câmara dos Deputados e pelo Senado, elegeu Manuel de Arriaga.

Arriaga começou por alugar para sua presidência o Palácio do Manteigueiro, na rua da Horta Seca, e comprou um automóvel para se deslocar à residência oficial, em Belém.

Cem escudos por um palácio

Já corria o ano de 1912 quando Arriaga decidiu pedir autorização para alugar instalações no Palácio de Belém.

A mudança ocorreu no Verão de 1912 e Manuel de Arriaga ficou a pagar cem escudos de renda por mês para habitar Belém. O primeiro presidente não chegou ao fim do mandato e em Maio de 1915 resignou ao cargo, abandonando o palácio.

Com o abandono de Arriaga, Teófilo Braga foi eleito pelo Congresso para completar o mandato do seu antecessor, tomando-se assim no primeiro chefe de Estado a ocupar Belém, (só para despacho), pela segunda vez.

A sua segunda estada em Belém foi ainda mais curta que a primeira. Eleito em Maio de 1915, Teófilo Braga abandonou o palácio em Outubro com a eleição de Bernardino Machado.

Bernardino Machado — até hoje o único presidente portu-

guês nascido num país estrangeiro, o Brasil — mudou-se para Belém com a família e continuou, tal como Arriaga, a habitar o palácio contra o pagamento de uma renda de cem escudos mensais.

Bernardino Machado manteve-se à frente da Presidência entre 1915 e 1917 e com ele o palácio tornou-se num centro de vida social com o chefe de Estado a organizar festas e banquetes.

Com a destituição de Bernardino Machado, o «principal responsável» pela iniciativa, Sidónio Pais, assumiu a chefia do governo e passou a despachar e a habitar Belém para onde se mudou com a família em Janeiro de 1918.

O contra-Almirante Canto e Castro, ministro da Marinha do governo sidonista foi eleito, dois dias depois do assassinato de Sidónio Pais, a 16 de Dezembro, presidente da República.

Durante o seu mandato, Canto e Castro ocupou Belém por um curto período e a sua família nunca chegou a residir no palácio. O contra-almirante habitou ainda a cidadela de Cascais a conselho médico.

António José de Almeida, o presidente seguinte (1919-23), nunca habitou o palácio de Belém. Deslocava-se a Belém duas vezes por semana para despachar tendo sido o primeiro presidente a cumprir um mandato completo.

Presidentes do «Estado Novo»

Após a presidência de António José de Almeida, o Parlamento elegeu Manuel Teixeira Gomes como sétimo presidente português.

Teixeira Gomes, ex-embaixador de Portugal em Londres, sem casa em Lisboa, instalou-se em Belém, alugando por 200 escudos o anexo do palácio onde passou a habitar. Corria o ano de 1923.

Em Dezembro de 1925, Teixeira Gomes renunciou ao cargo e abandonou o País nunca mais regressando. A escolha do Parlamento recaiu sobre uma figura que já conhecia os interiores do palácio de Belém — Bernardino Machado.

Bernardino Machado ocupou Belém, mas desta vez sem a companhia da família. Conti-

nuava a «visitar» a sua casa particular.

Com o «movimento revolucionário» de Maio de 1926, Bernardino Machado entregou o poder ao comandante Mendes Cabeçadas que apenas exerceu a chefia do governo durante 17 dias.

A mudança de poder ocorreu no quartel do Carmo e o novo homem «forte» do país, general Gomes da Costa, instalou-se em Belém como chefe do governo, mas com todos os poderes de chefe de Estado.

A Gomes da Costa sucedeu Óscar Carmona que começou por assumir a chefia do governo. O general ficou a residir no Palácio das Necessidades e durante todo o seu longo mandato nunca habitou o palácio de Belém.

O conselho de Salazar

Em Novembro de 1926, o Conselho de Ministros decidiu investir internamente Óscar Carmona nas funções de chefe de Estado. Foi eleito presidente da República pela primeira vez em 1928 e reeleito sucessivamente em 1935, 42 e 51.

Óscar Carmona foi o chefe de Estado que exerceu as funções de presidente por maior número de anos: 25.

Carmona habitou a cidadela

de Cascais assim como a sua casa particular no Lumiar. Ia, no entanto, a Belém para despacho duas ou três vezes por semana. Craveiro Lopes, general da Força Aérea, sucedeu a Carmona em 1951.

Salazar, já então presidente do Conselho de Ministros, comunicou-lhe a sua indigitação para o cargo e informou-o da conveniência de se «transferir» para Belém.

Para se deslocar «com armas e bagagens» para Belém, Craveiro Lopes teve no entanto de passar alguns meses em Cascais, na cidadela, enquanto decorriam obras na zona do palácio chamada «Arrábida» que passou a ser designado por residência.

Craveiro Lopes foi presidente da República portuguesa durante o período de 1951-58.

Para substituir Craveiro Lopes foi escolhido Américo Tomás que nunca habitou Belém.

Deslocava-se ao palácio presidencial, para despacho, três vezes por semana e para audiências e recepções.

Entre 1958-74 Américo Tomás habitou as suas casas do Restelo e de Cascais.

Com o 25 de Abril de 1974, o Movimento das Forças Armadas designou o general António de Spínola para presidente da República.

O general do «monóculo», embora tivesse dormido algumas noites em Belém, nunca deixou de utilizar a sua residência particular.

O seu sucessor, Costa Gomes, ficou a habitar a residência do palácio de Belém com a família, utilizando também o forte de São Julião da Barra em Oeiras.

Em 1976, depois da sua eleição, Ramalho Eanes começou por habitar apenas a sua residência particular no bairro da Madre de Deus, em Lisboa.

Deslocava-se diariamente a Belém, mas finalmente decidiu-se pela mudança definitiva para Belém com a família.

Em 1980, depois da reeleição, Eanes manteve Belém como residência oficial.

O palácio «cor-de-rosa», na Praça do Império, frente ao Tejo e o Monumento das Descobertas ao lado dos Jerónimos, prepara-se agora para receber um novo inquilino, o primeiro civil nos últimos 60 anos.

Mesmo que o próximo presidente não ocupe as suas instalações, o palácio vai receber um retrato sobre tela do novo chefe de Estado.

Esse retrato vai emparecear com os quadros de todos os presidentes portugueses desde a implantação da República.

Esta é a «história» republicana do palácio de Belém.



Soares contra Freitas

Eduardo Rebelo

Soares e Freitas na segunda volta: esta a consequência de uma enorme recuperação de Mário Soares, não obstante as derrotas sofridas pelo Partido Socialista em 6 de Outubro e 15 de Dezembro, produto, em grande parte, da degradação de imagem provocada pela acção do governo que ele próprio chefiou. Quanto a Freitas do Amaral, conseguiu resuscitar a dinâmica AD de 1980, colocando-se a menos de meia dezena de pontos da maioria absoluta, que lhe teria dado a vitória logo na primeira volta.

Enquanto Freitas do Amaral se tornou o pólo aglutinador da direita portuguesa, Mário Soares tem agora, vencidas que foram as «primárias da esquerda», a possibilidade de congregar a esquerda portuguesa, pese embora a posição do Partido Comunista e as grandes dificuldades que este partido enfrenta, depois da derrota de Salgado Zenha.

Mas para Soares outra luta se impõe: a captação de sectores do PSD que, nesta primeira volta, e face às perspectivas pouco animadoras que à partida se colocavam à candidatura de Soares, poderão ter optado pelo voto útil num Freitas do Amaral substancialmente melhor colocado.

O discurso de Soares, logo após a divulgação das previsões que o davam como certo à segunda volta, caracterizou-se por um evidente equilíbrio, não fechando portas ao eleitorado situado à sua direita, mas lançando pontes em direcção à esquerda e aos sectores mais desfavorecidos da população.

Com Salgado Zenha declarando, desde o início da campanha, que à segunda volta votará Mário Soares e Lourdes Pintasilgo afirmando que nunca votará em Freitas do Amaral, parece suficiente, para o adversário do candidato da direita, congregar o somatório dos votos obtidos por si e pelos seus adversários de esquerda para vencer a 16 de Fevereiro.

Esta transferência de votos não poderá, contudo, operar-se automaticamente e Soares enfrenta dois grandes obstáculos: o Partido Comunista e a dinâmica de vitória de Freitas, para além da incógnita que representam outros importantes apoios de Zenha, como o casal Eanes e o PRD.

Seja qual for o resultado da segunda volta, Soares, no entanto, obteve já uma vitória significativa, ao travar a queda que o PS iniciara em 6 Outubro, assumindo-se como o principal factor de ganhos do partido. E esta realidade projecta-o de uma forma difícil de parar, para o congresso de Maio.

A margem de quaisquer previsões, a verdade é que Soares deu mostras de um extraordinário poder de sobrevivência, reafirmando-se como um lutador infatigável, o que não deixa um caminho fácil a Freitas do Amaral.

Os derrotados

Se Salgado Zenha e Lourdes Pintasilgo foram os derrotados directos, subjacentes a essa situação ficam forças e projectos políticos que longo do ano passado tentaram vingar na sociedade portuguesa.

Da parte de Pintasilgo, pouco resta agora do projecto que começou por ser encarnado por conselheiros do Palácio de Belém, sem resistência conhecida de Eanes, e acabou votado ao ostracismo pelo Presidente cessante e pelas forças que o apoiam. Estão neste caso alguns ex-conselheiros da Revolução e um número considerável de outros militares, agrupados na Associação 25 de Abril.

Neste sentido, a derrota de Pintasilgo marca de alguma forma o enterrar de um certo idealismo abrilista, que conseguiu sobreviver a 11 anos de agitado processo político.

Por detrás de Salgado Zenha, ficam três grandes derrotados: Ramalho Eanes, o PCP e o PRD.

Descendo da cadeira do poder, em Belém, para se envolver directamente na luta político-partidária, Ramalho Eanes aceitou um desafio que sabia, à partida, comportar uma elevada dose de risco para o seu futuro.

Tudo começou com o êxito do PRD nas legislativas de 85, atribuído em grande parte à presença de Manuela Eanes na campanha eleitoral. Seguiu-se o apoio a um candidato presidencial e, ainda mais, a sua descida à arena, para declarar o seu voto em Zenha.

Desastre

Depois do afundamento do PRD nas autárquicas de Dezembro, tudo desaconselhava — ou pelo menos obrigava a reforçados cuidados — um excessivo empenhamento político do casal Eanes nas presidenciais. Para além disso, havia Lourdes Pintasilgo, cuja presença não era pacífica quer entre os renovadores-democráticos quer para os comunistas. E o que sucedeu com Costa Brás era mais uma razão para que Eanes não se deixasse amarrar a novos compromissos.

Não foi assim, e o Presidente cessante iniciará dentro de poucas semanas vida nova sem o capital de prestígio inerente a um vencedor.

Para além disso, o «seu» partido, o PRD, demonstrou não ser aquela força em ascensão que parecia, à saída das últimas legislativas. Desastrosas nas autárquicas, não conseguiu, nas presidenciais, canalizar o que se supunha ser o seu eleitorado (mais de um milhão de votos) para Zenha, deixando-o quase na dependência exclusiva do PCP. Quando Eanes deixar a Presidência, ficando em condições de «alinhar» numa actividade partidária, aquela força que ele fez

nascer, não parece estar nas melhores condições, antes surge bem à beira do abismo.

Quanto ao PCP, que apostou em Zenha contra a vontade de boa parte das suas bases — e neste campo conseguiu ganhar a batalha, reduzindo Pintasilgo à expressão mais simples — sai também gravemente ferido desta contenda, não tanto em consequência dos resultados obtidos pelo candidato que apoiou — e que a ele se ficaram quase exclusivamente a dever —, mas sobretudo porque à segunda volta está aquele político que a direcção comunista elegeu como «inimigo número um», Mário Soares.

Ángelo Veloso e Álvaro Cunhal, que ao longo de toda a campanha não o pouparam às críticas mais violentas, confrontam-se agora com a dura realidade de terem de apoiar Soares ou de se demitirem de qualquer intervenção activa nesta segunda volta, o que seria uma aberração na política interventora que sempre defenderam.

Mais: a posição de Soares, reforçada já nesta primeira volta, coloca no horizonte da direcção comunista a eventualidade de um PS mais empenhado na linha «soarista», que se tem mostrado como a mais forte opositora da Soeiro Pereira Gomes desde 1975.

Também para Eanes esta última possibilidade se apresenta pouco animadora, já que tudo indica que na sua estratégia política recente tenha sido determinante a opção de alguns dos seus «homens» quanto à necessidade de «virar» o PS por dentro, inflctindo-o para caminhos mais próximos da política que há dez anos era defendida pelo «grupo dos nove».

A segunda volta

A batalha de 16 de Fevereiro, entre um homem sem carisma, mas que polariza a direita, e um batalhador incansável, uma espécie de «Fénix» da política, apresenta-se difícil.

Freitas do Amaral parte com uma vantagem de mais de um milhão de votos sobre Soares e com a «embalagem» de uma vitória folgada na primeira volta.

Soares tem de conseguir captar parte dos eleitos de Zenha e de Pintasilgo e, sobretudo, de mobilizar a área de abstenção de esquerda, uma «zona cinzenta» do eleitorado que, dividida entre as posições de Eanes e do PCP, por um lado, e a presença de Pintasilgo, por outro, terá optado pela abstenção. Tarefa importante será igualmente a de ir buscar eleitores do PSD a Freitas do Amaral.

A Freitas, em termos aritméticos, restar-lhe-á aumentar menos de cinco pontos para garantir a vitória; a Soares faltam-lhe quase 16 pontos. O desnível é grande e só parece possível de ultrapassar se no vencedor das «primárias da esquerda» se concentram agora os 53 por cento do eleitorado que não votou ontem à direita. **A maioria sem dúvida.**

ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS / 86

DISTRITOS	ELEITORES INSC.	Salgado Zenha		M. ^a Lourdes Pintasilgo		Freitas Amaral		Mário Soares		Ramalho Eanes		Soares Carneiro	
		Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%
Aveiro	464 194	30 868	8,80	17 345	4,94	200 008	57,0	102 684	29,26	161 264	46,1	177 116	50,6
Beja	150 877	58 233	54,76	6 117	5,75	22 648	21,30	19 347	18,19	87 664	74,5	24 395	20,7
Braga (a)	511 237	52 751	13,46	20 218	5,16	206 747	52,74	112 263	28,64	197 162	52,1	170 796	45,1
Bragança	140 771	6 125	6,64	2 234	2,42	60 868	66,02	22 972	24,92	35 698	36,2	59 890	60,7
Castelo Branco	192 752	24 671	18,09	7 638	5,60	72 295	53,0	31 812	23,32	80 341	55,1	61 140	41,9
Coimbra	351 684	33 429	13,66	19 570	7,99	112 913	46,12	78 894	32,23	147 345	57,0	102 930	39,8
Évora	146 065	60 061	52,65	6 665	5,84	31 613	27,71	15 734	13,79	85 820	70,4	31 270	25,7
Faro	266 496	48 564	25,40	13 644	7,14	77 570	40,57	51 410	26,89	128 720	64,9	61 282	30,9
Guarda	165 849	9 007	7,88	3 704	3,24	71 902	62,94	29 625	25,93	50 249	40,4	70 556	56,7
Leiria	329 661	26 816	11,10	13 525	5,60	145 554	60,26	55 653	23,04	111 447	45,3	126 203	51,3
Lisboa	1 661 690	338 470	26,37	136 397	10,63	512 158	39,91	296 395	23,09	792 652	60,7	469 173	35,9
Portalegre	116 111	33 137	37,10	5 196	5,82	28 961	32,42	22 024	24,66	65 466	68,6	27 485	28,8
Porto (b)	1 171 490	152 919	16,71	64 566	7,06	413 407	45,17	284 250	31,06	523 634	57,9	355 723	39,3
Santarém	365 602	68 133	24,96	25 522	9,35	117 657	43,10	61 661	22,59	173 821	61,4	99 911	35,3
Setúbal	738 253	187 907	45,53	48 600	11,77	104 122	25,23	72 116	17,47	299 596	74,7	82 290	20,5
V. do Castelo	196 719	14 702	10,59	9 506	6,85	81 815	58,92	32 829	23,64	63 172	44,8	74 052	52,5
Vila Real	196 854	9 362	7,06	3 655	2,76	84 459	63,73	35 050	26,45	53 884	39,1	80 052	58,3
Viseu	321 240	14 409	6,46	6 591	2,95	147 696	66,21	54 391	24,38	82 730	36,0	139 077	60,6
Açores	172 979	7 570	7,24	2 928	2,80	61 274	58,57	32 841	31,39	65 399	57,2	46 059	40,3
Madeira	173 829	8 235	6,94	4 586	3,87	74 688	62,96	31 123	26,23	52 208	44,3	60 160	51,1
TOTAIS	6 921 917									3 258 272	56,5	2 319 847	40,2

Distrito de Aveiro

CONCELHOS	ELEITORES	Salgado Zenha		M.ª Lourdes Pintasilgo		Freitas do Amaral		Mário Soares		Ramalho Eanes		Soares Carneiro	
		INSC.	Votos %	Votos %	Votos %	Votos %	Votos %	Votos %	Votos %	Votos %			
AVEIRO	46 570	3 023	8,4	2 309	6,4	21 736	60,9	8 569	24,0	15 717	44,3	18 672	52,6
Águeda	33 227	2 212	9,1	876	3,6	13 681	56,5	7 427	30,7	11 678	46,9	12 187	49,0
Alb.-a-Velha	16 014	818	6,8	448	3,7	7 528	63,0	3 138	26,3	4 820	40,3	6 766	56,6
Anadia	23 507	749	4,2	370	2,0	11 805	66,5	4 827	27,1	6 098	34,0	11 195	62,5
Arouca	17 577	404	3,1	513	3,9	9 218	71,0	2 841	21,8	3 823	29,4	8 550	65,8
Castelo Paiva	11 763	586	6,7	394	4,5	4 462	51,1	3 283	37,6	4 693	55,1	3 519	41,4
Espinho	25 320	3 422	17,1	1 207	6,0	9 107	45,7	6 179	31,0	7 906	40,9	11 007	56,9
Estarreja	19 882	2 027	13,8	596	4,0	9 159	62,7	2 810	19,2	5 909	39,6	8 571	57,4
Feira	78 718	5 126	8,4	3 543	5,8	28 697	47,5	23 031	38,1	32 180	54,7	24 837	42,2
Ílhavo	22 985	1 355	8,3	722	4,4	9 821	60,2	4 409	27,0	7 793	47,3	8 062	48,9
Mealhada	14 723	1 113	10,5	801	7,6	4 235	40,3	4 359	41,4	6 683	61,5	3 793	34,9
Murtosa	7 313	197	4,0	113	2,3	3 848	79,3	689	14,2	1 496	27,7	3 792	70,2
Oliv. Azeméis	45 539	2 967	8,5	1 636	4,7	18 503	53,4	11 510	33,2	17 928	51,5	15 739	45,3
Oliv. Bairro	14 073	266	2,4	181	1,6	8 815	81,9	1 493	13,8	2 066	19,1	8 478	78,4
Ovar	32 893	4 022	16,7	2 250	9,3	10 544	43,8	7 218	30,0	14 147	58,5	9 320	38,5
S. João Madeira	13 730	1 246	11,3	682	6,2	4 940	44,8	4 137	37,5	5 602	53,8	4 410	42,3
Sever Vouga	10 505	387	4,7	216	2,6	6 138	75,0	1 441	17,6	2 068	25,4	5 832	71,7
Vagos	13 653	196	1,8	164	1,5	9 070	86,7	1 025	9,8	1 822	17,6	8 306	80,3
Vale Cambra	18 169	752	5,3	324	2,3	8 701	61,8	4 298	30,5	5 734	42,2	7 181	52,8
TOTAIS													

Distrito de Beja

CONCELHOS	ELEITORES	Salgado Zenha		M.ª Lourdes Pintasilgo		Freitas do Amaral		Mário Soares		Ramalho Eanes		Soares Carneiro	
		INSC.	Votos %	Votos %	Votos %	Votos %	Votos %	Votos %	Votos %	Votos %			
BEJA	29 804	11 358	50,13	1 671	7,38	4 940	21,81	4 686	20,68	17 647	72,4	5 437	22,3
Aljustrel	10 132	4 887	61,58	343	4,32	1 042	13,13	1 664	20,97	6 913	80,9	1 279	15,0
Almodôvar	8 328	1 913	36,68	175	3,36	1 407	26,98	1 720	32,98	4 130	72,3	1 345	23,6
Alvito	2 282	910	51,38	78	4,40	525	29,64	258	14,57	1 370	69,9	545	27,7
Barrancos	1 651	851	67,92	31	2,47	176	14,05	195	15,56	924	75,4	157	12,8
Castro Verde	6 293	2 522	57,96	409	9,40	737	16,94	683	15,70	3 552	77,0	689	14,9
Cuba	4 719	2 194	61,68	197	5,54	678	19,06	488	13,72	3 106	77,1	776	19,3
Ferr. Alentejo	8 940	3 654	56,48	223	3,45	1 184	18,30	1 408	21,77	5 468	74,7	1 605	21,9
Mértola	9 562	3 950	64,52	287	4,69	1 096	17,90	789	12,89	5 501	77,6	1 331	18,8
Moura	15 654	5 547	55,0	764	7,58	1 900	18,84	1 884	18,58	9 518	78,4	2 162	17,8
Odemira	24 360	9 300	56,16	974	5,88	4 098	24,75	2 187	13,21	13 391	74,2	3 580	19,8
Ourique	6 658	2 164	48,09	117	2,60	1 477	32,82	742	16,49	3 291	67,6	1 387	28,5
Serpa	16 744	6 601	57,05	493	4,26	2 454	21,21	2 022	17,48	9 148	71,4	3 105	24,2
Vidigueira	5 916	2 382	55,37	355	8,25	934	21,71	631	14,67	3 705	75,0	997	20,2
TOTAIS													

Distrito de Braga

CONCELHOS	ELEITORES	Salgado Zenha		M.ª Lourdes Pintasilgo		Freitas do Amaral		Mário Soares		Ramalho Eanes		Soares Carneiro	
		INSC.	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos
BRAGA	92 062	15 079	20,33	4 326	5,83	33 222	44,80	21 534	29,04	41 039	59,7	26 077	37,9
Amares	12 160	486	5,27	168	1,82	6 038	65,45	2 533	27,46	3 296	37,2	5 344	60,4
Barcelos	71 624	3 693	6,37	3 608	6,23	35 899	61,97	14 732	25,43	21 836	39,9	31 228	57,1
Cab. de Basto	13 334	585	5,89	216	2,17	5 717	57,56	3 415	34,38	3 918	39,8	5 652	57,4
Cel. de Basto	15 671	991	8,80	326	2,90	7 469	66,36	2 470	21,94	4 376	38,0	6 593	57,3
Esposende	19 883	1 024	6,62	591	3,82	10 647	68,79	3 216	20,78	5 430	36,5	9 046	60,9
Fafe	33 505	2 772	11,07	1 207	4,82	11 693	46,68	9 378	37,44	13 498	54,7	10 604	43,0
Guimarães	103 205	16 382	21,13	4 848	6,25	32 995	42,55	23 314	30,07	51 186	65,0	25 437	32,3
Póvoa de Lanh.	14 829	570	5,06	279	2,48	7 028	62,39	3 387	30,07	4 494	41,6	6 034	55,9
T. do Bouro	7 318	454	8,46	159	2,96	3 764	70,12	991	18,46	1 673	30,1	3 716	67,0
V. do Minho	12 406	808	9,45	415	4,86	5 144	60,19	2 179	25,50	3 607	42,0	4 730	55,1
V.N. Famalicão	77 882	8 403	13,30	3 679	5,82	30 966	49,02	20 121	31,85	34 769	58,7	22 792	38,4
Vila Verde	30 692	1 504	6,52	396	1,72	16 165	70,11	4 993	21,65	8 013	36,1	13 543	61,1
TOTAIS													

Distrito de Bragança

CONCELHOS	ELEITORES	Salgado Zenha		M.ª Lourdes Pintasilgo		Freitas do Amaral		Mário Soares		Ramalho Eanes		Soares Carneiro	
		INSC.	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos
BRAGANÇA	27 476	1 051	5,74	679	3,7	11 124	61,1	5 349	29,3	8 386	42,6	10 812	54,9
Alfândega Fé	6 008	361	8,6	94	2,2	2 791	66,5	946	22,5	1 599	35,6	2 771	61,7
Carr. Ansiães	8 081	347	6,42	105	1,9	3 802	70,3	1 151	21,3	1 686	27,5	4 239	69,2
F. Espada Cinta	4 513	253	8,4	104	3,4	1 676	56,1	954	31,9	1 508	47,5	1 567	49,4
Mac. Cavaleiros	15 788	529	5,0	218	2,06	7 524	71,1	2 312	21,8	3 594	32,1	7 240	64,7
Miranda Douro	7 894	301	5,7	92	1,7	3 478	66,7	1 337	25,6	1 797	33,8	3 315	62,3
Mirandela	21 532	1 480	9,9	319	2,15	9 648	65,1	3 366	22,7	5 888	38,8	8 687	57,3
Mogadouro	11 325	243	3,2	98	1,3	5 609	75,8	1 449	19,5	2 007	24,9	5 800	72,0
Torre Moncorvo	10 803	419	5,9	172	2,4	4 322	60,8	2 185	30,7	3 013	39,3	4 419	57,6
Vila Flor	7 227	552	11,02	160	3,2	3 306	66,03	989	19,7	2 057	39,4	3 011	57,7
Vimioso	6 091	122	3,3	69	1,8	2 579	69,8	924	25,01	1 179	28,1	2 904	69,3
Vinhais	12 501	467	6,1	124	1,6	5 009	65,8	2 010	26,4	2 984	36,0	5 044	60,8
TOTAIS													

Distrito de Castelo Branco

CONCELHOS	ELEITORES	Salgado Zenha		M.ª Lourdes Pintasilgo		Freitas do Amaral		Mário Soares		Ramalho Eanes		Soares Carneiro	
		INSC.	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos
CASTELO BRANCO	44 933	6 161	18,2	1 772	5,2	17 410	51,6	8 367	24,8	20 960	60,2	13 031	37,4
Belmonte	5 989	758	19,3	164	4,1	1 719	43,9	1 270	32,4	2 766	65,5	1 320	31,3
Covilhã	47 262	10 490	30,2	3 206	9,2	12 533	36,1	8 469	24,4	24 881	67,3	10 729	29,0
Fundão	27 169	3 215	17,4	958	5,1	9 257	50,1	5 029	27,2	12 168	60,7	7 228	36,1
Idanha-a-Nova	14 180	1 648	18,7	561	6,3	4 031	45,8	2 556	29,0	6 859	64,4	3 444	32,3
Oleiros	8 200	131	2,2	72	1,2	5 022	85,4	652	11,0	1 271	20,0	4 953	78,0
Penamacor	7 906	400	7,8	185	3,6	2 840	55,4	1 698	33,1	3 052	53,4	2 412	42,2
Proença-a-Nova	10 101	269	3,5	158	2,0	6 213	81,0	1 023	13,3	2 002	26,2	5 496	71,9
Sertã	16 837	571	4,8	260	2,1	9 518	80,0	1 539	12,9	3 234	25,6	8 999	71,3
Vila de Rei	4 072	89	3,0	70	2,3	2 560	86,5	239	8,0	550	17,2	2 564	80,4
V. Velha Ródão	4 600	939	28,1	232	6,9	1 192	35,7	970	29,1	2 598	71,3	964	26,5
TOTAIS													

O País distrito a distrito

Zenha não conseguiu segurar os votos do PRD

A transferência de votos da área das forças políticas que manifestaram apoio à candidatura de Francisco Salgado Zenha para os candidatos Diogo Freitas do Amaral e Mário Soares constitui porventura um dos aspectos mais significativos destas eleições. Se compararmos os resultados obtidos por cada um dos partidos concorrentes ao último acto eleitoral para a Assembleia da República com o total dos votos conseguidos pelos quatro candidatos que se apresentaram ao eleitorado, constataremos facilmente que do PRD e da APU, na sua globalidade, se escaparam muitas centenas de milhares de votos.

De acordo com os resultados oficiais às duas da manhã, Salgado Zenha conseguiu, a nível nacional, obter menos 742 734 votos do que o número total de boletins escrutinados nas eleições para o Parlamento pelos dois partidos que lhe deram o seu apoio. Poder-se-ia dizer que a transferência se fez para Maria de Lourdes Pintasilgo. Porém, esta candidata também não conseguiu somar mais do que 417 123 votos, o que quer dizer que sobraram ainda 325 611.

À mesma hora e segundo os resultados do Ministério da Justiça, Freitas do Amaral teria recebido mais 357 188 votos do que o total obtido nas eleições anteriores pelas duas forças que, igualmente, o apoiaram: o PSD e o CDS. Mário Soares, por seu turno, viu o «score» aumentado em relação à percentagem obtida pelo seu partido em 6 de Outubro. O PS, que tivera então 1 193 865 votos, viu agora o seu ex-secretário-geral somar a este número mais 247 187 boletins validamente expressos.

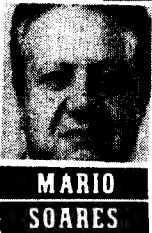
O País por ordem alfabética

No distrito de Aveiro não houve surpresas: Freitas do Amaral ganhou por margem considerável e Mário Soares obteve o segundo lugar. A título de curiosidade, podemos recordar que o ex-dirigente do CDS teve nestas eleições e neste distrito mais de 20 mil votos do que o resultado conseguido em 1980 pelo general Soares Carneiro. Neste caso seria abusivo fazer-se qualquer tipo de comparação da percentagem obtida pelo general Eanes e Salgado Zenha

Satisfação natural com os resultados mas serenidade para última batalha

Augusto Vilela

BELEM



MÁRIO SOARES
A festa que os apoiantes de Mário Soares fizeram pela noite fora, com milhares de pessoas concentradas junto às sedes do MASP e longas caravanas de automóveis percorrendo as ruas, é uma forma dinâmica de celebrar o «sprint» final do seu corredor de fundo. Não pode, porém, confundir-se com triunfalismo. A alegria que vivem na rua, corresponde uma grande serenidade e cabeça fria, tanto do próprio candidato como do «staff» que o rodeia e que desempenhou um papel importante na construção desta vitória de Mário Soares, ele próprio, comedido e sereno, na breve declaração que fez aos jornalistas cerca das 22.30 de ontem, quando os resultados estavam praticamente definidos.

O Espaço Valbom, na avenida do mesmo nome, foi o local escolhido pelo MASP para instalar o seu quartel general. À hora de encerramento das urnas Mário Soares já ali se encontrava, num dos pisos superiores, bem como alguns responsáveis da sua candidatura e algumas dezenas de apoiantes. Mas o ambiente era de uma grande expectativa. Pessimismo não havia. Antes uma certa reserva. Ninguém arriscava previsões. O fogo cruzado de sondagens e contra-sondagens dos últimos dias lançara uma certa perplexidade.

Chegam os primeiros resultados. A princípio pouco conclusivos mas pouco a pouco a permitirem esboçar já as primeiras previsões. O MASP aquecia em lume brando. Mas ia aquecendo e, quando cerca das 21 horas eram conhecidas as primeiras projecções dos resultados, indicando Soares como quase certo na segunda volta, o ambiente era já outro.

Personalidades ligadas à candidatura de Soares começaram a surgir, enquanto na rua a multidão crescia seguindo a reportagem da televisão através de um écran gigante instalado na fachada do edifício.

Pouco depois já não havia muitas dúvidas de que Soares seria o adversário de Freitas na segunda volta. O espírito de muita gente voltava-se já para o dia 16 de Fevereiro. Outras contas começavam a ser feitas, contas que levavam a concluir que a esquerda continua a ser maioritária em Portugal. Claro que, para uma vitória de Soares serão necessários todos os votos incluindo os dos comunistas. Como vai ser então?

António Barreto é o primeiro a abordar indirectamente esta questão ao afirmar não poder acreditar «que os trabalhadores portugueses, incluindo os trabalhadores comunistas, prefiram colocar na Presidência Freitas do Amaral ou absterem-se».

A rapidez com que foram conhecidos os resultados não

deu tempo para grandes sofrimentos. As apreensões dos mais cépticos cedo desapareceram.

O aparecimento de Soares à janela do edifício do Espaço Valbom desencadeou o entusiasmo e marcou o início da festa. Pouco depois ouvia-se o estrondo de foguetes, agitavam-se bandeiras, gritava-se «Soares é fixe», talvez o «slogan» mais bem sucedido da campanha deste candidato.

Para a batalha final

A alegria que se vivia no exterior não tinha porém idêntica correspondência ao ambiente no interior do Espaço Valbom. Aqui podia falar-se de satisfação. Nunca de entusiasmo cego ou perturbante. Pensava-se bastante mais no futuro, na batalha final do próximo dia 16 de Fevereiro.

As declarações de Lurdes Pintasilgo e de Salgado Zenha tornando público o seu apoio a Mário Soares na segunda volta foram bem recebidas e tranquilizaram muitos corações inquietos.

Lopes Cardoso disse não esperar outra coisa de Salgado Zenha pois, para além das divergências que têm tido em diversas ocasiões ele é um democrata. Diz também que o «eventual» silêncio do Ramalho Eanes na segunda volta será um apoio implícito à candidatura de Freitas.

O dirigente da UEDS afirma que a esquerda é maioritária e que, se todos mantiverem o seu voto, «a esquerda ganhará».

Defende que «não é altura para recriminações» que «é altura de cerrar fileiras à volta de uma candidatura democrática», que «todos os votos que se opuseram a Freitas do Amaral devem agora concentrar-se em Mário Soares».

Por todos os lados se fazem contas ao futuro, exaustivos exercícios de aritmética eleitoral. A conclusão é que a esquerda tem as suas divisões, as suas linhas de fractura, mas é ainda mais importante o que a



une do que aquilo que a separa, especialmente neste confronto decisivo.

António Vitorino, portavoz da candidatura de Soares afirmou-nos que «o eleitorado entendeu a mensagem de estabilidade que o candidato lançou ao longo da campanha», e que «inicia-se agora uma segunda fase deste combate com o objectivo de derrotar o candidato de direita e levar Soares à Presidência da República».

«Neste sentido, o nosso objectivo é congregar a maioria

de esquerda que existe de facto neste País, como os próprios resultados eleitorais desta primeira volta confirmam e congregar os abstencionistas, que muito possivelmente passarão a optar na segunda volta quando for claro que se defrontam dois projectos: o de direita encabeçado por Freitas do Amaral e o da esquerda democrática personificado pelo dr. Mário Soares».

A tarefa agora é unir toda a esquerda contra uma candidatura que, como já se viu ontem no Porto, contém os germens

de uma violência que não augura nada de tranquilizador.

As primeiras pontes estão lançadas através das declarações públicas de Zenha e Lurdes Pintasilgo e de elementos da candidatura de Soares.

José Lello, coordenador do MASP no Porto considerou que «existem grandes perspectivas de vitória do candidato socialista». Sobre o voto dos comunistas disse que «como patriotas que se advogam de uma perspectiva de esquerda, os comunistas não poderão renegar o voto no natural candidato da sua área», nem acredi-

tar que «com a sua eventual abstenção viabilizem a vitória de Freitas do Amaral», expressão mais conservadora da direita portuguesa. Acrescentou que «apesar de todas as divergências existentes o eleitorado APU tem de compreender e compreender de certeza, o que agora está em jogo».

No mesmo sentido se pronunciou já o mandatário de Zenha nos Açores, Roberto Amaral, ao afirmar que, na segunda volta, «há que cerrar fileiras na oposição a Freitas do Amaral», salientando que «apesar de tudo há que votar num candidato que teve a ver com o 25 de Abril».

A partir de hoje começa a contagem decrescente para a batalha mais decisiva destes últimos onze anos. Soares conseguiu a sua vitória com um discurso eleitoral de esquerda e assumindo sem reservas o 25 de Abril. Agora há que dar-lhe conteúdo, superar divergências. A esquerda portuguesa tem ao seu alcance uma estrondosa vitória, que pode repercutir-se até ao nível parlamentar, ou uma estrondosa derrota, se não for capaz de encontrar indispensáveis pontos de convergência, tendo em conta que convergir não é coincidir.

Soares aos jornalistas

A esquerda não deve cometer o suicídio de dar a vitória à direita

Na mesma linha de comportamento que tinha caracterizado a sua campanha, Mário Soares absteve-se de qualquer manifestação triunfalista, depois de conhecidos os resultados. O mesmo comportamento se verificou por parte dos seus colaboradores mais próximos. As torrentes de declarações inadequadas e por vezes contraditórias a que se assistiu em eleições anteriores, sucede agora um posicionamento mais cerebral e pragmático.

Uma conferência de Imprensa havia sido anunciada para as 22.30 na Cande Valbom, mas houve que esperar um pouco mais. Soares quis primeiro seguir, pela Rádio e pela Televisão, as declarações das outras candidaturas.

Acompanhado pela mulher, pelo coordenador da sua campanha, dr. Gomes Mota, por Fraústo da Silva, mandatário nacional, Nuno Delerue, mandatário da Juventude do MASP, e Sofia de Mello Breyner, Soares surgiu perante os jornalistas com uma grande serenidade, sem qualquer manifestação de euforia.

Foi um encontro de poucos minutos. Anunciou que apenas faria uma breve declaração, pois tencionava dar uma conferência de Imprensa hoje ou amanhã e por isso não responderia a perguntas, até porque as outras candidaturas e forças políticas ainda não se haviam expressado sobre a análise dos resultados.

Começou por recordar que, como havia dito durante a campanha, «depois desta eleição nada ficará como antes». Disse pensar que «o povo português, no plano de esquerda, disse não à radicalização e sim à esquerda democrática». Afirmou depois que «os trabalhadores e os mais humildes e mais pobres, que temem os privilégios, elegeram-me como seu natural defensor».

Cumprimento as outras candidaturas especialmente Lurdes Pintasilgo, «pela coragem demonstrada» e salientou que, como havia dito, a sua vitória não seria a derrota de ninguém.

Prosseguindo na sua declaração, chamou a atenção para o facto de que estas eleições foram primárias e que, «apesar da

votação que teve Freitas do Amaral, a esquerda continua a ser largamente maioritária em Portugal», pelo que pensa estarem criadas as condições para a sua renovação.

«Penso que os democratas, aqueles que são fiéis ao 25 de Abril na sua pureza original, e em especial os trabalhadores, vão sentir a necessidade de me apoiar na segunda volta. É agora que o verdadeiro combate vai começar. Da mesma maneira que para a primeira volta parti em condições difíceis, parto agora também em condições difíceis, mas penso que tenho condições favoráveis».

Soares afirmaria depois que estavam do seu lado todos os que têm «uma concepção moderna e europeísta para a sociedade portuguesa, agradecendo a todos os portugueses que tiveram confiança em si e a todos os que se empenharam e lutaram para impor a sua candidatura».

«É devida também uma palavra muito especial para a juventude, que foi a alma desta campanha, revelando uma grande criatividade, e a ao esforço das mulheres».

Terminou a sua declaração com «um aceno de simpatia» ao eleitorado das regiões autónomas.

Mais tarde, em declarações breves à Imprensa estrangeira, Soares declarava que havia ganhado a primeira batalha sublinhando novamente que a esquerda é maioritária em Portugal.

Salientou o facto dos outros candidatos terem dito que o apoiavam, afirmando que para se verificar uma vitória de Freitas do Amaral era necessário que houvesse «uma votação suicida». Concluiu lembrando que a «esquerda agora deve reflectir e não cometer o suicídio de dar a vitória à direita».

Depois escapou-se, para pouco depois assomar à janela do edifício perante uma multidão que o aclamava. Mas era nítido que o seu espírito estava longe dali. Soares já pensava obstinadamente na maneira de dar a volta à segunda volta.

Augusto Vilela

Distrito de Coimbra

CONCELHOS	ELEITORES	Salgado Zenha		M.ª Lourdes Pintasilgo		Freitas do Amaral		Mário Soares		Ramalho Eanes		Soares Carneiro	
		INSC.	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos
COIMBRA	111 209	16 737	20,07	9 225	11,06	32 036	38,42	25 380	30,44	53 677	62,7	28 945	33,8
Arganil	12 317	481	5,42	281	3,16	5 497	61,91	2 620	29,51	4 135	43,8	5 060	53,6
Cantanhede	29 868	863	4,17	441	2,13	13 675	66,02	5 734	27,68	7 849	35,8	13 538	61,7
Cond.-a-Nova	10 241	1 417	19,27	611	8,31	2 831	38,51	2 493	33,91	5 227	66,5	2 419	30,8
Fig. da Foz	49 382	6 042	17,91	3 944	11,69	12 855	38,11	10 888	32,88	24 663	67,8	10 519	28,9
Goís	5 167	151	4,53	100	3,0	1 713	51,38	1 370	41,09	1 679	45,5	1 916	51,9
Lousã	10 459	675	9,03	546	7,30	3 292	44,02	2 966	39,66	4 637	61,8	2 609	34,7
Mira	10 163	296	4,13	188	2,63	4 072	56,88	2 603	36,36	3 376	46,0	3 800	51,8
M. do Corvo	9 191	634	9,97	339	5,33	2 894	45,50	2 494	39,21	3 898	57,5	2 683	39,6
Mont.-o-Velho	21 163	2 182	15,91	1 319	9,62	5 168	37,67	5 049	36,81	10 341	68,6	4 248	28,2
Oliv. Hospital	18 090	504	3,92	292	2,27	7 657	59,61	4 393	34,20	5 878	42,0	7 700	55,0
Pamp. da Serra	6 054	241	5,86	83	2,02	2 894	70,35	896	21,78	1 413	32,4	2 825	64,9
Penacova	13 172	567	6,25	491	5,41	5 119	56,39	2 901	31,96	4 220	46,7	4 830	51,0
Penela	6 319	349	8,50	179	4,36	2 583	62,91	995	24,23	1 971	42,5	2 522	54,4
Soure	18 357	1 530	12,62	1 206	9,95	4 191	34,58	5 194	42,85	9 239	69,9	3 537	26,8
Tábua	10 345	404	5,78	138	1,97	4 464	63,87	1 983	28,37	3 089	40,7	4 257	56,2
V. Nova Poiares	5 272	356	10,32	187	5,42	1 972	57,16	935	27,10	1 853	53,0	1 522	43,5
TOTAIS													

Distrito de Évora

CONCELHOS	ELEITORES	Salgado Zenha		M.ª Lourdes Pintasilgo		Freitas do Amaral		Mário Soares		Ramalho Eanes		Soares Carneiro	
		INSC.	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos
ÉVORA	41 501	15 159	45,95	2 840	8,61	9 990	30,28	5 001	15,16	23 146	68,0	9 294	27,3
Alandroal	6 645	3 208	64,68	184	3,71	1 084	21,85	484	9,76	4 162	74,8	1 202	21,6
Arraiolos	7 176	3 676	63,38	264	4,55	1 293	22,29	567	9,78	4 664	72,9	1 391	21,8
Borba	6 961	3 000	54,92	170	3,11	1 452	26,58	840	15,38	4 289	75,2	1 239	21,7
Estremoz	14 670	5 162	45,91	555	4,94	4 058	36,09	1 468	13,06	8 080	65,3	3 854	31,2
Mont.-o-Novo	16 515	8 658	62,80	523	3,79	2 914	21,14	1 692	12,27	10 819	74,3	3 285	22,5
Mora	5 935	2 709	56,88	171	3,59	1 393	29,25	490	10,29	3 297	64,4	1 667	32,5
Mourão	2 717	879	46,36	87	4,59	624	32,91	306	16,14	1 446	66,7	650	30,0
Portel	6 657	3 183	64,28	129	2,61	1 033	20,86	607	12,26	4 048	73,3	1 254	22,7
Redondo	6 744	2 566	53,83	379	7,95	1 247	26,16	575	12,06	3 742	69,0	1 330	24,5
Reg. Monsaraz	9 407	3 099	45,68	499	7,36	1 841	27,14	1 345	19,83	5 532	72,9	1 828	24,1
Vendas Novas	9 064	3 660	50,48	316	4,36	2 206	30,43	1 068	14,73	5 240	69,9	2 032	27,1
V. Alentejo	5 102	2 307	59,29	332	8,53	832	21,38	420	10,79	3 244	76,1	838	19,7
Vila Viçosa	6 986	2 795	50,56	216	3,91	1 646	29,78	871	15,76	4 111	72,4	1 406	24,8
TOTAIS													

Distrito de Faro

CONCELHOS	ELEITORES	Salgado Zenha		M.ª Lourdes Pintasilgo		Freitas do Amaral		Mário Soares		Ramalho Eanes		Soares Carneiro	
		INSC.	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos
FARO	37 289	7 371	26,39	2 130	7,63	11 947	42,77	6 485	23,22	17 711	61,6	10 059	35,0
Albufeira	14 008	1 761	18,22	398	4,12	4 779	49,44	2 728	28,22	6 080	60,5	3 711	36,9
Alcoutim	4 515	625	22,55	176	6,35	1 008	36,36	963	34,74	2 013	64,4	983	31,4
Aljezur	4 779	1 329	41,18	335	10,38	681	21,10	882	27,33	2 836	80,0	542	15,3
Castro Marim	5 618	883	23,38	188	4,98	1 251	33,12	1 455	38,52	2 869	70,2	1 021	25,0
Lagoa	12 022	2 693	26,95	810	9,01	3 500	38,93	1 988	22,11	6 469	69,4	2 431	26,1
Lagos	16 704	3 692	29,23	1 646	13,03	4 165	32,98	3 126	24,75	8 944	70,5	3 142	24,8
Loulé	36 307	4 437	17,25	1 175	4,57	13 527	52,60	6 576	25,57	14 804	55,6	10 681	40,1
Monchique	8 375	1 397	24,39	393	6,86	2 538	44,32	1 399	24,43	3 409	54,4	2 538	40,5
Olhão	27 482	3 989	20,74	1 269	6,60	7 632	39,67	6 347	32,99	13 555	67,9	5 539	27,8
Portimão	29 486	5 894	26,25	2 007	8,94	8 448	37,62	6 106	27,19	15 152	67,6	6 408	28,6
S.B. Alportel	6 382	950	21,11	166	3,69	1 929	42,86	1 456	32,35	2 888	63,6	1 468	32,3
Silves	26 067	6 398	35,17	1 087	5,97	6 756	37,13	3 953	21,73	13 524	68,2	5 507	27,8
Tavira	19 857	2 377	17,78	699	5,23	5 673	42,44	4 619	34,53	8 598	63,0	4 335	31,7
Vila do Bispo	4 460	908	28,54	629	19,77	869	27,31	776	24,39	2 572	75,9	631	18,6
V. Real St.º Ant.º	13 086	3 860	39,33	536	5,46	2 867	29,21	2 551	25,99	7 296	73,4	2 866	23,0
TOTAIS													

Distrito da Guarda

CONCELHOS	ELEITORES	Salgado Zenha		M.ª Lourdes Pintasilgo		Freitas do Amaral		Mário Soares		Ramalho Eanes		Soares Carneiro	
		INSC.	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos
GUARDA	32 827	2 112	8,9	973	4,1	12 588	53,7	7 957	33,6	12 839	51,7	11 227	45,2
Aguiar Beira	5 638	121	3,1	50	1,2	3 030	78,2	669	17,2	721	17,2	3 367	80,1
Almeida	8 658	295	4,7	117	1,8	4 584	73,5	1 238	19,8	1 724	26,1	4 709	71,4
Cel. Beira	8 060	327	6,2	146	2,7	3 670	69,9	1 107	21,9	2 240	37,4	3 462	57,8
F. Cast. Rod.	7 360	253	4,9	93	1,8	3 531	69,7	1 235	24,1	1 126	38,0	3 292	58,8
Fornos Algodres	5 379	204	5,2	95	2,4	2 638	67,8	953	24,5	1 367	33,7	2 584	63,7
Gouveia	15 850	1 273	12,5	508	4,8	5 700	53,9	3 084	29,9	6 170	51,2	5 428	45,0
Manteigas	3 480	465	18,9	169	6,9	1 020	41,6	795	32,4	1 631	61,0	960	35,9
Meda	6 749	181	3,9	57	1,2	3 438	75,3	884	19,3	1 385	26,9	3 603	70,1
Pinhel	11 248	380	5,1	149	2,03	5 346	72,6	1 480	20,1	2 636	32,5	5 255	64,8
Sabugal	16 423	488	4,4	233	2,1	8 035	73,3	2 202	20,09	3 578	29,3	8 235	67,4
Seia	24 294	2 244	12,9	851	4,9	9 109	52,4	5 166	29,7	9 173	49,5	8 993	48,5
Trancoso	10 505	325	4,4	139	1,9	5 312	73,3	1 469	20,2	2 329	30,7	5 024	66,1
V.N. Foz Côa	8 712	339	5,9	124	2,1	3 901	67,8	1 386	24,1	2 330	33,9	4 417	64,3
TOTAIS													

Os resultados que publicamos nesta edição correspondem a totais provisórios

Imprensa estrangeira dá vitória a Freitas na segunda volta

Os meios de comunicação social espanhóis consideram o «candidato conservador» Freitas do Amaral como favorito para a segunda volta ante a «claridade» da vitória conseguida no domingo, em que os principais derrotados foram Ramalho Eanes e os comunistas.

«Freitas favorito face a Soares para ocupar a Presidência portuguesa», titula em primeira página o jornal independente «El País», em sua primeira edição.

«A claridade da vitória de Freitas torna-o favorito para o triunfo na segunda volta», escreve este jornal para quem os resultados supõem uma «grande vitória» para o «candidato conservador».

Na opinião dos jornalistas de «El País», Freitas do Amaral é o «primeiro beneficiado da onda de centro-direita que percorre Portugal».

Mário Soares conseguiu uma «vitória relativa» e «recupera-se do duríssimo castigo que lhe os eleitores aplicaram nas eleições legislativas de Outubro».

«Os grandes derrotados são o Partido Comunista e o presidente Ramalho Eanes, em particular este último que apostou todo o seu prestígio acumulado durante 10 anos a favor de Salgado Zenha», escreve em primeira página o «El País».

Os «pobres» resultados conseguidos por Maria de Lourdes Pintasilgo «supõem a definitiva derrota eleitoral do espírito do 25 de Abril».

Para este jornal, «o voto rural português fixou-se maioritariamente no candidato conservador» cuja percentagem de votos «parece impossível de superar por qualquer aliança que possam estabelecer para a segunda volta as forças da esquerda».

Para o jornal liberal «Diário 16», Freitas do Amaral também aparece como favorito e Mário Soares «recuperou passo a passo



terreno perdido com o descalabro do seu partido» nas eleições de Outubro.

Para este jornal a derrota de Salgado Zenha «arrasta os que o apoiavam, os comunistas e os eanistas».

Este jornal pergunta qual será a posição dos comunistas na segunda volta e comenta que «há observadores que acreditam que se absterão para propiciar a Freitas-Cavaco Silva para «apodreecer» a situação e ganhar posições».

Para o jornal «ABC», de direita, os resultados significam uma «vitória do centro conservador» e o «fim do protagonismo dos militares».

A televisão espanhola interrompeu a emissão do programa desportivo pouco depois das 24 horas (23 horas em Lisboa), quando já havia resultados significativos e referiu-se ao «duro golpe» para o general Ramalho Eanes e ao «rotundo fracasso de Maria de Lourdes Pintasilgo» e que «Mário Soares sofre as con-

seqüências da crise do seu partido».

A Rádio Nacional de Espanha destacou a vitória do «líder conservador» e a «confirmação de Mário Soares como líder da esquerda democrática».

Também a televisão francesa deu grande destaque aos resultados das eleições em Portugal nos seus últimos boletins da noite. O comentador do primeiro canal considerou que «como Mário Soares não deverá receber todos os votos da esquerda, a vitória deverá ir em princípio para o candidato da direita portuguesa». Ao contrário dos analistas espanhóis, aquele comentador afirmou que a percentagem obtida por Salgado Zenha constitui um bom resultado para o presidente Ramalho Eanes.

Para o segundo canal da televisão francesa, Freitas do Amaral, «partidário da ordem», não deverá ter qualquer dificuldade em levar a melhor, sozinho, face a uma esquerda dividida.

O País distrito a distrito

Continuação da pag. 6

ção, melhorando substancialmente os resultados das eleições anteriores e Salgado Zenha não passou dos 10,59 por cento.

Em Vila Real e Viseu, distritos do interior, e dos mais conservadores do País, Freitas do Amaral foi rei e senhor. No primeiro conseguiu obter 63,73 por cento dos sufrágios e no segundo 66,21. Não há surpresas nestes resultados, a não ser que o ex-líder do CDS tenha beneficiado de um aumento substancial de votos à custa do PRD... possivelmente.

A dúvida agora é o PCP

Eugénio Alves

BELEM



FREITAS DO AMARAL

Foi só depois de ouvir a declaração de Mário Soares aos jornalistas, presentes na sede do MASP, no Saldanha, que Freitas do Amaral, reunido, entre outros, com Carlos Macedo, Proença de Carvalho, Morais Leitão e Gonçalves Pereira, elaborou um curto texto que leu, pouco depois das 23 horas, à equipa de reportagem da RTP presente na sede da sua candidatura. O candidato mais votado na primeira volta deu, de imediato, o mote do que virá a ser a sua campanha dentro de quinze dias para a etapa final: «Não será um combate entre partidos e ideologias» mas antes o confronto da «estabilidade contra a instabilidade, do progresso contra a estagnação, do imobilismo contra as reformas necessárias».

O pequeno documento, relido mais tarde aos restantes jornalistas (que indignados pelo favoritismo concedido à RTP se recusaram a colocá-lo quaisquer questões) termina com um apelo «a todos os portugueses» para que ajudem o candidato apoiado pelo PSD e pelo CDS «a conquistar a vitória, não para mim, mas para a nossa pátria».

Centristas em força

A sede situada no Largo de Santa Catarina, no edifício onde outrora funcionaram os extintos vespertinos «Jornal Novo» e a «Tarde», acorreram desde as 20 horas inúmeros apoiantes e dirigentes dos partidos dirigidos por Adriano Moreira e Cavaco Silva. Os responsáveis do CDS estiveram quase em peso. E representavam todas as tendências. Vimos o actual líder, Adriano Moreira, o ex-número dois, Gomes de Pinho, o antigo rival de Lucas Pires, Luís Barbosa, além de Sá Machado, Nogueira de Brito, Kruz Abeasis (a prometer para breve sedes para o Clube dos Jornalistas e para o Clube Português de Imprensa), Narana Coissoró, o actual secretário-geral Seara Reboredo e Basílio Horta que chegou mais tarde, cerca da meia-noite, na companhia de Marcelo Rebelo de Sousa.

Desconhecia-se ainda a percentagem obtida por Freitas e Já Gomes Pinho considerava para o «DL» que se o antigo presidente do seu partido atingisse os 46-47 por cento, ganhava a segunda volta.

Adriano Moreira, outro dos dirigentes centristas que chegou cedo a Santa Catarina, considerou-nos que os resultados obtidos por Freitas e Soares representam em «primeiro lugar», a derrota do projecto de frente popular. O presidente do CDS, que estava acompanhado por Narana Coissoró, frisou que seria «abusivo» qualquer dos partidos apoiantes de Freitas reivindicar «esta vitória». Apenas podem — disse — congratular-se

«por nela ter participado».

Adriano Moreira prometeu ainda o «maior empenho» do CDS na segunda volta da campanha de Freitas. Interrogado sobre se a dinâmica criada pelos dois partidos não poderia envolver o reaparecimento, em termos organizativos, da antiga Aliança Democrática, preferiu dizer que a campanha significou apenas uma «grande mobilização dos estratos sociais que compunham a AD» e até de um «alargamento da sua base social».

«Acho que isto é o que se pode dizer neste momento» — respondeu ainda perante a nossa insistência sobre a hipótese de reaparecimento da AD.

A 2.ª volta...

«Satisfeitíssimo» estava Proença de Carvalho, director político da campanha. Foi o homem chave da campanha Freitas-86. No primeiro encontro com os jornalistas, pouco depois das 21 horas adiantou também o estilo de campanha para a segunda volta. «Freitas do Amaral — sublinhou Proença — obteve um resultado muito superior ao dos partidos que o apoiam, porque a sua candidatura é nacional, suprapartidária e independente».

Mostrou-se «muito satisfeito» por ser Mário Soares o adversário da segunda volta. «Isso representa um muito maior consenso do que se poderia imaginar por parte dos eleitores sobre os grandes problemas nacionais» — disse. Acentuou, ainda, os pontos comuns entre Freitas e Soares para, de seguida, referir as diferenças de «personalidade e de credibilidade».

O medo de um amplo apoio da esquerda a Soares em 16 de Fevereiro foi tema ainda das suas declarações. «Esperemos — disse — que Mário Soares não dê o dito por não dito e que não venha a assumir na segunda volta posições contraditórias com as que assumiu na primeira volta». Acrescentou (já rodeado por Gonçalves Pe-



reira e Carlos Macedo que se haviam atrasado...) que os eleitores «pensam com a sua cabeça». O «fracasso» dos apoios de Eanes e do PCP a Zenha, foi ainda argumento para Proença adiantar que Freitas tem «excelentes» hipóteses de vencer.

Antes, em conversa para a RTP, Carlos Macedo mostrava-se igualmente optimista, dizendo que «a esquerda não se revê no dr. Mário Soares».

A questão da segunda volta e o papel que o eleitorado do PCP nele poderá desempenhar, foram temas de outros

dos apoiantes de Freitas. O coordenador portuense da campanha, Gonçalves Afonso criticou a «equivoca ambiguidade» dos serviços da candidatura de Soares ao tentarem, mal os resultados foram conhecidos, conjugar os votos do PCP e do PRD. Frisou que

Soares não conseguiu captar de modo significativo «votos do PSD» e que nem o PCP (que sempre disse nunca votar Soares), nem o PRD (criado para destruir o PS) irão dar os votos a Mário Soares.

«Freitas do Amaral — disse — foi o grande triunfador desta primeira volta e é já seguramente o próximo Presidente da República de todos os portugueses».

Jardim: «vitória de Cavaco»

João Jardim considerou os resultados «acima de tudo uma vitória do prof. Cavaco Silva». Mostrou-se satisfeito por ter sido conseguido o objectivo de levar Mário Soares e Freitas do Amaral à segunda volta e acrescentou ser «muito difícil» que Freitas perca na segunda dada que Soares não terá o apoio do PCP.

Casqueiro, mandatário distrital de Santarém, classificou os resultados de «derrota estrondosa do PCP e do general Eanes» e adiantou serem «excelentes» as perspectivas de Freitas para a segunda volta.

Mota Amaral, lamentou que Freitas não tivesse obtido a maioria absoluta na primeira volta mas opinou que «a maioria de esquerda não funcionará» na segunda.

Barbosa de Melo, mandatário por Coimbra, considerou os resultados «um bom começo para o segundo passo desta luta» e comentou que «o século XIX enquistado na sociedade portuguesa levou hoje uma grande taponada do povo português».

Jornalistas: não aos «exclusivos»

Freitas do Amaral entrou pouco depois das 22 horas na sede da sua candidatura, acompanhado pela mulher e pelo filho mais velho. «Vitória», «vitória», gritava-se, dentro e fora do edifício. A euforia reinante na casa do largo de Santa Catarina e o número de figuras presentes, incluindo a comissão política e a mandataria nacional, Agustina Bessa Luís, terão motivado a decisão de alterar o programa do candidato que previa uma Conferência de Imprensa no Forum Picoas.

Não houve todavia, qualquer conferência. Apesar das garantias dadas por Proença de Carvalho aos jornalistas estrangeiros e portugueses (incluindo os que acompanharam a volta eleitoral de duas semanas do candidato), Freitas aceitou privilegiar Margarida Marante e Cesário Borga. Estes, lamentavelmente também, esqueceram os colegas de profissão e entenderam mesmo anunciar declarações «em exclusivo» de Freitas.

O triste episódio teve, contudo, a virtude de unir os jornalistas presentes em Santa Catarina. Freitas do Amaral releu na sala de Imprensa o texto transmitido pela TV. No final, um porta-voz dos jornalistas presentes informou-o de que não haveria quaisquer perguntas. O candidato tinha dado já a Conferência. Freitas do Amaral, aparentemente desconhecendo da trama preparada por Marante (Proença alijou responsabilidades) pediu desculpa. Os jornalistas mantiveram a sua decisão e não houve Conferência de Imprensa. Foi uma atitude exemplar. E que terá de ser mais vezes praticada nestas andanças da Informação, onde os profissionais da RTP se comportam, por vezes, como pequenos baronetes.

Champanhe e agressividade

À sua chegada à sede, Freitas do Amaral abraçou Carlos Macedo e provou champanhe oferecido por um apoiante postado à entrada do palácio. Reuniu-se, de imediato, com os seus conselheiros para preparar as primeiras declarações.

No átrio do palácio, onde funcionava um serviço de bar e onde era possível assistir a tudo quanto a RTP transmitia, graças ao écran gigante colocado num ponto central, circulavam dirigentes e simples apoiantes dos dois partidos. Por ali passaram Sousa Franco, António Maria Pereira, Manuela Aguiar, Leonardo Ribeiro de Almeida e (já citados noutra página) numerosos dirigentes do CDS. Os números distritais e certas intervenções providas do écran mereciam, por vezes, furtivos aplausos. Foi a notícia da larga maioria absoluta na Madeira. Foi a pergunta de Manuela Moura Guedes a Zenha. «Mas ela foi muito agressiva», comentou o próprio dirigente do CDS, Nogueira de Brito.

O prof. Borges de Macedo também lá esteve, em conversa animada com a secretária de Estado da Cultura, Teresa Patrício Gouveia. Nomes do espectáculo, como Paulo Alexandre, do «verde vinho», João Braga, organizador do concerto-comício no pavilhão dos Desportos. Muita alegria, muitos projectos cochichados, mas a dúvida persistente quanto à posição dos comunistas (decisiva) para a segunda volta. Do Governo não vimos qualquer ministro.

Passava já da meia-noite quando chegou, com frio e pressa, o português mais bem pago, o comissário da CEE, eng. Cardoso e Cunha. Quis evitar declarações. Insistimos. Pedimos uma previsão para a segunda volta. «Vamos a ver... Penso que Freitas do Amaral vai obter facilmente a maioria».

EA

Distrito de Leiria

CONCELHOS	ELEITORES	Salgado Zenha		M.ª Lourdes Pintasilgo		Freitas do Amaral		Mário Soares		Ramalho Eanes		Soares Carneiro	
		INSC.	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos
LEIRIA	73 004	3 901	6,8	2 293	4,02	38 794	67,9	12 116	21,2	21 146	38,3	32 572	58,9
Alcobaça	41 481	3 192	10,2	1 903	6,1	18 360	58,8	7 744	24,8	14 977	46,8	15 827	49,5
Alvaiázere	8 572	145	2,2	99	1,5	5 482	85,7	670	10,4	1 225	18,1	5 431	80,3
Ansião	12 032	359	3,9	186	2,03	7 118	14,81	77,8	16,2	2 464	25,9	6 830	71,7
Batalha	10 125	289	3,5	133	1,6	6 090	74,2	1 466	20,5	2 457	31,7	5 072	65,5
Bombarral	11 154	1 103	13,9	456	5,7	4 328	54,7	2 017	25,5	4 297	51,6	3 787	45,5
Caldas Rainha	33 701	2 828	11,5	2 159	8,8	13 834	56,6	5 604	22,9	12 511	49,6	11 910	47,2
Cast. Pêra	3 966	430	15,04	257	8,9	925	32,3	1 247	43,6	2 144	67,8	888	28,1
Figueiró Vinhos	7 188	212	3,8	143	2,6	4 258	77,8	859	15,7	1 566	27,5	3 963	69,5
Marinha Grande	24 505	6 612	36,3	2 494	13,7	4 682	25,7	4 410	24,2	13 184	71,7	4 020	21,9
Nazare	11 880	1 209	14,1	577	6,7	3 231	37,6	3 556	41,4	5 854	64,9	2 760	30,6
Óbidos	8 442	791	14,1	419	7,5	2 708	48,5	1 662	29,7	3 666	61,0	2 128	35,4
Pedrogão Grande	4 796	141	4,3	51	1,5	2 573	78,5	509	15,5	998	26,9	2 639	71,2
Peniche	19 256	3 040	21,8	864	6,2	5 695	40,9	4 324	31,06	9 558	65,0	4 733	32,2
Pombal	40 801	1 416	5,4	804	3,1	18 676	71,9	5 078	19,5	10 003	37,1	16 074	59,7
Porto Mós	17 128	1 148	8,6	687	5,1	8 800	66,04	2 690	20,1	5 397	40,2	7 569	56,4
TOTAIS													

Distrito de Lisboa

CONCELHOS	ELEITORES	Salgado Zenha		M.ª Lourdes Pintasilgo		Freitas do Amaral		Mário Soares		Ramalho Eanes		Soares Carneiro	
		INSC.	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos
LISBOA	678 469	122 198	23,65	55 464	10,73	223 730	43,30	115 318	22,32	314 606	56,1	228 567	40,8
Alenquer	27 855	7 669	36,38	1 616	7,67	6 173	29,29	5 621	26,67	16 391	73,7	5 305	23,8
Arr. Vinhos	7 076	1 472	29,47	496	9,93	1 542	30,87	1 485	29,73	3 842	73,1	1 251	23,8
Azambuja	15 752	4 292	36,39	1 445	12,25	3 024	25,64	3 032	25,71	9 130	73,4	2 579	20,7
Cadaval	11 810	980	11,86	445	5,39	3 980	48,18	2 856	34,57	5 163	56,8	3 679	40,5
Cascais	116 498	19 242	21,24	7 775	8,58	44 115	48,71	19 441	21,46	45 898	52,5	38 467	44,0
Loures	214 731	55 519	32,48	19 273	11,27	55 702	32,58	40 460	23,67	111 793	69,6	43 357	27,0
Lourinhã	16 618	825	6,59	337	3,01	8 148	65,11	3 164	25,28	5 720	45,6	6 475	51,6
Mafrá	34 215	5 131	20,44	1 787	7,12	11 621	46,29	6 566	26,15	16 694	63,8	8 775	33,5
Oeiras	113 777	21 178	23,43	10 571	11,69	38 488	42,58	20 163	22,30	49 715	56,2	35 641	40,3
Sintra	171 720	35 937	26,68	15 526	11,53	50 986	37,85	32 254	23,94	81 881	63,1	42 629	32,9
S. M.ª Agraço	6 323	1 911	43,78	370	8,48	1 242	28,45	842	19,29	3 566	73,7	1 118	23,1
Torres Vedras	50 991	8 796	23,56	2 548	6,83	16 924	45,33	9 064	24,28	24 747	62,9	13 585	34,5
V.F. Xira	67 690	20 640	38,23	6 561	12,15	13 680	25,34	13 102	24,27	37 732	75,1	10 672	21,3
Amadora	128 706	32 680	32,47	12 143	12,06	32 803	32,59	23 027	22,88	65 774	68,1	27 073	28,0
TOTAIS													

Distrito de Portalegre

CONCELHOS	ELEITORES	Salgado Zenha		M.ª Lourdes Pintasilgo		Freitas do Amaral		Mário Soares		Ramalho Eanes		Soares Carneiro	
		INSC.	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos
PORTALEGRE	22 307	38 093	21,9	1 285	7,23	6 563	36,91	6 039	33,97	11 993	64,9	5 980	32,4
Alter Chão	4 052	1 156	37,98	146	4,80	1 009	33,15	733	24,08	2 298	67,4	1 043	30,6
Arronches	3 520	921	36,02	76	2,97	866	33,87	694	27,14	1 965	68,2	848	29,4
Aviz	4 790	2 503	60,26	94	2,26	946	22,77	611	14,71	3 066	71,0	1 171	27,1
Campo Maior	6 833	2 346	44,40	182	3,44	1 018	19,27	1 738	32,89	4 121	76,0	1 197	22,1
Castelo Vide	3 630	730	27,97	270	10,34	829	31,76	781	29,92	2 130	71,8	727	24,5
Crato	4 535	1 214	35,60	340	9,97	760	22,29	1 096	32,14	2 965	77,7	728	19,1
Elvas	19 195	5 261	36,18	789	5,43	4 946	34,02	3 544	24,37	10 691	69,9	4 228	27,6
Fronteira	3 625	1 158	40,22	201	6,98	989	34,35	531	18,44	2 039	65,8	956	30,9
Gavião	5 639	1 479	36,76	289	7,18	999	24,83	1 256	31,22	3 177	73,7	990	23,0
Marvão	4 347	665	21,36	239	7,68	1 269	40,75	941	30,22	2 435	66,1	1 142	31,0
Monforte	3 381	1 221	48,49	110	4,37	765	30,38	422	16,76	1 948	67,8	853	29,7
Nisa	9 382	2 384	33,80	460	6,52	2 527	35,82	1 683	23,86	5 447	70,4	2 096	27,1
Ponte Sor	15 468	6 129	51,86	600	5,08	3 569	30,20	1 521	12,87	8 363	69,0	3 445	28,4
Sousel	5 723	2 077	45,83	115	2,54	1 906	42,06	434	9,58	2 828	56,0	2 081	41,2
TOTAIS													

Distrito do Porto

CONCELHOS	ELEITORES	Salgado Zenha		M.ª Lourdes Pintasilgo		Freitas do Amaral		Mário Soares		Ramalho Eanes		Soares Carneiro	
		INSC.	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos
PORTO	269 419	39 412	18,52	19 651	9,23	97 115	45,63	56 667	26,62	118 086	53,3	96 868	43,7
Amarante	37 453	3 531	13,13	1 426	5,30	13 578	50,49	8 356	31,07	14 949	56,3	10 747	40,5
Baião	17 415	1 261	11,48	267	2,45	4 770	43,43	4 664	42,65	6 694	58,5	4 399	38,4
Felgueiras	33 172	2 857	11,38	682	2,72	12 428	49,48	9 149	36,43	14 215	58,2	9 661	39,6
Gondomar	97 832	19 196	24,56	6 499	8,32	30 215	38,67	22 235	28,45	48 463	63,7	25 489	33,5
Lousada	25 781	2 530	13,17	851	4,43	8 943	46,54	6 890	35,86	11 304	59,8	7 129	37,7
Maia	61 461	8 501	17,77	4 090	8,55	20 329	42,50	14 914	31,18	28 944	62,5	16 052	34,6
Marco Canavezes	31 237	2 047	8,93	872	3,80	12 661	55,21	7 351	32,06	11 151	50,0	10 293	46,1
Matosinhos	105 169	15 053	17,94	6 931	8,26	30 800	36,71	31 126	37,09	53 036	64,4	26 812	32,6
Paços Ferreira	28 130	2 231	9,96	597	2,67	13 202	58,94	6 369	28,43	10 138	48,5	10 297	49,3
Paredes	44 679	3 802	10,69	1 421	4,00	21 150	59,47	9 190	25,84	16 434	49,4	15 870	47,7
Penafiel	43 201	4 712	13,93	2 053	6,07	17 290	51,10	9 781	28,91	18 221	56,2	13 158	40,5
Póvoa Varzim	38 211	2 851	9,55	1 239	4,15	18 287	61,25	7 481	25,06	13 213	45,6	15 249	52,6
St.º Tirso	70 757	9 123	16,40	3 072	5,52	24 836	44,64	18 603	33,44	33 607	62,2	18 973	35,1
Valongo	47 010	6 944	18,55	2 899	7,74	15 542	41,52	12 049	32,19	21 641	62,4	12 109	34,9
Vila Conde	45 878	4 475	12,45	1 843	5,13	16 685	46,44	12 927	35,98	20 869	59,0	13 681	38,7
V.N. Gaia	173 806	24 393	17,85	10 173	7,45	55 576	40,68	46 478	34,02	82 669	60,9	48 936	36,1
TOTAIS													

Eleições vão continuar

Os portugueses vão ter que esperar mais 21 dias para saber se é Freitas do Amaral ou Mário Soares o próximo Presidente da República. As eleições de ontem vieram introduzir dois novos dados na história da Presidência em Portugal: pela primeira vez, em 60 anos, o Palácio de Belém será ocupado por um civil e, também pela primeira vez, em eleições por sufrágio universal para a Presidência da República, se verifica a necessidade de uma segunda volta. Por outro lado, as eleições de ontem vieram confirmar uma tendência que aproxima o eleitorado português do de outros países europeus: o aumento da abstenção.

Com efeito, à semelhança do que aconteceu nas legislativas de Outubro, a abstenção rondou os 24 por cento, contrariando assim as previsões feitas pelos serviços das candidaturas que disputavam a Presidência da República e que a situavam entre os 15 e os 20 por cento.

Menos de uma hora depois do encerramento das urnas, as previsões da Rádio e da RTP já apontavam para a realização da segunda volta, a 16 de Fevereiro, entre Freitas do Amaral e Mário Soares. Essa previsão reforçou-se às 21.07 h, quando os serviços oficiais do Secretariado Técnico para os Assuntos Eleitorais (STAPE) anunciaram a sua projecção com cerca de metade dos resultados já conhecidos.

A máquina eleitoral está pronta: o sorteio dos boletins do voto com os nomes de Freitas do Amaral e Mário Soares realiza-se no dia 29; o processo para a impressão dos 9,5 milhões de boletins de voto para a segunda volta poderá começar já nos primeiros dias desta semana: no dia 6 de Fevereiro começa a campanha eleitoral e dia 16 os eleitores irão de novo às urnas para escolher, em definitivo, o civil que nos próximos cinco anos ocupará a Presidência da República. Por outro lado, sabe-se já que o STAPE, que gastou 70 mil contos com a primeira volta, vai gastar mais 45 mil com a segunda.

Quanto ao dia de ontem pode-se dizer, à laia de balanço, que mais uma vez o acto eleitoral decorreu com normalidade em praticamente todo o País. «Estamos num país de fatos» disse a propósito deste facto um responsável da GNR. No entanto, e como já tem sido hábito, as populações de Vizela e Lever boicotaram as eleições, como antecipadamente haviam anunciado. As mesas de voto não se chegaram a constituir nestas duas localidades, estando agora marcado novo acto eleitoral para amanhã.

Nas secções de Maia, Amarante e Vila Nova de Gaia ocorreram também algumas anomalias. Um dos casos diz respeito ao aparecimento de um pano com a inscrição de Freitas sobre uma das mesas de voto, em Amarante. Em Vila Nova de Gaia, um cego foi impedido de votar por elementos da mesa eleitoral. Na Maia, a comissão local do ZAP protestou contra a distri-

buição de papéis junto das assembleias de voto com a indicação de voto em Freitas do Amaral.

Mais complicada foi a situação com que se deparou ontem o presidente da junta de freguesia de Machico, Bernardo Martins. Segundo declarou à NP, os cadernos eleitorais que serviram para os últimos actos eleitorais não apareceram, mas sim os antigos que estavam na posse da Câmara. Ou seja, explicitou, os cadernos apresentados datam de 1983, o que pode ter levado, por exemplo, à existência de descargas de pessoas já falecidas ou que foram transferidas, ou ainda à dupla votação. Bernardo Martins comunicou que vai ser apresentado protesto por escrito à Comissão Nacional de Eleições (CNE) e ao STAPE.

Ângelo Veloso

As confusões maiores parecem, no entanto, terem sido geradas com a incompreensão por parte de algumas mesas de voto das indicações fornecidas pela CNE sobre a desistência de Ângelo Veloso. Com efeito, a CNE tinha fornecido directrizes no sentido de o nome daquele candidato ser riscado do edital afixado à porta das secções de voto. Mas elementos presentes nalgumas mesas entenderam riscar o nome do candidato do PCP dos boletins de voto entregues aos eleitores.

Depois das confusões provocadas pela questão, a Comissão nacional de Eleições entendeu que os eleitores não podiam ser culpados por erros cometidos por elementos das mesas, pelo que os votos expressos nesses boletins serão considerados válidos se não surgirem protestos.

O PCP divulgou entretanto, que irá apresentar queixa à CNE pelo facto de ter sido distribuído, sábado à noite, em Sousel, um panfleto em nome do Comité Central do partido, em que se afirma que Ângelo Veloso concorria às eleições.

Por seu lado, o STAPE anunciou que recebeu durante o dia de ontem 350 pedidos de consulta que «diziam respeito principalmente à candidatura de Ângelo Veloso».

Doentes

O preceito de que o «voto é um direito, um dever cívico» parece ter sido particularmente respeitados por eleitores que ontem se encontravam

doentes. Com efeito, só em Lisboa, duzentos cidadãos puderam cumprir a sua obrigação devido

A esquerda em convulsão

Jose Manuel Vilaca



BELEM
SALGADO ZENHA
Pouco passava das onze da noite de ontem quando o ZAP desactivou o funcionamento da sua sede na Rua Latino Coelho. Um pouco antes era divulgado aos jornalistas o derradeiro comunicado da comissão política. Em primeiro lugar homenageava o candidato: «Constituiu para nós uma honra e um privilégio apoiar Francisco Salgado Zenha durante esta campanha presidencial». Depois para, tendo em conta «os riscos que para o País poderão advir da concretização do projecto defendido pelo prof. Freitas do Amaral», apelar ao voto em Mário Soares.

Dois meses e meio depois de ter surgido no firmamento político português, o ZAP desaparece sem ter cumprido nenhuma das suas duas principais funções — fazer passar Zenha à segunda volta e, a seguir, elegê-lo Presidente da República.

O apoio do Presidente da República, de que foi dado testemunho público no tempo de antena de Zenha na RTP, o incansável envolvimento de Manuela Ramalho Eanes e de parte substancial do «staff» de Belém, na campanha eleitoral foram insuficientes para garantir a vitória de um candidato.

E esta é, sem dúvida, a primeira evidência destas eleições. A importância da «família presidencial», que tinha sido sobreavaliada com o processo de formação do PRD, atenua-se sensivelmente com a derrota eleitoral de Salgado Zenha. Ontem, na sede do ZAP, viu-se Joaquim Letria ao lado do candidato quando este reconheceu publicamente a passagem de Soares à segunda volta. Mas Manuela Eanes já não estava presente.

Com a próxima saída de Belém de Ramalho Eanes — entre Freitas e Soares — terá como consequência um acentuar desta tendência, principalmente se Eanes quiser cor-

rer o risco de assumir a liderança do PRD.

Risco evidente porque este partido, este partido «novo», é também um dos grandes derrotados do processo eleitoral. Isso mesmo reconheceu o actual presidente do PRD, Hermínio Martinho, em declarações prestadas ontem à noite. «A derrota do nosso candidato», disse, «é uma derrota do PRD».

Mas o que mais impressiona, numa análise dos resultados eleitorais, é que os renovadores democráticos, depois de terem falhado a prova das autárquicas, não conseguiram novamente «segurar» o seu eleitorado de 6 de Outubro. Dos 196 mil votos que APU e PRD tiveram no concelho de Lisboa, Zenha e Pintasilgo não conseguiram mais do que 177 mil. Mas Mário Soares teve mais 18 mil votos que o PS, não sendo credível que eles viessem do eleitorado APU.

Em Loures, APU e PRD tiveram 82 mil votos, Zenha e Pintasilgo juntos não passaram dos 74 mil. Mas Soares ultrapassou em cinco mil o resultado socialista de Outubro. O mesmo se verificou na Amadora, em Setúbal, em Almada. Até em Santarém, terra de eleição dos renovadores democráticos, a situação não variou muito. Dos 39 por cento do PRD e da APU,



apenas 32 por cento foram para Zenha e Pintasilgo.

Tudo visto, fica naturalmente uma pergunta: onde estão os dezito por cento do PRD? A resposta, novamente de Hermínio Martinho: «O eleitorado do PRD tem o seus representantes na Assembleia das República, não foi um erro apoiar Salgado Zenha».

Mas como ultrapassará o PRD esta convulsão, dividido que esteve — é de admitir — entre três candidatos, depois de não se ter empenhado decisivamente em nenhuma das duas últimas campanhas eleitorais?

A primeira linha de acção será revelada no próximo sábado quando o Conselho Nacional do PRD se reunir no Hotel Ritz, em Lisboa, para decidir que posição tomar à segunda volta. Freitas do Amaral excluído, terá a direcção do PRD maiores divisões internas, caso queira optar pelo voto em Soares?

O dilema da segunda volta

põe-se também ao outro principal alicerce do ZAP, o PCP que sem ostensivamente se envolver em actividades eleitorais, teve um papel de monta na campanha e fez da eleição de Salgado Zenha um objectivo político essencial. O eleitorado comunista, à primeira vista, conservou-se fiel ao partido e isso terá sido, só por si, importante. Mas o essencial era que Zenha ganhasse. E aqui o PCP sofreu porventura a mais importante derrota dos comunistas portugueses depois do 25 de Abril.

Nem a pequena percentagem eleitoral de Octávio Pato se lhe compara, nem sequer a derrota do 25 de Novembro em que os «esquerdistas» serviram de escudo.

Também os próximos dias darão indicação de como vão os comunistas reagir. Já amanhã reúne-se o Comité Central do Partido para decidir da posição a adoptar quanto à segunda volta.

Ontem, à noite, Ângelo Ve-

loso afirmava à RTP — citado pela NP — que a situação é de «grande complexidade», sem no entanto negar a possibilidade de um apoio a Soares na segunda volta.

Mas um comunicado divulgado pelo Secretariado do Comité Central do Partido Comunista vai mais longe na análise, responsabilizando Lourdes Pintasilgo pela derrota de Zenha. «Foi o desperdício de votos democráticos na candidatura de Maria de Lourdes Pintasilgo que impediu Salgado Zenha de passar à segunda volta», explica-se, assumindo-se como verdade que todos os votos Pintasilgo seriam Zenha também.

Outros responsáveis pelos resultados — a «demagogia dos candidatos de direita» e a «intensa manipulação da comunicação social».

«A luta, termina o documento, continuará para que sejam contidos e mais tarde vencidos os perigos inerentes à eleição de um candidato de di-

reita».

Finalmente, e no quadro de apoios de Zenha os derradeiros derrotados, novamente por Mário Soares, são os socialistas que abandonaram o partido para apoiar o antigo líder do ex-Secretariado. Soares Louro, Arnault — que já recomendou o voto em Soares, Aquilino Ribeiro Machado, etc. Têm a sua segunda derrota política em seis anos. Para muitos deles pode ser o fim de uma carreira política. Mas a sua derrota pode também reflectir-se no interior do PS, de maneira imprevisível. Serão os restantes opositores de Soares afectados pela derrota do homem que foi «a consciência moral do partido»?

A resposta será dada, necessariamente no Congresso Socialista de Maio próximo.

Balanço breve — a derrota da candidatura de Salgado Zenha abre à esquerda um tempo de convulsões (ou de renovação), cujo ritmo e direcção são agora imprevisíveis.

‘Recomendo que votem em Mário Soares’

«Recomendo aos meus apoiantes que votem em Mário Soares». Foi com estas palavras que o dr. Francisco Salgado Zenha pôs ontem termo à sua participação na luta eleitoral para a Presidência da República.

Pouco faltava para as dez da noite quando o candidato entrou na sala de Imprensa do ZAP, instalada na sede da Latino Coelho. Na mesa da conferência de Imprensa sentavam-se Melo Antunes, David Mourão-Ferreira, Mário Mesquita, Miguel Galvão Teles, Teresa Ambrósio e Aquilino Ribeiro Machado. Presentes também António Galhordas e Mário Casquilho, do MDP/CDE, Marques Júnior, do PRD, Soares Louro, director da campanha do ZAP, e Joaquim Letria.

A primeira declaração que Zenha fez aos jornalistas, após ter aguardado o fim da emissão pela RTP de uma declaração da Comissão Política de Maria de Lourdes Pintasilgo, foi: «A minha candidatura foi vencida». Seguiu da recomendação do voto em Mário Soares «porque o seu projecto é preferível ao de Freitas do Amaral».

Com assinalável dignidade, Zenha recusou-se a equacionar os motivos da derrota: «A coisa mais desagradável para a

democracia são as recriminações. Aceito a expressão da vontade popular.»

«Perdemos uma batalha mas não perdemos a luta pela democracia», disse Zenha, que endereçou saudações aos restantes candidatos.

Apoiantes do ZAP sublinharam com palmas a breve declaração de Salgado Zenha, atentamente seguida por Maria Irene Zenha, sentada entre a assistência.

Depois, em respostas a questões colocadas pelos jornalistas presentes na sede do ZAP, Zenha acentuou que a sua mensagem, a sua luta por valores como a tolerância, a liberdade mais a responsabilidade, a informação completa e a administração aberta, se iria manter.

Justificando a sua indicação de voto para a segunda volta, Salgado Zenha disse que «tenho a obrigação moral de dar uma indicação de voto. Faria o mesmo se Maria de Lourdes Pintasilgo tivesse passado à segunda volta. «A democracia», explicou, «também é feita de obrigações morais».

Salgado Zenha assumiu também pessoalmente a derrota da sua candidatura: «Só eu sou responsável pelo facto de a minha

candidatura não ter sido aceite pelo povo português».

Continuarei a lutar pelos meus ideais, disse ainda, antes de deixar transparecer o único laivo de amargura: «Desiludido estou apenas por as minhas declarações terem suscitado tão pouco interesse da parte dos senhores jornalistas».

A expressividade das mãos de Salgado Zenha manteve-se durante toda a conferência de Imprensa com a exuberância dos gestos a sublinhar a força da convicção, tal como aconteceu durante toda a campanha eleitoral. E nas suas declarações, definitivas a assumir com extrema lealdade a derrota, a dar indicação de voto em Soares, a afirmar-se disponível para novos combates, transparece a postura firme e mesmo aristocrática com que encarou esta campanha eleitoral. «Só se considera vencido quem desiste de lutar.»

Foi assim que Francisco Salgado Zenha abandonou o primeiro plano da cena política portuguesa, pouco mais de dois meses depois de nele ter dado entrada para concorrer às eleições presidenciais. Depois de vencido por Soares no Partido Socialista em 1980, é o mesmo Mário Soares que destrói o reatar da sua carreira política.

Distrito de Santarém

CONCELHOS	ELEITORES	Salgado Zenha		M.ª Lourdes Pintasilgo		Freitas do Amaral		Mário Soares		Ramalho Eanes		Soares Carneiro	
		INSC.	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos
SANTARÉM	51 816	8 771	22,09	4 053	10,21	15 902	40,05	10 975	27,64	26 388	63,9	13 624	33,0
Abrantes	38 778	7 091	25,13	5 136	18,20	9 872	34,99	6 115	21,67	20 542	69,3	8 031	27,1
Alcanena	11 436	1 484	19,05	521	5,89	4 041	45,72	2 592	29,33	5 168	56,3	3 727	40,6
Almeirim	16 601	4 759	37,10	879	6,85	4 718	32,10	3 073	23,95	9 922	72,8	3 399	24,9
Alparça	6 629	3 421	63,61	499	9,28	847	15,73	611	11,36	4 494	80,0	888	15,8
Benavente	12 968	4 536	46,48	951	9,74	2 489	25,49	1 786	18,29	7 660	76,5	1 989	19,9
Cartaxo	17 439	4 300	32,88	1 365	10,44	3 977	30,41	3 435	26,27	10 487	75,4	2 863	20,6
Chamusca	10 690	3 562	46,38	596	7,76	1 898	24,71	1 624	21,15	6 676	78,1	1 609	18,8
Constância	3 143	609	26,50	285	12,40	624	27,15	780	33,94	1 862	77,8	438	18,3
Coruche	20 857	8 457	54,89	801	5,20	3 955	25,67	2 195	14,25	12 206	72,3	4 189	24,8
Entroncamento	10 049	1 756	22,08	1 369	17,22	2 661	33,46	2 166	27,24	5 067	67,8	2 163	28,9
F. Zêzere	9 186	362	5,62	168	2,61	4 818	74,80	1 093	16,97	2 304	33,4	4 429	64,1
Golega	4 660	1 554	42,15	392	10,63	1 007	27,31	734	19,91	2 917	76,1	837	21,8
Mação	10 071	754	10,00	584	7,74	4 797	63,60	1 408	18,67	3 493	43,4	4 315	53,6
Rio Maior	16 138	841	6,88	404	3,34	7 585	62,66	3 271	27,02	5 656	45,5	6 432	51,7
Salv. Magos	14 643	3 964	39,26	802	7,94	2 689	26,63	2 643	26,17	8 530	78,7	1 922	17,7
Sardão	3 976	457	15,05	313	10,31	1 582	52,09	685	22,56	1 687	54,7	1 291	41,9
Tomar	37 303	4 049	14,81	2 006	7,34	14 566	53,29	6 714	24,56	15 112	54,0	12 023	43,0
Torres Novas	30 355	5 243	23,14	3 135	13,84	8 886	39,23	5 389	23,79	14 472	62,9	7 460	32,4
V. N. Barquinha	6 252	1 183	24,37	752	15,49	1 676	34,53	1 243	35,61	3 430	69,5	1 320	26,8
V. N. Ourém	32 436	774	3,21	511	2,12	19 667	81,67	3 129	12,99	5 748	24,6	16 962	72,6
TOTAIS													

Distrito de Setúbal

CONCELHOS	ELEITORES	Salgado Zenha		M.ª Lourdes Pintasilgo		Freitas do Amaral		Mário Soares		Ramalho Eanes		Soares Carneiro	
		INSC.	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%	
SETÚBAL	79 403	24 055	38,64	7 926	12,73	18 183	29,21	12 090	19,42	42 699	69,9	15 049	24,6
Alcácer Sal	13 202	6 108	61,82	625	6,33	1 687	17,07	1 460	14,78	8 748	79,5	1 632	14,8
Alcochete	8 445	3 408	50,90	698	10,43	1 407	21,02	1 182	17,65	5 424	78,8	1 141	16,6
Almada	121 232	37 492	39,51	13 047	13,75	26 153	27,56	18 194	19,17	67 704	72,3	21 671	23,1
Barreiro	68 293	29 288	53,12	7 548	13,69	10 023	18,18	8 272	15,0	43 279	80,1	7 898	14,6
Grândola	13 337	6 223	60,01	557	5,37	2 302	22,20	1 288	12,42	8 539	75,0	2 429	21,3
Monta	42 928	19 453	57,29	4 259	12,54	6 298	18,55	3 948	11,63	24 019	80,3	3 816	12,8
Montijo	29 825	9 348	42,14	1 973	8,89	6 549	29,52	4 313	19,44	17 167	73,8	5 301	22,8
Palmela	30 399	10 608	47,38	2 069	9,24	5 729	25,59	3 985	17,80	17 454	77,1	4 303	19,0
Sant. Cacem	24 715	9 821	51,25	920	4,80	5 324	27,78	3 097	16,16	13 660	72,8	4 486	23,9
Serval	68 843	22 901	42,11	6 661	12,25	14 765	27,15	10 052	18,49	35 089	74,7	10 119	21,5
Sesimbra	18 708	5 707	38,88	1 796	12,25	4 082	27,81	3 092	21,06	10 555	74,7	3 000	21,2
Sines	9 366	3 495	51,57	519	7,66	1 620	23,90	1 143	16,87	5 259	75,5	1 445	20,8
TOTAIS													

Distrito de Viana do Castelo

CONCELHOS	ELEITORES	Salgado Zenha		M.ª Lourdes Pintasilgo		Freitas do Amaral		Mário Soares		Ramalho Eanes		Soares Carneiro	
		INSC.	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos
VIANA CASTELO	61 027	8 797	18,8	6 187	13,2	23 224	49,6	8 584	18,3	25 889	55,7	19 349	41,7
Arcos Valdevez	23 542	710	5,0	253	1,8	9 025	64,3	4 046	28,8	5 314	36,2	8 798	60,0
Caminha	13 085	1 007	10,5	1 112	11,6	4 307	45,0	3 135	32,7	5 618	58,8	3 660	38,3
Melgaço	10 510	276	4,5	138	2,2	3 609	59,1	2 078	34,0	2 926	43,6	3 589	53,5
Monção	18 775	866	6,9	239	1,9	8 537	68,4	2 823	22,6	5 058	38,6	7 708	58,8
Paredes Coura	8 800	290	5,3	284	5,2	2 758	51,1	2 090	38,3	2 887	52,7	2 381	43,4
Ponte Barca	10 577	223	3,1	108	1,5	4 624	64,7	2 182	30,5	2 627	35,0	4 748	63,3
Ponte Lima	31 606	1 543	6,3	617	2,5	17 648	72,2	4 635	18,9	6 771	28,1	16 720	69,5
Valença	10 880	523	6,8	240	3,1	4 863	63,9	1 977	26,0	3 565	43,6	4 332	53,0
V.N. Cerveira	7 120	467	8,9	328	6,2	4 143	60,2	1 279	24,5	2 517	46,4	2 767	51,0
TOTAIS													

Distrito de Vila Real

CONCELHOS	ELEITORES	Salgado Zenha		M.ª Lourdes Pintasilgo		Freitas do Amaral		Mário Soares		Ramalho Eanes		Soares Carneiro	
		INSC.	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos
VILA REAL	35 215	2 327	8,8	1 019	3,8	15 523	58,9	7 470	28,3	11 811	45,4	13 635	52,4
Alijó	13 745	493	5,1	196	2,0	5 615	58,9	3 225	33,8	3 905	37,3	6 287	60,1
Botiças	6 725	239	5,4	78	1,7	3 124	70,7	972	22,0	1 209	27,4	3 104	70,2
Chaves	36 224	1 815	7,5	536	2,2	16 658	69,3	5 029	20,9	8 727	34,7	15 702	62,5
Mesão Frio	4 335	252	8,3	84	2,7	1 836	60,8	844	27,9	1 661	52,2	1 418	44,6
Mondim Basto	6 810	330	7,0	130	2,7	3 374	72,4	823	17,6	1 484	33,0	2 799	62,3
Montalegre	14 528	657	7,3	449	5,0	5 416	60,8	2 380	26,7	3 815	39,8	5 396	56,2
Murça	6 549	269	5,9	83	1,8	3 272	72,5	884	19,6	1 186	26,7	3 111	70,1
Peso Régua	15 702	1 160	10,7	312	2,8	5 097	47,2	4 222	39,1	6 848	60,1	4 279	37,6
Rib. Pena	6 840	207	4,9	117	2,8	2 977	71,6	855	20,5	1 421	31,7	2 870	64,1
Sabrosa	6 771	300	6,2	100	2,0	2 915	60,8	1 476	30,8	1 953	38,1	3 054	59,6
St.ª Marta Penag.	8 098	347	6,0	125	2,1	2 738	47,6	2 533	44,1	3 225	54,7	2 574	43,6
Valpaços	19 784	377	2,8	156	1,1	10 428	79,4	2 160	16,4	2 911	20,1	11 308	78,2
V. Pouca Aguiar	14 416	589	6,9	270	3,1	5 486	64,3	2 177	25,5	3 728	41,9	4 883	54,8
TOTAIS													

Primeiros efeitos da "dinâmica da vitória"

Apoiantes de Freitas cercaram sede do PCP no Porto

Mais de uma centena de jovens, empunhando bandeiras do CDS, PSD e da candidatura de Freitas do Amaral, bloquearam, ao princípio da madrugada de hoje, a Avenida da Boavista, nos dois sentidos, junto à sede do PCP no Porto. Forças policiais chamadas por militantes do PCP, que se encontravam no interior do edifício, chegaram ao local cerca de uma hora depois do início dos incidentes, tendo conseguido controlar a situação.

Um membro da Direcção Regional do Norte daquele partido disse à NP que foram ouvidos alguns disparos durante os incidentes, sem poder precisar a sua origem. Segundo o relato do dirigente comunista, os incidentes começaram cerca da 1 e 30 quando junto à sede do PCP no Porto, na Avenida da Boavista, começaram a

parar algumas dezenas de viaturas com manifestantes.

«A dada altura, de uma carrinha saíram alguns manifestantes que arremessaram pedras contra a nossa sede, tendo partido alguns vidros. Gritavam «slogans» como «Morte aos comunistas», «Comunistas para a Sibéria» e «Freitas, Freitas, Prá Frente Portugal», disse.

Os manifestantes bloquearam a Avenida da Boavista com viaturas que foram depois retiradas pela PSP.

Um informador da polícia do Porto salientou que não se registaram confrontos entre as forças policiais e os apoiantes de Freitas do Amaral que cercavam a sede do PCP. Após a intervenção policial, estes mantiveram-se a cerca de 50 metros da sede dos comunistas, prometendo um «ajuste de contas no dia 16».



As manifestações pacíficas de Lisboa não tiveram correspondência na cidade do Porto, onde jovens «freitistas» ensaiaram a «dinâmica da vitória» contra a sede do PCP

Freitas começa hoje a preparar a 2.ª volta

As grandes decisões sobre a campanha eleitoral na segunda volta são tomadas hoje na sede de candidatura de Freitas do Amaral, mas o que parece certo é que haverá «grandes concentrações de massas» em Lisboa, Porto, Coimbra e Faro.

Os responsáveis directos da campanha na primeira volta, instados pela agência Notícias de Portugal, disseram todos que ainda não há pormenores definidos, mas insistiram nos grandes comícios naquelas quatro cidades.

O facto de nunca ter havido segunda volta em Portugal e também o desconhecimento de

quem seria o adversário de Freitas do Amaral — bem como o trabalho de preparação da primeira volta — impediu os serviços de apoio do candidato a preparar o segundo sufrágio.

Hoje à tarde haverá na sede da campanha uma reunião dos operacionais do Conselho Político e da própria organização do trabalho de «estrada».

Já esta semana, provavelmente na quarta-feira, Freitas do Amaral deslocar-se-á aos Açores, e mais tarde à Madeira, disse à agência NP um dos principais responsáveis da campanha.

É também certo que Freitas

do Amaral não fará, como no primeiro sufrágio, uma «volta a Portugal».

Além das «grandes concentrações de massas», Freitas do Amaral dedicará parte do período eleitoral às zonas de Lisboa, Porto e Setúbal, estará também na zona do Pinhal (distrito de Castelo Branco, onde também se poderá fazer um comício), e «muito no distrito de Setúbal», disse o mesmo responsável.

Um elemento do gabinete de Imprensa disse também que os esforços serão concentrados nas zonas onde o candidato teve mais e menos votação.

Resultados contrariam expectativas

Aurea Sampaio

BELÉM

LURDES
PINTASILGO

O que espantou na derrota eleitoral da engenheira Pintasilgo, não foi tanto o quarto lugar obtido — o último — entre os concorrentes às eleições presidenciais, mas, sobretudo, a magra percentagem de votos recolhida — pouco mais de sete por cento. Com efeito, a generalidade dos observadores, que seguiram de perto esta campanha eleitoral, notaram as dificuldades que a candidata enfrentava na última semana, dificuldades que se agravaram nos derradeiros dias com a efectiva participação do general Eanes em apoio de Salgado Zenha e com o comportamento do eleitorado APU, a refrear uma inicial predisposição de votar Pintasilgo. Isto foi nítido, como aqui escrevemos, no regresso a Setúbal, na passada quinta-feira, e na volta por Lisboa efectuada no dia seguinte.

Mas se a quebra era evidente, e a isso não foi também alheia a organização dos últimos dias de campanha que, ao contrário do que seria necessário, não bateu zonas fundamentais como o Grande Porto e periferia de Lisboa, e perdeu tempo com questões acessórias em Setúbal — horas gastas em entrevistas a jornais estrangeiros, desorientação, horários por cumprir, etc. — havia uma certa unanimidade em considerar que Lurdes Pintasilgo conseguiria pelo menos chegar aos 15 por cento.

É de facto espectacular observar os resultados que a candidata obteve depois de se ter presenciado o entusiasmo com que foi recebida em comícios como o do Porto, a sua chegada a Coimbra ou a Viana do Castelo, o comício de Braga, as longas esperas de milhares de pessoas ao longo do distrito de Santarém ou nos dormitórios de Lisboa (no início da campanha) e ainda o comício de encerramento no Pavilhão dos Desportos na passada sexta-feira. Isto para não falar em locais muito mais recônditos, onde, quase sem propaganda, Pintasilgo desencadeava reacções que, de facto, pareciam ir traduzir-se em votos.

Métodos e práticas

Foi sobre esta questão que o «DL» interrogou a candidata, ontem à noite, na conferência de imprensa que se realizou na sede da sua candidatura. «Os resultados foram mesmo uma surpresa — disse Lurdes Pintasilgo — uma vez que mostraram que as consciências foram mais coagidas do que eu supunha que podiam ser».

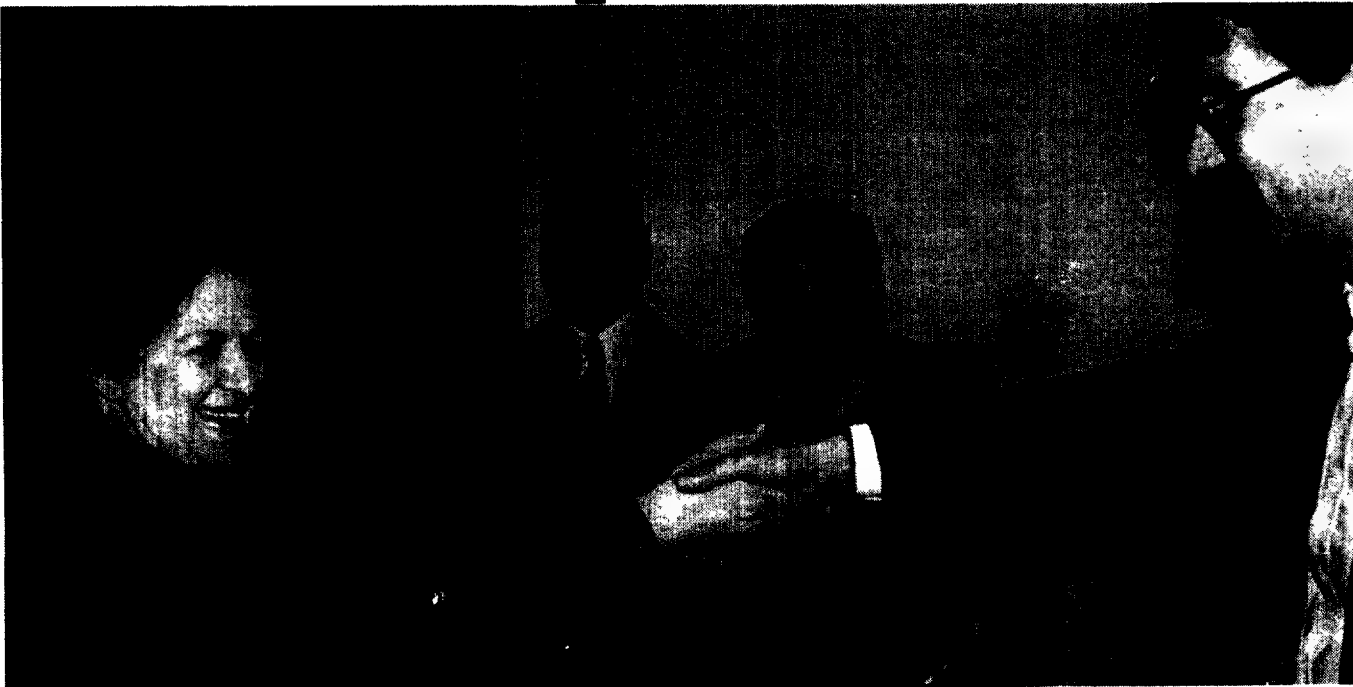
Este aspecto tinha sido, aliás, aflorado com subtilidade, na declaração política que a engenheira leu perante as câmaras de televisão, ao considerar que a democracia «redu-

zida à sua dimensão formal é vulnerável a métodos e práticas sem dimensão e dignidade democráticas».

Métodos e práticas que, em seu entender, nem todos respeitaram, uma vez que com o objectivo de «pressionar e condicionar consciências» foram utilizados «todos os meios disponíveis, sejam os que resultaram do poderio económico e político, do controlo de sectores da comunicação social, ou de uma abusiva utilização dos aparelhos partidários». E se estas referências se destinavam directamente ao PCP e ao PRD, a afirmação de que «o poder não foi utilizado para servir» visava o general Ramalho Eanes e também o seu «staff» de Belém no apoio expresso à candidatura de Salgado Zenha.

Mas se Lurdes Pintasilgo reconheceu a sua derrota eleitoral «com todas as suas dimensões e consequências», já o mesmo não diz do seu projecto. Embora recusando, como já o tinha feito durante a campanha eleitoral, a formação de qualquer partido político, a partir do seu movimento de apoio considera que a «revitalização da democracia» Pintasilgo, numa perspectiva de desenvolvimento e participação do «tecido social», vertentes a que o seu projecto dá um especial ênfase, constitui «uma real possibilidade e representam um imperativo sentido por muitos».

Este aspecto seria, aliás, salientado, numa declaração da Comissão Política da candidatura Pintasilgo ao afirmar que o movimento desencadeado à volta da engenheira «teve o incalculável mérito de exprimir potencialidades e de ser portadora de aquisições que julgamos irreversíveis para a democracia portuguesa». De acordo com o documento, o «pensamento de Lurdes Pintasilgo



(...) manifestou importantes aspirações de significativas camadas do nosso povo e penetrou como referência fundamental nas concepções e nas mentalidades de muitos». Por tudo isto, disse Fisher Lopes Pires em nome da Comissão Política, «a prática política do futuro não mais pode ser feita ignorando tal contributo».

De qualquer forma, os apoiantes de Pintasilgo não apelam claramente ao voto em nenhum dos dois candidatos que passaram à segunda volta. E se ela deixa em aberto a possibilidade do seu voto pessoal

em Mário Soares, uma vez que, afirmou, não se absterá, nem votará em Freitas do Amaral, a sua Comissão Política — que já cessou funções a partir de ontem à noite apenas «manifesta a sua apreensão quanto aos riscos políticos do projecto corporizado pela candidatura de Freitas do Amaral que visa a concentração de poderes e a bipolarização social, com a preocupante tendência para pôr em causa o próprio quadro constitucional».

Mas se na linha — de futuro apoio a Soares — parece não ter dúvidas o major Sousa e

Castro, o mesmo não acontece com Carlos Vargas, também da Comissão Política que, mais prudente, referiu ao «DL» não haver consenso sobre a questão «num movimento características tão específicas como este».

Carlos Vargas que nos referiu «existirem nos últimos dias dados que apontavam para uma quebra de votação, mas que, ainda ontem, na reunião da Comissão Política a passagem à segunda volta era uma hipótese de trabalho». Daí, prosseguiu, «não existirem em tempo útil dados que permitis-

sem desencadear uma desistência».

Mas desistir para quem, perguntava aos jornalistas o engenheiro Fonseca Ferreira, numa mini-conferência de Imprensa da Comissão Política. E logo de seguida respondeu à sua própria interrogação: «Nós tínhamos um projecto próprio para a sociedade portuguesa que assentava também numa determinada interpretação dos poderes presidenciais. Ora, deveríamos desistir em favor de um candidato que não apresentou qualquer projecto?»

Saber perder

Ao contrário do que muitos esperavam, não era de necrotério o ambiente que se vivia na sede da candidatura Pintasilgo na noite de ontem. É claro que havia tristeza em muitos olhares e, sobretudo, espanto pelo score atingido.

Mas o que sobrelevou foi a serenidade de que a própria atitude da candidata era o expoente máximo. Dela se dizia que dificilmente aceita as contrariedades, as derrotas. Se assim é, mostrou bem o contrário. Mas o que mais marcava era a solidariedade entre todos os que encheram o local, num derradeiro gesto de afecto à sua candidata. Ofereceram-lhe flores e cantaram junto o hino da campanha como que a dizerem-lhe da sua convicção de que havia feito todo o possível para erguer «o projecto que é de todos». Só assim podem ser entendidas as palavras de Fisher Lopes Pires em nome da Comissão Política: «a engenheira Maria de Lurdes Pintasilgo demonstrou uma rara coragem humana e política digna do nosso respeito, da nossa admiração e do nosso reconhecimento».

E amanhã como será? «Vou regressar às minhas tarefas fundamentais agora, mais do que nunca, voltadas para a criação de uma nova prática política», diria Pintasilgo aos jornalistas.

Confessou que vai escrever sobre «esta rica experiência» que foi a sua candidatura e o contacto com muita gente que, sem ela o saber, pensa como ela. E trocar esta experiência com outros, noutros países e noutros continentes, além de tencionar «intensificar o processo de produção de pensamento».

Vencida nas urnas, mas não quanto à certeza de que o seu projecto é «viável», Pintasilgo vai dedicar as próximas se-

manas a «consultar os que participaram no movimento». Quanto aos que votaram no seu projecto, afirma estar convicta que a receptividade obtida «se situa no grupo etário entre os 28 e os 45 anos».

Sente-se traída pelas mulheres? quiseram saber os jornalistas. Reposta pronta de Pintasilgo: «Depois de ver a intervenção de algumas nos tempos de antena verifico que afinal mesmo as mulheres livres precisam sempre de seguir um homem».

Mas as palavras mais agrestes da candidata foram para Ramalho Eanes. Cometeu, disse, um «erro histórico comum áqueles que cumpri mais do que um mandato: no primeiro mandando há um pudor e humildade democrática; no segundo, sobretudo depois de uma vitória esmagadora, assiste-se à sobrevalorização do poder».

De qualquer forma, e ainda seguindo análises de elementos preponderantes da sua candidatura, o «grande derrotado» foi o general Ramalho Eanes». Guedes da Silva, por exemplo, pôs o assento tónico na margem conseguida pela engenheira, apesar de não ter máquinas partidárias, nem dinheiro. Na opinião do empresário «a campanha eleitoral foi uma espécie de carnaval em que houve palhaços com mais dinheiro e outros com menos». Para Carlos Vargas, os resultados mostram «que o sistema é mais forte que a vontade das pessoas». Mas que dizer de uma abstenção que atingiu os 24 por cento e de que não saiu afectado, seguramente, o candidato Freitas do Amaral? Para onde foram os votos da APU e do PRD que, em conjunto, não foram parar nem a Pintasilgo nem a Salgado Zenha?

AS

taluda
60 000 contos

LOTARIA ESPECIAL
DE JANEIRO

sexta dia 31
anda a roda

Distrito de Viseu

CONCELHOS	ELEITORES INSC.	Salgado Zenha		M.ª Lourdes Pintasilgo		Freitas do Amaral		Mário Soares		Ramalho Eanes		Soares Carneiro	
		Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%
VISEU	63 331	2 650	5,6	1 575	3,3	30 806	65,5	11 994	25,5	16 172	35,2	28 366	61,7
Armamar	6 808	428	9,0	113	2,3	3 462	73,3	719	15,2	1 557	31,9	3 200	65,5
Carreg. Sal	8 891	423	7,1	138	2,3	3 976	66,8	1 410	23,7	2 413	38,0	3 787	59,6
Castro Daire	15 099	503	5,2	286	2,9	6 726	69,9	2 104	21,8	3 104	29,4	7 029	66,5
Cinfães	18 651	965	7,9	503	4,1	7 541	62,3	3 902	25,5	5 908	45,8	6 419	49,7
Lamego	23 657	1 624	9,7	614	3,6	9 432	56,5	5 609	30,0	8 738	51,9	7 629	45,3
Mangualde	16 984	834	6,9	319	2,6	7 188	60,0	3 627	30,3	5 133	42,7	6 330	52,6
Moimenta Beira	9 487	526	8,0	134	2,0	4 598	70,2	1 287	19,6	2 312	33,9	4 292	63,0
Mortágua	8 884	389	7,0	154	2,8	3 300	60,7	1 612	29,3	2 212	38,2	3 402	58,8
Nelas	11 656	637	7,8	464	5,7	4 460	54,9	2 553	31,4	4 031	48,9	3 937	47,8
Oliv. Frades	7 987	240	3,9	110	1,7	4 626	75,4	1 155	18,8	1 426	22,6	4 736	75,2
Penalva Castelo	7 920	195	3,8	94	1,8	3 484	68,6	1 302	25,6	1 689	30,7	3 545	64,5
Penedono	3 222	176	8,5	118	5,7	1 360	66,3	396	19,3	837	37,0	1 333	58,9
Resende	10 966	436	6,1	181	2,5	4 630	64,9	1 878	26,3	2 935	39,5	4 165	56,1
St.ª Comba Dão	10 423	346	4,5	170	2,5	5 411	70,5	1 738	22,6	2 638	33,4	5 014	63,5
S. João Pesq.	7 478	421	9,3	156	3,4	3 012	66,5	939	20,7	2 314	43,1	2 868	53,5
S. Pedro Sul	16 403	1 245	11,1	501	4,4	6 619	59,1	2 830	25,4	4 753	40,4	6 549	55,6
Sátão	10 271	133	1,8	77	1,0	5 316	74,4	612	22,5	1 485	20,2	5 627	76,7
Sernancelhe	5 607	117	2,8	63	1,5	3 142	75,6	831	20,0	908	21,9	3 128	75,3
Tabuaço	6 320	128	2,7	83	1,8	3 511	76,2	885	19,2	1 680	35,5	2 943	62,2
Tarouca	6 380	447	11,6	118	3,0	2 734	71,1	545	14,2	1 499	35,5	2 572	60,9
Tondela	27 593	911	4,4	377	1,8	14 536	70,8	4 631	22,8	6 196	29,5	14 141	67,3
V. Nova Paiva	5 149	134	3,6	63	1,7	2 876	77,4	642	17,2	690	20,1	2 628	76,6
Vouzela	10 316	503	6,8	180	2,4	5 100	69,0	1 600	21,6	2 100	27,2	5 437	70,3
TOTAIS													

Distrito de Ponta Delgada

CONCELHOS	ELEITORES INSC.	Salgado Zenha		M.ª Lourdes Pintasilgo		Freitas do Amaral		Mário Soares		Ramalho Eanes		Soares Carneiro	
		Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%
PONTA DELGADA	38 378	2 580	10,3	836	3,3	14 211	57,1	7 260	29,1	17 439	63,1	9 433	34,1
Lagoa	6 892	344	8,5	82	2,0	2 310	57,2	1 297	32,1	3 316	67,9	1 450	29,8
Nordeste	4 432	189	6,1	64	2,0	2 060	66,6	779	25,1	1 545	46,5	1 705	51,4
Povoação	5 399	147	4,1	58	1,6	2 388	67,5	940	26,6	1 869	46,9	2 027	50,9
Ribeira Grande	15 979	676	6,8	220	2,2	5 855	59,5	3 086	31,3	7 456	64,5	3 837	33,2
Vila F. Campo	6 819	390	8,8	89	2,0	2 749	62,4	1 177	26,7	3 254	66,7	1 502	30,8
Vila Porto	4 246	102	4,3	114	4,8	1 076	45,83	1 054	44,95	2 014	76,9	486	18,5
TOTAIS													

Distrito da Horta

CONCELHOS	ELEITORES INSC.	Salgado Zenha		M.ª Lourdes Pintasilgo		Freitas do Amaral		Mário Soares		Ramalho Eanes		Soares Carneiro	
		Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%
HORTA	10 702	614	8,0	173	2,2	4 452	58,0	2 435	31,7	4 106	48,1	4 230	49,5
Corvo	302	15	7,1	24	11,4	92	33,8	79	37,6	103	50,7	97	47,8
Lajes Flores	1 378	96	11,5	23	2,7	420	50,4	293	35,2	559	57,7	394	40,7
Lajes Pico	4 186	107	3,6	48	1,6	1 432	49,2	1 323	45,4	1 685	53,1	1 418	44,7
Madalena	4 544	196	6,1	75	2,3	1 913	59,9	1 007	31,5	1 629	48,7	1 649	49,3
St.ª Cruz Flores	1 727	130	10,5	31	2,5	737	59,7	335	27,1	677	56,3	495	41,1
S. Roque Pico	2 601	224	12,0	58	3,1	900	48,2	685	36,6	1 232	62,2	704	35,5
TOTAIS													

Distrito de Angra do Heroísmo

CONCELHOS	ELEITORES INSC.	Salgado Zenha		M.ª Lourdes Pintasilgo		Freitas do Amaral		Mário Soares		Ramalho Eanes		Soares Carneiro	
		Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%
ANGRA HEROÍSMO	24 365	1 091	6,3	679	3,9	9 012	52,2	6 477	37,5	10 002	56,1	7 417	41,6
Calheta	3 166	35	1,4	16	0,6	2 039	86,6	263	11,1	1 676	28,5	1 655	69,8
St.ª Cruz Graciosa	4 079	80	3,2	39	1,5	1 587	64,4	757	30,7	1 159	44,2	1 402	53,4
Velas	3 482	97	3,3	28	0,9	2 326	79,7	466	15,9	1 450	47,3	1 509	49,3
V. Praia Vitória	13 924	457	4,7	271	2,8	5 715	59,7	3 128	32,6	5 104	50,4	4 767	47,1
TOTAIS													

Distrito do Funchal

CONCELHOS	ELEITORES INSC.	Salgado Zenha		M.ª Lourdes Pintasilgo		Freitas do Amaral		Mário Soares		Ramalho Eanes		Soares Carneiro	
		Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%	Votos	%
FUNCHAL	72 749	4 866	2,436	4,3	50,1	20 804	36,9	31 795	58,5	20 148	37,0		
Calheta	8 320	110	1,7	64	0,9	5 716	88,4	570	8,8	900	13,2	5 748	84,6
Cam. Lobos	15 145	522	4,5	722	6,3	8 562	74,6	1 662	14,4	3 829	33,9	6 895	61,0
Machico	12 590	1 386	15,0	637	6,9	5 490	59,7	1 672	18,2	4 691	48,1	3 967	40,7
Ponta do Sol	5 652	73	1,6	57	1,2	3 898	86,9	456	10,1	646	13,3	4 132	85,3
Porto Moniz	2 511	26	1,2	15	0,7	1 829	88,7	192	9,3	297	14,5	1 689	82,7
Porto Santo	2 633	48	2,0	20	0,8	1 091	47,1	1 162	50,0	1 270	60,3	783	37,2
Ribeira Brava	7 926	160	2,7	129	2,2	4 744	81,8	766	13,2	4 514	74,1	1 427	23,4
Santa Cruz	14 473	850	7,1	330	2,7	2 080	68,1	2 598	1,9	5 890	50,9	5 249	45,3
Santana	6 897	112	2,1	107	2,0	4 398	84,6	578	11,1	3 712	69,7	1 438	27,0
S. Vicente	5 011	82	2,4	69	2,0	2 604	76,1	663	19,4	2 682	76,6	666	19,0
TOTAIS	153 907									52 208	44,3	60 160	51,1

A "dança" dos resultados

Uma noite sem "suspense"

Duas horas depois do encerramento das urnas já estavam apurados mais de metade dos resultados das freguesias, numa prova de que, de acto eleitoral para acto eleitoral, o método de apuramento se torna cada vez mais rápido. Mas, ainda antes da contagem dos boletins de votos, já os meios de comunicação social tinham feito as suas previsões. Foi para o cidadão eleitor uma noite sem qualquer suspense.

Quatro minutos depois das urnas terem fechado no continente e ainda quando nas regiões autónomas decorria o acto eleitoral, já estavam apurados os primeiros resultados referentes à freguesia de Refal, em Bragança. E, por uma vez, os resultados ali alcançados pelos quatro candidatos, embora com percentagens diferentes das obtidas no final, marcaram a hierarquia que a previsão da 1 hora e 19 minutos de hoje tornava decisiva: Freitas do Amaral e Mário Soares passavam à segunda volta, tendo obtido naquela freguesia transmontana os dois primeiros lugares, respectivamente com 77,2 e 20,7 por cento, seguidos de Salgado Zenha e de Maria de Lourdes Pintasilgo.

Mal o escrutínio terminou nas ilhas, os órgãos de comunicação social, com base nos resultados obtidos nalgumas freguesias tipo do continente, avançavam as suas projecções. Às 20 horas a RTP divulgava que Freitas e Soares se defrontariam na segunda volta, embora pouco depois das 19 horas a informática da televisão já soubesse o «segredo de polichinelo»: a necessidade de uma nova consulta eleitoral em 16 de Fevereiro. Por seu lado, a Rádio Renascença, menos de uma hora depois das urnas terem fechado, avançava com o mesmo cenário, o que se repetiria com as

previsões da Rádio Comercial. Os resultados do escrutínio provisório, entretanto realizado no Secretariado de Apoio Técnico ao Processo Eleitoral (STAPE), revelavam, às 19 horas e 30 minutos, com 133 freguesias apuradas, o ordenamento dos candidatos, com Freitas do Amaral com mais de 17 mil votos, seguido por Soares, com mais de cinco mil, Zenha perto de dois mil e Pintasilgo com pouco mais de 500. Comparativamente às eleições de 6 de Outubro, Freitas do Amaral ultrapassava o somatório dos votos do PSD e CDS, partidos que apoiam a sua candidatura, Soares ultrapassava a votação então obtida pelo PS e o somatório dos votos de Salgado Zenha e Lourdes Pintasilgo estavam longe da soma das votações dos renovadores democráticos e do eleitorado da Aliança Povo Unido.

A tendência de voto estava encontrada, apesar de, nos mapas comparativos com as presidenciais de 1980, Soares Carneiro aparecer à frente de Ramalho Eanes, situação que, como se sabe, se inverteu completamente.

Candidaturas reagem cedo

Quando faltavam apurar 2460 freguesias, Freitas do Amaral ultrapassava o meio milhão de

votos, com uma marca superior à alcançada há cinco anos por Eanes, mantendo-se Soares em segundm lugar, embora com menos de metade das preferências eleitorais recolhidas pelo ex-líder centrista. As tendências anteriormente detectadas acentuam-se e, assim, a votação de Salgado Zenha suplanta em pouco mais de três mil votos a alcançada pelo PRD, ficando no entanto muito longe do somatório dos votos dos renovadores e da APU: menos 110 mil votos, dos quais Pintasilgo recolheu apenas um pouco mais de 53 mil.

Anteriormente a este dado do STAPE já Miguel Galvão Teles, do ZAP, e Sousa e Castro, do movimento de apoio a Maria de Lourdes Pintasilgo tinham admitido a derrota dos respectivos candidatos. Às 21.30 h, as previsões do Secretariado Técnico de Apoio ao Processo Eleitoral indicavam os seguintes intervalos: para Freitas do Amaral, uma votação entre 43 e 47 por cento, e para Soares entre 24 e 26, o que vinha, aliás, confirmar as projecções da Rádio Renascença e da Rádio Comercial.

Com o decorrer do escrutínio, os intervalos foram-se definindo, e, quando o apuramento terminou, pouco depois de uma hora da madrugada de hoje, e quando faltam apurar três freguesias, as duas de Vizela e a de Lever, onde não se realizaram as eleições, Freitas do Amaral tinha 2 628 355 votos, com uma percentagem de 46,3 por cento, seguindo-se Soares com 1 443 074 (25,4 por cento Salgado Zenha com 1 185 369 (20,8 por cento) e Lourdes Pintasilgo com 418 207, a que correspondem 7,3 por cento.

Abstenção: valor médio

A taxa de abstenção das eleições realizadas ontem foi de pouco mais de 24 por cento, valor que, sendo inferior ao alcançado nas últimas eleições autárquicas, o mais alto registado depois do 25 de Abril — 36,1 por cento —, está na média do verificado em anteriores actos eleitorais. A percentagem de abstenção iguala, ainda, a verificada em 1976, quando Ramalho Ea-

nes disputou a corrida à Presidência com Otelo Saraiva de Carvalho e Octávio Pato, e é superior, em cerca de oito por cento, à verificada em 1980, quando Eanes se re-candidatou para o segundo mandato, tendo como adversário Soares Carneiro.

É a seguinte a evolução da abstenção em 10 anos de eleições democráticas em Portugal.

8,3 por cento

14,4 por cento

35,4 por cento

24,5 por cento

12,9 por cento

26,2 por cento

16,1 por cento

16,1 por cento

28,6 por cento

22,2 por cento

25,8 por cento

36,1 por cento

Constituintes de 75

Legislativas de 76

Autárquicas de 76

Presidenciais de 76

Legislativas de 79

Autárquicas de 79

Legislativas de 80

Presidenciais de 80

Autárquicas de 82

Legislativas de 83

Legislativas de 85

Autárquicas de 85.

Entre buzinas e piropos

A segunda volta desceu à rua

Nuno Ribeiro

Na avenida de passeios desertos, as caravanas cruzam-se, trocam piropos, avançam numa marcha lenta, fazendo soar um concerto de buzinas ensurdecedor. De um lado, subindo em direcção ao Saldanha, em demanda da apoteose das Avenidas Novas, jovens apoiantes de Freitas do Amaral; do outro, buscando a concentração e aplauso da sede do MASP os apoiantes de Soares. Foi assim que, ao fim de algumas horas, a cidade adormeceu. Ao som de vivas vários, de muitos «V» e de alguns punhos esquerdos erguidos. A segunda volta desceu à rua.

«Mais uma vez a juventude está a apoiar Freitas do Amaral», diz ao repórter Pedro, 16 anos, à espera que o candidato apareça a uma das janelas do palacete do Largo de Santa Catarina. De costas viradas para o Tejo, comprimidos entre barreiras metálicas e um cordão policial, alguns jovens fazem sua a vitória de Freitas do Amaral.

Para Pedro, estudante do 10.º segundo ano, esta manifestação de apoio é o desembocar lógico das caravanas em que participou pelas ruas de Lisboa, a partir da sede do PSD. As referências políticas são necessariamente escassas: «acho que ele é que tem as melhores possibilidades de fazer um País melhor», diz. Foi um percurso ruidoso o que ele percorreu durante duas semanas, pendurado em carros de ocasião, lançando panfletos, desfaldando bandeiras azuis e brancas marcadas a verde rubro. «Adeus nas caravanas, nos carros, por toda a Lisboa», recorda.

E, quando pouco passa das 11 horas da noite a sua esperança é que ele apareça e que, num carro providencial, transgredindo as normas do trânsito, desafiando a monotonia da noite de domingo, continue a celebração: «ou vou para casa, ou se encontrar algum carro vou na caravana».

Dentro do palacete cruzam-se figuras do meio político e teatral. José Miguel Júdice vai cumprimentando alguns conhecidos. Armando Cortês também está presente entre muita gente, certamente «colunável» que ostenta no peito ou na lapela um «conv» marcado sobre o fundo azul dos cartazes de Freitas do Amaral.

«Aqui só há garinas boas»

Apesar dos «slogans», o ambiente é de uma certa solenidade. Polícias, cedo destacados para fechar o trânsito na Rua Marechal Saldanha, destoam com as suas gabardines negras de um colorido de «jeans» e camisolões. Engravatados, homens da segurança povoam o átrio do palacete. Há risos e um

ambiente de euforia que se prolonga pela casa que foi sede do «Jornal Novo».

Cá fora, no entanto, entre o som das buzinas que ecoa da Calçada do Combro, dos «Alfas» que aceleram sem atender ao preço da gasolina, dos «jeeps» de roncar metálico, é a espera. Vão chegando mais apoiantes, pedindo que o repórter fotográfico lhes conceda a honra da impressão.

José António, um jovem de 18 anos, de Lisboa, faz um apelo insistente. «Querem tirar uma fotografia ao futuro Presidente da República?». Perante a surpresa, diz, atraindo o «slogan» que o faz estar presente: «é para o futuro, não é pra frente...». «Daqui a 22 anos já posso ganhar isto à vontade. Porquê? Porque sou giro». E, explicitando a razão da sua futura candidatura, aborda a questão: «Para ser presidente, é preciso ser galã, ser D. Juan», diz enquanto acompanha o andar de uma jovem «decorada» para a ocasião, com a face marcada por autocolantes redondos de Freitas do Amaral, com improvisados brincos da candidatura do Prof. «Aqui só há garinas boas», prossegue. Mas quando o repórter pergunta se Freitas tem o «tal» perfil, o de galã ou D. Juan, remete a resposta para as suas acompanhantes. E, delas, só um sorriso desmaiado cortou o silêncio...

«Olha os comunas»

Na Avenida da Liberdade organizam-se caravanas. Encabeçadas por um Mercedes azul claro, jovens pendurados nas janelas, o concerto de buzinas dirige-se, em passo lento, em direcção ao Marquês de Pombal que, a fazer jus à definição de nó viário, concentra perto de uma centena de apoiantes de Freitas do Amaral.

Trocamos «vivas», entre bandeiras do PSD e as ressuscitadas do CDS que hibernaram desde os menos de 10 por cento de 6 de Outubro. Pelo caminho, outras aparições: uma bandeira da AD, certamente religiosa-

mente guardada, em esvoaçar provocador, carro parado à frente do Centro de Trabalho Vitória do PCP e, para espanto do leitor e do jornalista, do Benfica... que sábado triunfou facilmente sobre o Vialonguense.

A procissão desemboca no Marquês, onde se realiza um «acto litúrgico». É o agitar constante das bandeiras, as buzinas que soam até à exaustão, o vitoriar da primeira volta, e as promessas de fé em relação ao acto eleitoral de 16 de Fevereiro. Os carros atravessam traços contínuos, estacionam nas placas, são daltónicos aos semáforos. É um verdadeiro festival de cor e som que atrai os jornalistas e espanta alguns estrangeiros que, das janelas de um hotel próximo contemplam a cena.

Os dedos estão marcados em «V», os passos são de bailado entre a confusão do trânsito. Por entre bandeiras sociais-democratas e centristas, alguns carros de apoiantes de Soares demandam o «refúgio» do Saldanha. «Freitas já ganhou», grita um jovem que estacionou o seu «desportivo» junto ao carro do «DE» dirigindo-se a uma carrinha verde, onde três jovens erguem bandeiras com a rosa do dirigente socialista. De lá, vem um sorriso e um aceno de cabeça

negativo. Em troca, o jovem com a bandeira laranja das setas exclama: «olha os comunas».

«Soares por cima Freitas por baixo...»

A «vingança» na guerra dos «slogans», dos «claxons» e da concentração é, para os apoiantes de Mário Soares, a Praça Duque de Saldanha, junto ao palácio onde estão situados os serviços de candidatura do líder do PS. Ali, Soares é vitorioso pela passagem à segunda volta, com destaque para o entusiasmo de muitos jovens que lançam novas palavras de ordem quando, por necessidade de percurso, ou por desforra eleitoral, qualquer carro de apoiantes de Freitas do Amaral passa perto.

Para além da colagem de autocolantes de Soares nos carros do seu rival da segunda volta, alguns gritos de «fascistas» e trocas de opiniões marcaram a passagem. Cada vez que um carro exibia a bandeira do PSD, alguém exclamava: «a Helena Roseta é que os topa». Para acalmar os mais exaltados, a segurança lembrava que «nós somos democratas», mas, quando algum «freitista» tentava romper à força do motor os caminhos que a multidão tinha marcado no asfalto, os ânimos subiam de tom. «Soares é fixe, o

Freitas que se lixe», «Soares é progresso o outro é retrocesso», em ritmo cadenciado, acompanhado por manifestações de desagrado, eram as rimas mais usadas.

Junto a um carro com três apoiantes de Freitas que proclamam «Prá Frente Portugal!», um jovem contesta: «tu queres é voltar para trás, tem juízo».

No passeio, César de Oliveira acompanha os acontecimentos: «estou a ver o desfile de Soares», responde ao repórter. Do outro lado da Praça Duque de Saldanha, Acácio Barreiros entra e sai, por diversas vezes, no denominado «Espaço Saldanha».

Indiferentes à presença de dirigentes políticos, jovens apoiantes de Soares marcam com fervor a sua presença. Paulo, com 16 anos, adianta que «estou aqui a comemorar a passagem à segunda volta». «Não gosto do Freitas», sublinha. «Porquê?». Um amigo vem em seu auxílio: «porque não és super-rico e ele não é um democrata». E, quando numa cena de bandeiras, os ânimos sobem de tom, a segurança interveio acompanhando os carros de Freitas. Mas os jovens não param de criar «slogans»: «Soares por cima, Freitas por baixo...». Complete agora o leitor a rima como quiser!

Cobertura fotográfica das eleições por Rui Pacheco e José Tavares



No Saldanha, de madrugada: «Soares é fixe, o Freitas que se lixe»

E agora, esquerda?

Rogério Vidigal

Há esquerda e direita, ou não?

E, se há esquerda, o que vai ser dela agora, o que vai fazer?

As perguntas põem-se, certamente, a uma parte substancial do eleitorado que terá de votar no próximo dia 16. Culmina um processo que tem desfeito e refeito a esquerda portuguesa desde há 12 anos. O último passo, ou tentativa, foi a formação de um novo partido que, significativamente ou não, preferiu sentar-se na Assembleia da República, entre o PS e o PSD.

Só que, pelos vistos, essa nova formação política não resolveu. Carisma por carisma, o eleitorado parece, agora, ter preferido os corifeus dos primeiros tempos, aqueles que protagonizaram a vida política desde os primeiros passos da «Revolução dos Cravos». Mais uma vez, como já sucedera com Spínola e Costa Gomes, por um lado, Manuel Serra e Lopes Cardoso por outro, as figuras menos definidas e os dissidentes saem triturados do processo.

Assim, tratar-se-ia neste momento de definir o que é esquerda, se Soares a representa ou não no acto eleitoral aprazado para daqui a três semanas.

Ou seja, negando a força da esquerda ao candidato que vai ter de bater-se com Freitas do Amaral, o que vai sobrar para os próximos anos neste país que aparece classificado como o mais revolucionário de quantos integram a CEE?

Digamos de outro modo: se esta luta fosse, só e exclusivamente, um confronto a travar fora do campo da esquerda, quem passaria a representá-la daqui em diante?

O Partido Comunista? Zenha? Pintasilgo? Ou todos somados?

A resposta que sair da consulta do dia 16, poderá, nesse âmbito, ter um peso decisivo. É que, Freitas do Amaral, assumindo o discurso do modernismo, do «prá frente», não terá de enfrentar este tipo de problemas.

80 000 bilhetes
25 216 prémios

LOTARIA ESPECIAL
DE JANEIRO

sexta dia 31
anda a roda

Guardas prisionais consideram ter más condições de trabalho

Representantes dos guardas prisionais protestaram contra as suas condições de trabalho, que consideram «abusivas» e «discriminatórias».

Numa reunião realizada no sábado, em Lisboa, com a presença de 40 delegados de todo o País, o Sindicato Nacional do Corpo da Guarda Prisional (SNCGP) denunciou também «práticas de repressão» contra os seus activistas por parte da Direcção-Geral dos Serviços Prisionais.

Um sindicalista do SNCGP disse que se assis-

te na sua profissão, «à prática de horários de trabalho escandalosamente elevados, na média de 70 horas semanais».

«É uma situação abusiva e discriminatória no contexto da Função Pública» — afirmou.

Segundo a mesma fonte, «o sistema prisional português não dispõe de meios suficientes para acorrer ao constante crescimento da população prisional».

De acordo com os números daquele sindicato, existem actualmente nas cadeias portuguesas mais de 9 mil reclusos».

Desabamento numa galeria

Um morto e um ferido nas Minas da Panasqueira

Um morto e um ferido em consequência da queda de um liso (pedra grande) é o balanço do acidente que ocorreu sábado nas Minas da Panasqueira.

Albertino Luís Martins Canas, 23 anos electricista de fundo — morto — e Paulo Alexandre da Silva Pereira, 25 — ferido — foram atingidos pela queda da pedra que tinha cerca de 8 metros quadrados de superfície.

No seguimento do acidente o Sindicato dos Mineiros e Indústrias Extractivas emitiu um comunicado denunciando a falta de segurança das minas e alertando para a gravidade da situação que ali se vive.

No seu comunicado o sindicato sublinha ainda o facto de o acidente ter ocorrido num sábado, afirmando que se fosse um dia normal de trabalho as consequências seriam certamente muito mais graves.

Luta contra Beleza radicaliza-se

Sindicatos Médicos decidem-se pela greve a nível nacional

A Coordenadora Geral dos Sindicatos Médicos (Norte, Centro e Sul) decretou, no sábado, uma greve geral dos médicos internos gerais, nos dias 3 e 4 de Fevereiro. Reforça-se, deste modo, a decisão dos médicos internos gerais da Região Sul, tomada na sexta-feira, de cumprirem uma paralisação nas mesmas datas, integrada no mesmo quadro de luta contra os propósitos governamentais (pela «mão» de Leonor Beleza) de elaborar um estatuto que satisfaça as suas aspirações.

A Coordenadora Nacional dos Sindicatos Médicos, que se reuniu em Coimbra para apreciar a actual situação no sector da saúde, considerou «o comportamento do Governo e do Ministério da Saúde gravemente lesivo dos interesses socioprofissionais dos médicos, recusando sistematicamente o diálogo e violando frontalmente a Constituição da República, nomeadamente através da revisão das carreiras médicas retirando direitos há anos adquiridos pela classe».

A Coordenadora Nacional dos Sindicatos Médicos salientou também «a actual mobilização e dinâmica de luta dos estudantes das Faculdades de Medicina e dos Internos Gerais, que apontam para acções de luta a nível nacional».

Na reunião, foi decidido

ainda «promover uma concentração de dirigentes e activistas sindicais junto do Ministério, caso a ministra da Saúde persista em não dialogar com os médicos».

«Desafiar a ministra da Saúde para um debate público na televisão sobre a actual política de Saúde, e convidá-la para uma sessão-debate sobre as carreiras médicas», foi outra das resoluções da Coordenadora Nacional dos Sindicatos Médicos.

As principais críticas daquele órgão ao Ministério da Saúde assentam na «ausência de diálogo» e na «pretensão de rever as carreiras médicas de um modo que retira direitos há anos adquiridos pela classe».

Terminou congresso nacional

Jovens médicos de terras

longínquas e do interior do País participaram nos trabalhos do VI Congresso Nacional do Médico Interno que, integrando mais de mil profissionais, terminou em Lisboa, no sábado.

Mário Quina, presidente do VI Congresso disse à NP que os objectivos foram atingidos estando-se já a preparar o do próximo ano.

A realização deste congresso destinou-se à reciclagem científica dos jovens médicos do internato geral e complementar, tendo-se verificado segundo Mário Quina «a presença de profissionais de todas as idades, muitos deles provenientes de zonas isoladas do País».

Ao longo de três dias foram apresentadas 54 comunicações e 22 painéis, alguns deles de nível científico.

Este Congresso tem constituído o maior congresso médico a nível nacional desde que se realizou o primeiro em 1981.

Professores de medicina e médicos diferenciados de todas as Faculdades de Medicina e de vários hospitais de três grandes centros do País, abordaram temas de prática médica diária e transmitiram a sua experiência clínica a cerca de 1200 jovens médicos.



CARTÃO CPP
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
54 021 00000000 0 1
31/03/00
ANTONIO G. CANTOS

A apresentação do Cartão CPP garante, agora, os seus cheques pessoais sobre o Crédito Predial Português até 20.000\$, em todos os estabelecimentos comerciais aceitantes.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS



MELO
INFORMÁTICA

ÚLTIMA OPORTUNIDADE!!

ATÉ 6 MENSALIDADES SEM PAGAR ENCARGOS



CONDICÕES ESPECIAIS PARA CONJUNTOS PROFISSIONAIS

AMSTRAD CPC 464 — Desde 9980\$00
AMSTRAD CPC 664 — Desde 15 000\$00
ATARI 800 XL/130 XE — Oferta Joystick 39 800\$00/49 000\$00
Q.L. TIMEX — Desde 8800\$00
MONITOR TIMEX — Oferta ligação Spectrum (valor 3500\$00 14 900\$00
PRINTER TIMEX 2080 — Desde 7550\$00
AMSTRAD CPC 6128/PCW 8256 125 000\$00/198 000\$00
FLOPPY-DISK TIMEX — Desde 7000\$00
SPECTRUM PLUS 26 900\$00

PEÇA INFORMAÇÕES E CATÁLOGOS COM PREÇOS P. PAGAMENTO
— ASSISTÊNCIA TÉCNICA ESPECIALIZADA EM 48 HORAS
— Demonstrações às 3.ª e 5.ª-feiras, das 18 h. às 20 h.

JOSÉ DE MELO & SILVA, LDA.
ESCRITÓRIO: Rua Bernardim Ribeiro, 15
LOJA ZODÍACO: Rua Conde Redondo, 5-loja C
LOJA MELO: Rua Gonçalves Crespo, 18-C (inaugurada em 1-10-85)
Tel. Zodíaco: 549904 — Tel. Melo: 525669 — 1100 LISBOA

Ovar e Funchal também preparam cursos

Carnaval de Loulé custa 10 mil contos

Artistas plásticos, mulheres, carpinteiros e homens dos sete ofícios estão há mais de um mês a confeccionar milhões de flores em papel de seda para serem destruídos durante os três dias de folia carnavalesca de Loulé. No Funchal, sabe-se já que um carro alegórico decorado sob a forma de uma estrelicia, numa perspectiva de pássaro gigante, abre o cortejo alegórico de Carnaval que desfilará a 9 de Fevereiro pelas principais ruas da capital da Região Autónoma da Madeira. Serão treze os grupos, num total de milhar e meio de figurantes, que participarão no curso. Haverá ainda folia e alegria a rodos nos cortejos da Mealhada, Ovar e Torres Vedras, entre outras cidades e vilas portuguesas em que a tradição será comemorada.

O Carnaval de Loulé, um dos mais famosos do País, deverá reunir no local mais de cem mil turistas pela sua longa tradição. O carnaval obedece ao tema geral «O Mundo da Fantasia», distinguindo-se de entre as duas dezenas de carros alegóricos os que representam cenas da festa brava, caravela pirata, quarto de criança com brinquedos, baleia gigante, boneca na banheira, barco do Mississippi, junco chinês e canguru com carrinho de bebé.

A exemplo de anos anteriores, a tradicional «batalha das flores» é substituída por uma «batalha de rebuçados» que nos dias 9, 10 e 11 de Fevereiro serão arremessados à média de duas toneladas diárias.

As noites dos dias 8, 9, 10 e 11 de Fevereiro serão preenchidas com os habituais «Bailes da Comissão», que se realizam no Palácio do Trigo e são abrilhantados por dois conjuntos musicais, um português e outro estrangeiro, além de estar assegurado o concurso de vários artistas de variedades.

O ano passado o número de visitantes rondou os cem mil e para este ano o prognóstico do membro do secretariado é que a afluência de forasteiros, algarvios ou não, seja ainda maior, como acima admitimos.

O Carnaval de Loulé, organizado pela Câmara Municipal, conta com o apoio da região de turismo do Algarve. Para ele, há mais de um mês que trinta mulheres trabalham as cinco toneladas de papel de seda que, transformadas em pequenas flores, decorarão os vinte carros alegóricos que irão desfilarem no curso.

Uma equipa de «carolas»

Dois artistas plásticos e uma dezena de carpinteiros, além de outras pessoas ligadas ao aspecto organizativo, completam a equipa dos «carolas» que nesta altura faz reviver uma tradição que já dura há 30 anos.

O Carnaval de Loulé, que já ultrapassou as fronteiras da re-

gião, nasceu da iniciativa de um dos seus habitantes que, vindo do Sul de França, propôs realizar «um carnaval civilizado que desse brado no Algarve», à semelhança do que se fazia então naquele país.

Nos primeiros anos da sua existência o Carnaval de Loulé caracterizou-se por um «sabor» marcadamente político, fruto da época conflituosa que se vivia na altura e das divergências entre republicanos e monárquicos, que se chegaram mesmo a defrontar nas batalhas das flores.

Um barco tradicional do Mississippi, um jardim japonês, um canguru australiano, o castelo do Robin dos Bosques, a esfinge de Tutankamon serão alguns dos motivos do Carnaval de Loulé, repetimos.

O desenho, as dimensões e a quantidade do material aplicado na decoração dos carros e das figuras fazem com que o carnaval, nos dias de hoje, seja altamente dispendioso, custando o de Loulé cerca de dez, contos.

José Baptista, um dos artistas plásticos que colabora no Carnaval, disse que uma figura média, desenhada e elaborada por uma pessoa especializada, custa aproximadamente 40 contos.

Os carros alegóricos transportarão cinco grupos de animação, formados à base de alunos das escolas do concelho que compõem as diversas figuras carnavalescas.

Por outro lado, ao contrário do que tem acontecido e à semelhança dos carnavais brasileiros, este ano Loulé não terá a sua rainha, já que, segundo um responsável, «O Carnaval só por si é o Rei da Festa».

Durante os três dias do Carnaval serão distribuídos às crianças cerca de seis toneladas de rebuçados, que assim também irão comemorar o regresso do velho Rei Momo.

Emigrantes oferecem prémios monetários

O Carnaval da Madeira, com treze «trupes» e mais de 1500



Figuras de terror para animar o carnaval de Loulé



Um estaleiro de 75 por 18 metros ao serviço de um curso em Loulé

figurantes, como acima referimos, foi ontem apresentado à Comunicação Social. Os grupos produzirão a música de que necessitam para dançar e um esquema geral de sonorização instalada ao longo do percurso será desligado por fases, à medida que se apresenta a cabeça do cortejo.

As festas de Carnaval de 1986 começam a 5 de Fevereiro com as boas-vindas a todos os visitantes, no Aeroporto de Santa Catarina, a cargo de um grupo de palhaços.

A rainha do carnaval é eleita num espectáculo no Teatro Baltazar Dias, quando em 1985 a eleição foi efectuada no final do cortejo alegórico que dá lugar a um baile público animado por uma orquestra ligeira.

Enormes serpentinas decorarão algumas árvores, num projecto de decoração que se estende ao centro do Funchal, onde funcionarão serviços carnavalescos, desde um minicirco a venda de guloseimas tradicionais. O cantor Marco Paulo par-

ticipa com um grupo de bailarinas no cortejo do Carnaval-trapalhão, a 11 de Fevereiro, por ocasião de dois espectáculos que vai efectuar no Funchal.

Dois emigrantes radicados na África do Sul ofereceram prémios monetários no montante de 325 contos para atribuir às três primeiras trupes classificadas. Está prevista a participação de grupos vindos do Brasil e constituídos na sua maior parte por luso-brasileiros.

«Situação anómala da conjuntura» obrigou, por outro lado, a organização do Carnaval de Ovar a antecipar hoje a abertura da sua Festa Nacional Carnavalesca —, diz aquela em nota que nos remeteu. No primeiro domingo de Fevereiro haverá um cortejo infantil, com a participação da fanfara e majorettes dos BV de Esmoriz. O principal curso de Ovar desfilará no dia 9 com a Banda de Alcobaça e duas escolas de samba, repetindo na terça-feira, dia 11, o cortejo infantil do dia 2 e o desfile do dia 9.

CARNAVAL

25 VIAGENS DE LUXO, COM BAILES CEIAS, ESPUMANTE, ALEGRIA, ETC

PÁSCOA/86

VIAGENS, ESCOLHIDAS PARA SEU PRAZER EM HOTÉIS DE 1.ª - PULLMANS «LUXO»

FALLAS DE VALÊNCIA

DE 12 A 21 E 15 A 21 DE MARÇO
A MAIOR FESTA DE ESPANHA * CORRIDAS
DESFILES * FOGOS, ETC

HOTÉIS RIGOROSAMENTE NO CENTRO DA CIDADE
DESDE 40 000\$ — INSCRIÇÕES LIVTADAS

UM TURISMO DE QUALIDADE

LUSANOVA - TOURS

RESERVAS NA SUA AGENCIA DE VIAGENS

SINDICATO NACIONAL DOS PSICÓLOGOS

CONVOCATÓRIA

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral convoca a Assembleia Eleitoral para o dia **14 de Março de 1986**, para eleição dos Corpos Gerentes do Sindicato para o biênio de 86/88.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

a) Manuel Keck de Lemos Peixoto



AOS PAIS



“Transporte sempre as crianças no banco de trás”

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

80 000 bilhetes
25 216 prémios

LOTARIA NACIONAL é matemático!

a vantagem
é sempre sua

Em Loures, ajudando a alimentar uma fábrica

Fornecedor privado de água operou durante 16 anos

Nuno Ribeiro

Fotos de Rui Pacheco

Na extremidade de um pequeno quintal, numa das casas de um dos bairros clandestinos do concelho de Loures, um poço marca o engenheiro do homem na procura de água. Só que, naquele caso, a rega não é o motivo decisivo. Cruzando uma Estrada Nacional, bordejando um caminho municipal, uma conduta abasteceu durante 16 anos uma fábrica da zona.

«Precisamos de 800 mil litros de água por dia, e no Verão temos que os ir buscar com autotâncas, inclusive com o apoio dos Bombeiros Voluntários de Loures». As palavras de José Cardoso, director da UCAL não buscam a justificação para um facto que, segundo adiantou o «DL», não conhecia na sua totalidade. «Para nós a água vinha da propriedade acima, onde se localizava o poço que confina com a nossa propriedade; para nós, era dali que vinha a água».

Edificada há cerca de 20 anos a fábrica da UCAL de Sete Casas tem tido, ao longo da sua existência, dificuldades de abastecimento de água. Aliás, José Cardoso é o primeiro a sublinhar que «a localização da fábrica foi um erro de planeamento». Para suprir a deficiên-

que nunca nenhuma empresa se queixou de falta de água para poder laborar em condições. «Há anos, houve problemas de abastecimento, mas os Serviços Municipalizados têm vindo a melhorar as condutas, através de um sistema duplo, que passa por Olival Basto e Camarate», acentuou o mesmo informador. Quanto ao recurso a autotâncas, a mesma fonte declarou que «são situações pontuais, que só acontecem quando há crises de abastecimento derivadas da EPAL».

Abastecimento sazonal com controlo laboratorial

Para os responsáveis da UCAL, que já marcaram uma audiência com o Presidente da Câmara Municipal de Loures

não era, no entanto, grande. O eng.º Francisco Oliveira, director da fábrica, especificou ao «DL» que «estamos 99 por cento dependentes dos fornecimentos dos Serviços Municipalizados de Loures». Por outro lado, as leituras feitas por estes serviços não mostram, nos meses de ponta, quebras no consumo de água. Seria, assim, como afirmam todos os intervenientes no processo, uma das ajudas necessárias para manter a fábrica a trabalhar, apesar de se recorrer aos autotâncas dos bombeiros e da empresa.

Mas, o curioso de todo este caso reside no facto de um privado ter conseguido atravessar uma conduta sob uma Estrada Nacional, sem que aparentemente, ninguém da Junta Autónoma das Estradas se tenha apercebido da situação. Quanto ao pagamento, o director da UCAL revelou que se tratava de um processo de troca. Pela água que recebia, a fábrica encaminhava a água das lavagens até um depósito, de onde, por não oferecer qualquer perigo, era encaminhada para o sistema de rega do proprietário do furo.

Canalização com vinho

Para além do insólito, esta forma de abastecimento é tam-

tribuição de água são obrigados a consumir a água da referida rede para as suas necessidades domésticas».

Do mesmo modo, o art.º 30 especifica que «a rede de distribuição interior de um prédio utilizando água potável da rede geral deve ser completamente independente de qualquer sistema de distribuição de águas particulares, de poços ou minas». E, remetendo para o parágrafo segundo do art.º 4, o articulado refere ainda que as águas particulares só poderão ser utilizadas em lavagens e rega e que «a rede especial que as utiliza deverá ser facilmente inspecionável».

Mas, na memória dos técnicos, este não é o único caso insólito verificado no abastecimento de água a um concelho que se vai dotando com os meios necessários para um bom fornecimento para além do sistema duplo de Olival Basto e Camarate, vários depósitos de 5 e 10 mil litros».

O eng.º Barnabé Pisco recorda, com humor, um dos casos: «em 1975 houve abastecimento de vinho em vez de água em Bucelas, devido a uma falha de pressão na rede».



A conduta depois de descoberta pelos Serviços Municipalizados

CEE: quando a crise tem três letras

«Há seis meses não havia dinheiro para salários, pagávamos a pouco e pouco e, rectificando processos de gestão e com a colaboração da grande maioria dos trabalhadores, tem-se vindo a conseguir essa recuperação, ao ponto que nos últimos dois meses pagámos os salários por inteiro». A frase é de Jorge Cardoso, director da UCAL e não serve para justificar o caso da fábrica de Sete Casas. É apenas um exemplo dos problemas que afectam o sector da produção de leite, que encontra na adesão à CEE uma dificuldade acrescida.

Para uma cooperativa de 14 produtores de leite, da zona Centro e Sul do País, com uma média de 7 vacas e meia por produtor, as obrigatórias legais a que a UCAL está sujeita são, de acordo com o seu director, um óbice ao seu desenvolvimento. «A UCAL foi obrigada ao longo dos anos a fazer uma distribuição de leite à cidade de Lisboa, o que representa a necessidade de 187 viaturas, mil empregados», salienta.

Por outro lado, refere que «o leite está agarrado a margens de comercialização muito curtas», perto de cinco escudos e vinte centavos por litro, dos quais um escudo e setenta centavos de subsídio do Estado.

Mas, olhando o presente, as dificuldades têm também três letras: CEE.

«Os excedentes da CEE são preocupantes, porque a legislação portuguesa sempre previu que fossem as cooperativas a fazerem a recolha», considera Guanilho Duarte, da UCAL. «Isso obriga à criação de estruturas mas, com a entrada na CEE, a recolha de leite pode ser feita por qualquer um; assim vai haver todo o interesse em recolher junto dos grandes produtores, em detrimento dos pequenos». Este facto leva a que, com uma estrutura fundiária de 2 vacas e meia por produtor, sejam os pequenos produtores a sentirem mais o impacto.



A Estrada Nacional atravessada, desde há 16 anos, pelo fornecedor privado

cia primária foram feitos furos na propriedade que, a necessidade de água, cedo esgotou. Por isso, estão previstos vultuosos investimentos na captação de novas linhas, com furos que se situarão nos 400 metros, obra orçada em cerca de 18 mil contos, tentando extrair do solo da quinta de 17 hectares a água necessária para a pasteurização e lavagem dos tanques.

No Verão, segundo as palavras de José Cardoso, a situação torna-se extremamente difícil, sobretudo a partir de Março e Abril. «Na época de ponta, o problema que se coloca é o de como podemos trabalhar se os Serviços Municipalizados não nos podem fornecer o caudal necessário?».

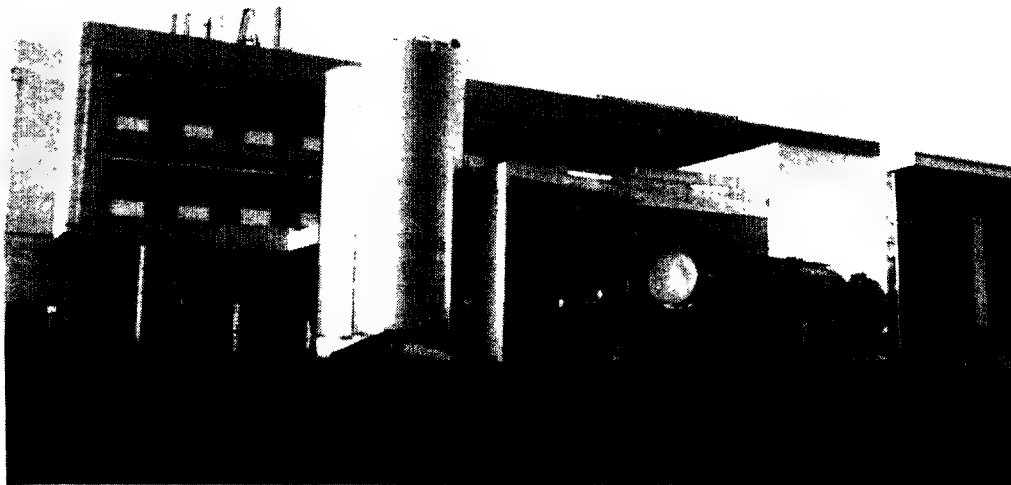
À pergunta, responde a Câmara de Loures que sublinha

para saber quais as garantias que podem ser dadas para fornecer à fábrica o caudal necessário, o recurso àquela fonte era, pois, sazonal e sempre controlado laboratorialmente. «Temos laboratórios próprios e toda a água que vai para os nossos depósitos é sistematicamente analisada e só depois utilizada nos sistemas de lavagens». E, se o consumo por dia é de 800 mil litros, para fazer um litro de leite pasteurizado, são necessários três litros e meio de água. Números que, por si só, demonstram a importância do abastecimento contínuo.

No entanto, a «solução» encontrada, e que durante 16 anos foi utilizada, viria a ser descoberta por acaso pelos Serviços Municipalizados. A importância deste abastecimento privado

bém ilegal. O director da fábrica afirmou desconhecer que, através daquele meio, «estávamos a infringir a lei».

De facto, como referiu ao «DL» o eng.º Barnabé Pisco, dos Serviços Municipalizados de Loures, o «novo regulamento» do serviço de abastecimento de água no concelho de Loures, portaria publicada no então «Diário do Governo» de 10 de Abril do longínquo ano de 1959 não contempla, no seu articulado, qualquer fornecimento privado. O art.º 4, sob o título de «Obrigatoriedade de consumo» refere que «os moradores de todos os prédios destinados à habitação, comércio e indústria, construídos ou a construir, quer à margem, quer afastados das vias públicas servidas por canalizações da rede pública da dis-



Aspecto da fábrica de Sete Casas: 700 mil litros de água por dia

Ferreira do Amaral preside ao IFADAP

O ex-ministro do Comércio e Turismo, Ferreira do Amaral, foi nomeado pelo Governo para presidir à nova Comissão Directiva do IFADAP, disseram fontes do Ministério das Finanças.

A Comissão integra, ainda, Pontes Zeferino e Marques Pais como vogais da Comissão do Instituto Financeiro de Apoio ao Desenvolvimento da Agricultura e Pescas.

A posse da nova Comissão Directiva realiza-se muito brevemente, acrescentou a mesma fonte.

Volta das para o comércio

internacional

Grupo SONAE constitui mais quatro empresas

O Grupo SONAE acaba de constituir quatro novas empresas nas áreas do comércio internacional, da compra e venda de imóveis, distribuição, agro-indústria e biotecnologia — informa a NP.

A «SONAE — Trading, SARL» tem como objectivo o exercício do comércio internacional por conta própria ou de terceiros, mediante a realização de operações de importação de produtos e serviços nacionais e estrangeiros, incluindo a prospecção e estudo de mercados.

Quanto à «SONAE — Imobiliária e Turismo» o seu objectivo é a compra de imóveis para revenda e exploração e desenvolvimento de centros comerciais, para além do exercício da indústria turística e da gestão e prestação de serviços de apoio à gestão de empresas e promoção comercial de publicidade.

A «SONAE — Distribuição» vai-se dedicar ao comércio retalhista e grossista, incluindo o desenvolvimento e exploração de centros comerciais, supermercados e outros estabelecimentos de livre serviço, para além de indústria ligeira alimentar como padaria, charcutaria, preparação e embalagem de carnes, hortofrutícolas e lacticínios.

A «SONAE — Agro-Indústria e Biotecnologia», tem por objecto a indústria agrícola e alimentar e de transformação de recursos biológicos e de processos enzimáticos e fermentativos.

Estas quatro sociedades anónimas têm, cada uma, um capital social de mil contos, integralmente realizado.

Por outro lado, a «Robótica — Projectos e Representações», que também pertence ao grupo, passa agora a sociedade anónima, aumentando ao mesmo tempo o seu capital social de 5 mil para 25 mil contos — apurou a Notícias de Portugal.

O seu objectivo social é a prestação de serviços às empresas industriais e comerciais, bem como a actividade de representações, importação, exportação e comercialização.

O Grupo SONAE, um dos maiores grupos empresariais portugueses, já detém participações de capital em empresas dos sectores industrial (madeiras e aglomerados), imobiliário e turismo (3 hotéis e uma rede de parques de campismo), distribuição (3 redes de mercados, desde o mini até ao hiper), e informática (3 empresas de microprocessamento).

Para já...

Reformas da CEE avançam sem a Dinamarca

A Presidência holandesa da CEE vai propor ao Conselho de Ministros dos Negócios Estrangeiros da Comunidade a assinatura solene da reforma institucional a 17 de Fevereiro no Luxemburgo.

Para os responsáveis holandeses, a urgência de aplicar imediatamente as primeiras medidas destinadas a lançar as bases do grande mercado interno, obriga os onze a proceder a uma assinatura imediata e sem a Dinamarca.

Para o ministro dos Negócios Estrangeiros holandês, Hans Van Den Broeke, que preside à reunião do Conselho, uma assinatura a onze deve ser vista

como «um sinal importante na direcção do povo dinamarquês».

«Não se trata de exercer pressão, mas sim de mostrar que onze Estados estão de acordo sobre o pacote de reformas» referiu sexta-feira em Haia o número um da diplomacia holandesa.

No entanto, a proposta da Presidência não será aceite pela Grécia, que já manifestou a sua oposição a uma assinatura sem a Dinamarca.

Para os gregos, uma assinatura a onze «seria chantagem» e a Grécia pretende aguardar a decisão de Copenhaga.

Não existe, também, uma certeza quanto à posição do Luxemburgo, que pretende uma assinatura de todos os Estados considerando que uma assinatura incompleta retira valor jurídico ao documento que relança a Comunidade Europeia.

A situação é delicada para o governo dinamarquês, favorável à reforma e desacreditado no Parlamento do seu país durante o debate da semana passada.

A realização de um «referendum» parece inevitável se a última tentativa para alterar a posição dos sociais democratas, a realizar terça-feira no Parlamento dinamarquês, não for coroada de êxito.

Também não teve qualquer êxito a visita efectuada a várias capitais pelo MNE dinamarquês, Elleman Jensen, que recebeu um «não» imediato nas seis capitais que visitou, ao seu pedido de renegociação do pacote da reforma institucional.

Se a Presidência obtiver dos Estados membros uma resposta favorável à sua proposta de assinatura a onze, os ministros deverão estabelecer também o prazo dentro do qual a Dinamarca deverá assinar o documento, a que se seguirá nos doze Parlaentos o longo processo de ratificação, que deverá ficar concluída dentro de um ano.

Construção civil enfrenta a concorrência da Comunidade

Desde o princípio do ano que Portugal está obrigado a anunciar no Boletim Oficial das Comunidades todos os concursos públicos para obras de construção civil de montante superior a 1 milhão de ECUS (cerca de 140 mil contos).

Este é, segundo a Associação de Empresas de Construção e Obras Públicas do Sul (AECOPS), o principal factor de mudança para o sector depois da adesão do País às Comunidades Europeias.

As regras do jogo para a construção no âmbito do Mercado Comum estão estabelecidas desde 1971, sendo claros os mecanismos de concurso e as condições técnicas e económicas que são exigidas aos concorrentes para a admissão das suas propostas. A pré-qualificação é normal quando a obra é importante.

«A primeira consequência imediata da adesão é, pois, o aumento da concorrência a nível

do mercado interno» — salienta-se num estudo da AECOPS divulgado pela NP.

«O reverso da medalha é, porventura, mais significativo, em termos de balanço, para as empresas portuguesas, não propriamente por os mercados comunitários lhes passarem a estar também abertos» — diz-se no estudo. «Excluindo as possibilidades de trabalho em zonas fronteiriças de Espanha, os efeitos deste facto serão, por ora, meramente teóricos».

A AECOPS espera, e o Governo de Cavaco Silva já anunciou essa intenção, que se assista em 1986 a um alargamento do mercado interno, através de um aumento previsivelmente substancial das carteiras de encomendas.

«Há que regenerar o tecido empresarial da construção civil portuguesa» — defende a AECOPS, organização de um sector que nos últimos cinco anos chegou a deterioração quase irreversível.

MINISTÉRIO DAS FINANÇAS COMANDO GERAL DA GUARDA FISCAL CONSELHO ADMINISTRATIVO

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA O FORNECIMENTO DE «FATOS DE TREINO, CAMISOLAS DESPORTIVAS M/MANGA E CALÇÕES DESPORTIVOS» — PROC. N.º 1-F/86

1. Faz-se público que está aberto concurso público para o fornecimento à Guarda Fiscal de «FATOS DE TREINO, CAMISOLAS DESPORTIVAS M/MANGA E CALÇÕES DESPORTIVOS».

2. Serão recebidas propostas até às 17H30 do dia 26 de Fevereiro de 1986, procedendo-se à abertura às 10H00 do dia imediato, 27 de Fevereiro de 1986.

3. O Caderno de Encargos está patente no Conselho Administrativo do Comando Geral da Guarda Fiscal à Rua da Cruz de Santa Apolónia, 2-1100 LISBOA, durante as horas normais de expediente, podendo ser fornecido ao preço de 50\$00 cada exemplar.

4. A caução provisória a prestar será de 150 000\$00.



Sonho Real

RESTAURANTE CERVEJARIA CHURRASCARIA

Arroz de Marisco
Grelhados no Carvão

COELHO

COSTELETAS DE NOVILHO

ESPETADA DE CARNE

ESPETADA DE LULAS

ENTRECOSTO

FRANGO

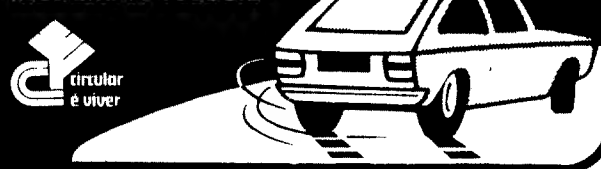
Aberto todos os dias

Prça da República 6-A e 6-C

CARCAVELOS - 2776 PAREDE

TELEFONE 247 00 40

O PISO MOLHADO REDUZ A ADERÊNCIA
MODERE A VELOCIDADE



COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade)
COMPRA VENDA

ÁFRICA DO SUL (rand)	56\$10	62\$10
ALEMANHA FED (marco)	64\$10	65\$30
ÁUSTRIA (xelim)	9\$05	9\$25
BÉLGICA (franco)	25\$74	3\$174
BRASIL (cruzeiro)	5007	\$017
CANADÁ (dólar - notas de 1 e 2)	111\$70	114\$20
(notas de 5 a 1000)	112\$20	114\$70
DINAMARCA (coroa)	17\$40	17\$80
ESPAÑA (peseta)	\$992	\$1112
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	157\$10	160\$60
(notas de 5 a 1000)	157\$60	161\$10
FINLÂNDIA (marka)	28\$75	29\$35
FRANÇA (franco)	20\$90	21\$60
HOLANDA (florim)	56\$85	57\$95
IRLANDA (libra)	195\$30	199\$30
ITÁLIA (lira)	\$086	\$096
JAPÃO (iene)	\$752	\$787
NORUEGA (coroa)	20\$65	21\$15
REINO UNIDO (libra)	217\$40	221\$90
SUÉCIA (coroa)	20\$55	21\$05
SUIÇA (franco)	75\$65	77\$15
VENEZUELA (bolivar)	8\$60	9\$60

Observações:

1 - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Africa do Sul termina bloqueio ao Lesotho

O governo da África do Sul disse ter levantado um severo bloqueio económico ao Lesotho após o novo regime militar de Maseru ter aceite recusar a utilização do território a guerrilheiros que combatem o regime de Pretória.

O fim do bloqueio, que já fora atenuado de modo a permitir a entrada de mais produtos no Lesotho, segue-se à deportação de Maseru de 60 apoiantes do Congresso Nacional Africano (ANC), principal grupo de guerrilha que luta contra o domínio branco na África do Sul.

O Ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros, Rieffers Botha, disse que é do conhecimento geral que o seu governo manteve esta semana extensas conversações com os novos dirigentes militares do Lesotho, que tomaram o poder num golpe no passado fim-de-semana.

«Uma das questões mais importantes foi a da segurança», disse Botha.

Os dois governos sublinharam agora o princípio de que nenhum permitirá o uso do seu território para a preparação ou execução de actos de violência ou terror contra o outro, e que tomarão medidas para verificar a aplicação deste princípio.

«Devido a isto, o governo sul-africano decidiu levantar as medidas restritas de controlo na fronteira».

Diplomatas em Maseru consideram que o bloqueio foi um dos factores que levaram o major-general Justin Lekhanya e os seus colegas militares a afastar o primeiro-ministro civil Leabua Jonathan.

Os militares estavam cada vez mais impacientes com a recusa de Jonathan em ceder às pressões de Pretória para expulsar o que afirmava serem refugiados políticos, disseram os diplomatas.

Teatro da Trindade/Inatel Teatro Nacional de S. Carlos

Apresenta

II Concurso Coreográfico da C.N.B. Janeiro de 1986

I Programa dias 28 e 29, às 21.30 h

Danças Breves (Carlos Prado/Boccherini)

Encontros (Dimas Casinha/Walter Haurt)

Narciso — monólogo de uma paixão

(Rui Lopes Graça/António Capelo)

Triptico (José Silvestre/Fernando Lopes Graça)

Mikrokosmos (Sérgio Funari/Wilson Aguiar/Béla Bartok)

II Programa dias 30 e 31, às 21.30 h

Movimento Primo (Josefina Holmes/G. Gershwin)

Trois nuits d'été Peter Lewton Brain/H. Berlioz)

Hara (Lúcia Marta/Béla Bartok)

Stunning !!! (Alfredo Gesta/S. Saëns/Klaus Nomi)

Crianças de amanhã (Dimas Casinha/F. Chopin)

Variações sobre um tema de Paganini

(Raymond Chai/Rachmaninoff)

Patrocínios — Fundo de Fomento Cultural
Fundação Calouste Gulbenkian
RTP
Inatel

VESTUÁRIO EM CABEDAL E ANTILOPE

CONFECCIONAMOS POR MEDIDA
PINTAMOS E ARRANJAMOS
CASACOS DE CABEDAL

CONFECCÕES STAHL, LDA.

AV. MARQUES DE TOMAR, 68-1.º ESQ.

☎ 77 11 58 — 1000 LISBOA

INTERNACIONAL

Enquanto perde popularidade

Thatcher levada a "julgamento" afirma que não se demitirá

O Partido Trabalhista britânico anunciou que vai submeter amanhã a «julgamento» a primeira-ministra Margaret Thatcher no debate parlamentar sobre o caso «Westland».

Roy Hattersley, um dos líderes da oposição, disse que, após as revelações dos últimos dias, está em casua a honestidade de Thatcher: «A sua palavra já não se pode aceitar sem provas e a sua conduta descredita o seu cargo e desonrou o governo».

«Já não há dúvidas quanto ao engano» — disse Hattersley — «e a pergunta crucial é durante quanto tempo tem a primeira-ministra enganado activamente e intencionalmente o país».

Numa concentração realizada em Cheltenham, 100 quilómetros a oeste de Londres, Hattersley enumerou uma série de perguntas que, segundo afirmou, darão a Margaret Thatcher 48 horas para construir a sua defesa no «julgamento» a que amanhã será submetida.

Para o líder trabalhista «o mais vergonhoso de todo este sórdido episódio é o desejo da primeira-ministra de se refugiar atrás dos funcionários do seu próprio gabinete que, se bem que trabalhem a seu lado, não lhe pediram autorização para cometer o engano que ela mesma admitiu».

Entretanto, Margaret Thatcher, recusando sugestões para se demitir devido a um alegado encobrimento governamental, prometeu responder ao Parlamento sobre o seu conhecimento da fuga de uma carta confidencial.

Prevê-se que Thatcher fale amanhã num debate de emergência sobre o caso Westland,

um assunto que envolve o salvamento de uma fábrica de helicópteros e que causou uma crise governamental com a demissão de dois ministros.

«Surgiram muitas questões e eu vou responder a elas em pormenor», disse hoje Thatcher numa entrevista à televisão. Recusou-se todavia a adiantar o que dirá.

Margaret Thatcher defendeu os últimos sete anos de governo e recusou alusões à sua demissão.

Uma sondagem publicada pela Imprensa indica que 43 por cento do público considera que Thatcher devia demitir-se do cargo de primeiro-ministro.

Mais sondagens

O Partido Trabalhista aumentou a sua aceitação popular para 36 por cento, mais cinco pontos do que o Partido Conservador no poder, segun-

do sondagem publicada pelo semanário «The Observer».

O partido da primeira-ministra Margaret Thatcher obteve 31 por cento das intenções de voto e a Aliança Social-Democrata-Liberal 30 por cento, na sondagem efectuada na sexta-feira, dia em que se demitiu o ministro da Indústria e Comércio, Leon Brittan, devido ao «caso Westland», que já tinha originado a renúncia do ministro da Defesa, Michael Heseltine.

Para 49 por cento contra 43 por cento dos inquiridos, Thatcher deve continuar como chefe do governo, embora 75 por cento pense que ela tratou mal o «caso Westland» e só 10 por cento considere que procedeu bem. Entre os apoiantes do próprio Partido Conservador, 56 por cento estimam que foi mal conduzido o caso da empresa britânica de helicópteros em dificuldades financeiras.

Campala completamente tomada

Chefe dos rebeldes assumiu governação do Uganda

O Exército rebelde de Resistência Nacional (NRA) disse que capturou toda a capital ugandesa, Campala, e autodeclarou-se o novo governo do país.

Eriya Kategaya, secretário do NRA para os assuntos políticos e diplomáticos, disse em conferência de Imprensa, em Nairobi: «Consideramos o governo do Uganda. Assumimos o controlo».

Mas o líder guerrilheiro advertiu que os combates só terminariam quando o NRA tivesse capturado «todo o país».

«Queremos todo o Uganda. Avançaremos. Não deixaremos nenhuma parte do país», afirmou Kategaya.

Kategaya disse que as suas forças tinham capturado toda a cidade de Campala, incluindo a emissora de rádio, os correios, os edifícios do Parlamento e os quartéis do Exército.

Acrescentou que uma guarnição do governo, em Entebbe, 35 quilómetros a sul de Campala, onde se encontra o aeroporto internacional do Uganda, também se rendera.

A queda de Campala seguiu-se a uma semana de crescentes pressões do NRA, que no mês passado assinou no Quénia um tratado de paz com o governo.

O pacto nunca foi imple-

mentado. O líder do NRA, Yoweri Museveni, antigo ministro da Defesa, recusou-se a ir a Campala assumir o posto de vice-presidente do Conselho Militar dirigente enquanto o governo não controlasse a disciplina nas tropas.

A medida que a pressão do NRA aumentava, na semana passada, nos subúrbios de Campala, soldados governamentais descontrolaram-se uma vez mais, destruindo, saqueando e agredindo civis.

As forças do NRA, com reputação de serem disciplinadas, foram saudadas com júbilo por multidões, na noite passada, em Campala.

México perde 42 milhões de dólares por mês com a baixa do petróleo

O México anunciou que perderá 42 milhões de dólares mensais por cada dólar que baixe o preço do barril de petróleo no mercado internacional, debilitando ainda mais a situação económica do país.

O facto poderá também prejudicar outros países da América Latina, como é o caso do Equador, que baixou sábado o preço do barril de petróleo para 20 dólares.

O México depende em grande parte das exportações de matérias para fazer frente a compromissos com a banca inter-

nacional e manter os programas internos de reordenamento económico.

O dirigente da Confederação de Câmaras Industriais, António Calderon, disse no sábado que a entrada de divisas pela exportação de crude poderão ser reduzidas entre 2500 e 3000 milhões de dólares, caso o preço do barril desça, pelo menos, 6 dólares.

Espera-se que nos próximos dias se anuncie um novo ajustamento de preços. Em relação ao Equador, o preço do barril de crude desceu 5 dóla-

res nas cinco últimas semanas.

O presidente, Leon Febres Cordero, afirmou que a situação «é perigosíssima», mas que o Governo está «preparado para enfrentar» a crise.

A informação foi divulgada no sábado em Caracas no termo de um encontro entre Luisinchi e o ministro mexicano da Energia, Francisco Labastida.

O México e a Venezuela são os maiores produtores petrolíferos latino-americanos.

Iémen do Sul regressa à calma

A normalidade regressou à capital do Iémen do Sul, onde o aeroporto internacional foi reaberto ao tráfego aéreo, segundo a Rádio Aden, citada pela agência Kuwaiti Kuna.

A emissora acrescentou que foram restabelecidos os abastecimentos de electricidade e de água, bem como as linhas telefónicas com o exterior.

As cooperativas de alimentação abriram hoje as portas ao público e as autoridades começaram a tomar medidas para melhorar as condições de vida da população, concluiu Rádio Aden.

Por sua vez, a Secretaria norte-americana de Estado afirmou haver «indicações de uma maior implicação soviética» no Iémen do Sul e voltou a apelar para que esse país resolvesse a crise interna sem participação estrangeira.

Bernard Kalb, porta-voz da Secretaria de Estado, referiu-se a informações de refugiados em Djibuti de que os soviéticos «ou descarregam munições ou apoiam directamente a luta contra os rebeldes», mas declarou que não podia confirmá-las.

Disse, no entanto, não ter conhecimento de uma possível participação cubana no conflito.

Bernard Kalb considerou a situação que atravessa o Iémen do Sul «indefinida e pouco clara», mas nada adiantou sobre uma eventual reacção norte-americana no caso desse país se «transformar noutra Afeganistão».



Luz: atrapalhação de Moreira (guardião do Vialonga) que anda perdido, confiado em ajuda



Alvalade: disparo de Sousa, que coloca em sentido os rapazes do União de Coimbra

Futebol: "Taça de Portugal"

Lixa "tramou" Torres Vedras

Neves de Sousa

Tal como em outros bem mais importantes sectores da vida nacional, igualmente o futebol (leia-se Taça de Portugal, 16 avos-de-final) caprichou em não fornecer a menor surpresa para o cidadão português, neste último fim-de-semana de Janeiro. Nem sequer um toque de susto: tudo como era mais que esperado.

Em 16 espectáculos, proporcionaram-se somente sete triunfos de visitantes, com a nota saborosa da continuidade do Lixa dentro do troféu, desta feita à custa de um Torriense mais apostado em salvaguardar actividade próxima no bloco número dois do nosso jogo-rei que em entrar noutras andanças mais altas. Mas, recapitulemos como as coisas se passaram, já depois de (nestas colunas, edição de sábado)

termos registado novo desaire do Marítimo, desta feita perante um Desportivo de Chaves que, com o solitário golo de Júlio Sérgio, já no período de desempate, continuamente dominado pela boa arbitragem de Santos Ruivo, atirou pela borda fora os funchalenses, realmente a necessitarem urgentemente de sacudir a juba para não resvalarem para o zero mais absoluto, quase incompreensível para quem tanto apostou nas suas façanhas.

No Restelo, com alternante arbitragem do portuense Manuel dos Santos, o Belenenses goleou o Vitória de Setúbal: 4-0, tentos de Joel, Djão, Artur e Paulo Monteiro, com larga (e infeliz) participação do guarda-redes sadino, José Pedro, que misturou duas belas defesas com um dilatado pu-

nhado de erros. O belga Depireux está impante com a carreira da turma que veio comandar: até Joel já mandou oito quilos para as urtigas, Fernando Tomé retornou ao Bonfim com secreta esperança de, na volta do campeonato, meter uma casca de laranja nos pés benfiquistas.

Em Guimarães, nota muito aborrecida de registar, até porque começa a colocar o clube no fio da navalha e, qualquer dia, será bem possível que a Comunicação Social se escuse a dar qualquer informação sobre a colectividade da Rua D. João I. Novamente houve boicote ao trabalho de jornalistas e radialistas, indisculpável e censurável. Limitemo-nos, por agora, a registar que a turma que joga no estádio que é propriedade da Câmara Municipal venceu facil-

mente o Amarante: 5-0, dois golos de Paulinho Cascavel e os restantes a cargo de Miguel, Roldão e Bobó, num «show» de impecável desportivismo (dentro do relvado) comandado muito correctamente pelo conimbricense Miranda Dias.

Quando, em Alvalade (corria o minuto 56), o treinador verde-branco Manuel José se lembrou de mandar sair o britânico Meade para entrar Jordão, foi o bom e o bonito, com assobiadela de todo o tamanho. Pelas barbas dos «leões» estava um União de Coimbra que já tinha sofrido quatro golos (Sousa, Meade, Manuel Fernandes e Morato), não servia mais que de teste para a pontaria dos homens do Lumiar e, até à última apitadela do juiz setubalense Heliodoro Salgado (mal acompanhado pelo fiscal Carlos Seca) ainda se assistiu a mais dois disparos



Restelo: fumo sem fogo em todos os ataques setubalenses às redes belenenses

vitoriosos de Manuel Fernandes, o atirador que merece, sem sombra de qualquer dúvida ou a menor contestação, estar por direito próprio entre os melhor escolhidos por José Torres para a campanha mexicana.

Mas, isso são outros cuidados: para Manuel José já haverá bastante matéria para pensar, depois de inusitada atitude de quantos tão ruidosamente o vaiaram, nisso arrastando o moral de Rui Jordão, um atleta profissional que, embora em má forma física e técnica, carece em absoluto de conforto psicológico para não abreviar uma carreira de eleição.

Adiante: nas Antas, nenhum problema para o Porto face a um Estoril que sofreu três golos na primeira talhada da melancia (Lima Pereira, Elói e Frasco) e logo viu o sinal do triunfante bem erguido e a questão reduzida apenas a um mero exercício de sobrevivência ou revolta ante uma hecatombe de tentos, que nunca chegou porque os alunos de Artur Jorge como os orientados por Mário Wilson têm mais que fazer no próximo calendário. E, como o árbitro aveirense Raul Ribeiro não

complicou nadinha, tudo acabou de bem com os anjos.

O mesmo aconteceu em Penafiel: Cabrita encaminhando o seu «onze» para a ultrapassagem à moçada de Almeirim (3-1): dois golos caseiros por Babá, a ajuda de um tento metido na própria baliza pelo ribatejano Brito Lopes e o remate do colega Graça já a de nada mais valer que ao alívio numérico de um desaire que, não fora a infelicidade da turma de José Mendes, poderia ter feito surpresa razoável. Porém, tudo se ficou por boa arbitragem do bracarense José Alves e muito inconformismo no União de Almeirim, que regressou a penates arrependendo os cabelos perante as rodadas da sorte mais madrastra.

Viana do Castelo teve de vergar-se ao superior poderio de Braga, tal como aconteceu em Vila do Conde, porque foi mais influente o peso do Portimonense no duelo com o Rio Ave. Vianense batido por minhotos (1-2, esperança local aberta por Luís mas logo sufocada por Palhares e Lito), uma intocável direcção de partida

Continua na pag. 22

Inácio (FC Porto) perante Proust

- Qual é, para si, o cúmulo da miséria?
- Uns terem muito e outros não possuírem nada.
- Onde gostaria de morar?
- No país onde vivo.
- O seu ideal de felicidade terrena?
- Darmo-nos todos bem, uns com os outros. A vida é tão curta que não vale andarmos em guerrilhas.
- Heróis de romance que prefere?
- Os dos livros de Agatha Christie.
- Personagem histórico favorito?
- D. Afonso Henriques.

- Heroína favorita na vida real?
- A minha mãe.
- O seu pintor preferido?
- Não tenho grandes conhecimentos pictóricos, contudo existe um pintor, no Norte, que admiro muito e de quem tenho duas pinturas. Só o conheço pelo nome de Pato.
- O seu músico favorito?
- Não tenho grandes favoritos: gosto de todo o género de música, inclusive de Fado.
- Qualidade preferida no homem?
- A honestidade.

- Virtude preferida?
- A seriedade e o cumprimento das minhas obrigações.
- Ocupação preferida?
- Jogar futebol e ocupar-me da minha loja («Day-tona Pneus»).
- Quem gostaria de ter sido?
- Eu próprio.
- Principal traço do seu carácter?
- Dar a mão à palmatória quando cometi um erro.
- Que mais aprecia nos seus amigos?
- Simplesmente a sua amizade pura.

- O seu principal defeito?
- Acreditar demasiadamente nas pessoas.
- Cor preferida?
- Tenho várias: azul, verde, castanho, cinzento e preto.
- Os seus autores preferidos, em prosa?
- Leio muito literatura policial e dou uma certa preferência à Agatha Christie.
- Poeta mais admirado?
- Camões.
- Nomes preferidos?
- Pedro e Tania Vanessa.
- O que mais detesta?
- A falsidade.

Paula Gracioso bate recorde

No decorrer do Torneio Regional de Inverno, realizado no Estádio Nacional, a atleta Paula Gracioso (Clube Oriental de Lisboa) estabeleceu novo recorde nacional dos 3000 metros marcha, melhorando-o em um décimo de segundo e gastando 14.35,00 no percurso. Para a história, aqui se averba o nome (tempos e marcas) dos vencedores das restantes provas do certame organizado pela Associação de Atletismo de Lisboa: 60 metros/barreiras: João Lima (Sporting), 1.11; 60 metros: Arnaldo Abrantes (Sporting), 6.89; 200 metros: Arnaldo Abrantes (Sporting), 21.94; 400 metros: António Abrantes (Belenenses), 49.25; 800 metros: Hélder Costa 1.58.32; 1500 metros: Mário Silva (Sporting) 3.46.8; 3000 metros: Augusto Calmão (Casa Pia), 8.34.13; altura: Luís Marto (Sporting), 2.04; Triplo salto: Luís Marto (Sporting), 14.65; dardo: Carlos Cunha (Sporting) 67.00; 5000 metros/marcha: José Pinto (Belenenses) 20.20.9; provas femininas: 60 m barreiras: Emília Tavares (Sporting) 9.36; 60 metros: Carmo Prazeres (Benfica) 8.04; 200 metros: Maria João Lopes (Benfica) 25.14; 800 metros: Ana Paula Brás (Ben-

fica) 2.21.93; altura: Liliana Silva (Sporting) 1.55; comprimento: Ana Oliveira (Benfica) 5.94; disco: Ana Moraes (Sporting) 39.64.

Nadámos na Suíça

Miguel Santos classificou-se em 5.º lugar na final dos 100 metros bruços dos campeonatos internacionais de Genebra em natação, com um minuto 11.98 segundos. A final foi ganha pelo alemão-federal Lars Kuetz (1.06.57 minutos). Patrícia Alves obteve a 7.ª posição na final «B» dos 100 metros livres, com 1.06.74. Na sua série, em que foi 3.ª, a nadadora portuguesa tinha feito menos 17 centésimos de segundo.

Nos 100 metros livres masculinos, o melhor português foi Rui Castro: 2.ª na sua série, classificou-se em 6.ª na final «B», com 58.25 segundos. O vencedor foi o polaco Jadas Przemyslaw, com 55.03 segundos.

Patrícia Alves já conquistou a medalha de bronze dos 100 metros costas, para atletas nascidos em 1972/73: nadou a distância em 1.14.17 minutos, depois de ter sido 1.ª na sua série (com 1.14.86).

A medalha de ouro foi para a alemã-federal Silke Beckmann (1.10.42) e a de prata para a britânica Lucy Hall (1.11.26).

“Taça” em banho-maria

Continuação da pág. 21

pelo portuense José Guedes que, depois de vários erros no Benfica-Guimarães, procura aproveitar de mão beijada algumas das consecutivas benesses que lhe são oferecidas pelo Conselho Nacional de Arbitragem, ávido de promover alguns pupilos. E, falando do Rio Ave com algarvios: dois tentos de Pita decidiram que Vítor Oliveira continue na Taça e Mário Reis conjugue vila-condenses no afã comum de triunfar na Zona Norte do 2.º escalão do nosso futebol. No embate à beira do Ave, o juiz bracarense Fortunato Azevedo culminou uma série de percalços de julgamento com a ordenação de uma bastante controversa grande penalidade que Duarte não concretizou, a favor do «team» que era visitado.

Na Luz, o Benfica passeou: a meio tom, logrou seis golos nas malhas do simpático Vialonga (Manniche trisou, os restantes tentos rubros tiveram chancela de Rui Águas, Shéu e Diamantino) numa esgrima que afundou o árbitro lisboeta Sepa Santos. Não assinalou fora de jogo de Manniche no lance do golo de abertura, como não apitou o safanão bem rijo dado pelo vialonguense Teixeira ao louro dinamiquês, bem na área de extremo rigor. Autorizou que Carlos Manuel se transformasse no dono das decisões (com protestos por tudo e por nada) e teve outros lapsos que o deixaram abaixo do trivial. Uma palavra de aplauso para Mortimore: não abdicou de exibir aquilo que tem entendido ser a melhor formação benfiquista. Desabafo registado na boca de Carlos Pereira, o antigo defesa do Sporting e do Belenenses que é hoje o técnico do Vialonga: «quatro golos foram autenticamente autorizados pela nossa defesa». Para a história, o que fica é o resultado de um embate.

Em Coimbra, o Almada fez o que podia: foi batido por 2-0 (um autogolo de Arlindo abriu caminho para Pedro Xavier colocar vantagem suficiente favorável à Académica) mas os dois técnicos ficaram aborrecidos: nem Vítor Manuel gostou da produtividade dos «pardalitos do Choupal» nem Vítor Godinho retirou satisfeito, «porque o mau desvio de Arlindo para a baliza de Bartolomeu é que tornou as coisas fáceis para os ‘estudantes’». Enfim: num aspecto, todo o conclave conimbricense esteve de acordo. Precisamente: na óptima arbitragem do jovem António Marçal que, ou muito nos enganamos ou vai fazer miséria entre os pares do reino que andam com cátedra fixada pelos deuses.

Nos Açores, o Lusitânia baixou bandeira no diálogo com um Paços de Ferreira pela margem mínima (1-0, tento sancionado correctamente pelo lisboeta Carlos Esteves).



Jordão: malquerido em Alvalade?

Na Madeira, o União embalou: 5-1 ao Paredes, é marca que não admite discussão. O árbitro santareno Agnelo Alexandre (que, de nervoso que estava, até lobrigou grande penalidade contra os continen-tais em lance do mais puro futebol) ia complicando o que era facilímo, mas tudo acabou por ficar no rol do tempo, ainda que o juiz necessite de reciclagem até o tornarem a envolver nestas andanças, culminadas no belo Funchal pela expulsão do continental Chico Leal e do treinador madeirense Mário Moraes. De facto, como que brindando ao público Agnelo Alexandre andou com os cartões coloridos na mão como se receasse algum tufão. Uma desgraça.

Bem: registem-se os autores dos tentos (três por Abente, um por Lima e outro no aproveitamento da generosa grande penalidade por Inguilla, ficando-se o Paredes pelo golo de Meireles) e andemos para diante, que dos fracos não rezará o futuro. Tocamos no Varzim-Farense (2-1), normal triunfo dos proprietários do estádio da Rua Martim Vaz: só que o árbitro bracarense Azevedo Duarte (pessimamente enrodilhado pelo fiscal Joaquim Teixeira) deixou toda a gente lamentando os castigos máximos a que fez vista grossa (um para cada símbolo). São ossos do ofício, a que ninguém poderá afoitamente dizer que sempre escapou. Resta dizer que os algarvios se adiantaram no «placard» (por Nelson Borges) mas, no tempo complementar, Nhabela e Vata colo-

caram Mourinho Félix mais alegre que Dinis Vital. Dois guarda-redes de outros tempos, com sortes desiguais nesta campanha.

Vieira do Minho deixou-se envolver nas redes cobiçosas de penichênses: 1-2 no marcador (Bartolomeu e Edvaldo logo deram margem na rente da corrida para o Desportivo do Campo do Baluarte, enquanto o «capitão» minhoto Carlos Gomes assinava o golo de honra dos alunos do professor José Gouveia, perante Jacinto Marques). Impecável direcção do portista Xavier de Oliveira, num jogo galante, que foi pretexto para estreitar de amizades e rija festa na vila que mora no berço de três seras.

Pela mesma diferença (1-2) Arcos de Valdevez cedeu o passo aos barreirenses de Manuel Oliveira. Palmas para a arbitragem do portuense Isidro Santos, num «show» disciplinarmente para vinte valores, onde também um autogolo (por Mário, do Valdevez) facilitou o êxito dos contrários que, vendo Armindo empatar os pratos da balança conseguiram (a 13 minutos do final) que Casimiro bem contribuisse para os sulistas retirarem vitoriosos e o treinador minhoto Mário Jardim continuasse a sufocar sonhos de maior grandeza.

Resta na peneira o Torriense-Lixa, que careceu de prolongamento para desfazer um zero total que acabou por modificar-se, por obra e graça do vitorioso disparo de Porral, jo-

gava-se há 102 minutos. Agostinho dos Santos (árbitro leiriense) registou para a posteridade a escorregadela dos treinados por Pedro Gomes e, simultaneamente, o modo brioso e categórico como um bloco da 3.ª divisão futebolística continua em frente e bem no quadro dos 16 que, pelas 18 e 30 do próximo dia 29, no lisboeta Hotel Fénix, vão acasalar-se para nova etapa tacista.

Poderiam ainda registar-se alguns eventos: a comemoração dos 69 anos do presidente benfiquista Fernando Martins, com seis golos nas malhas contrárias mas o sector da Imprensa-testemunha cada vez mais reduzido, no soberbo Estádio da Luz. O facto do guarda-redes Marrafa quase não ter tocado na bola: almadenses foram inofensivos em termos atacantes. E, claro, que a plateia de Alvalade está de braço dado com o inglês Meade e parece começar a esquecer a produtividade de Jordão, pelo menos até que o fuzilador angolano volte a aproximar-se da rentabilidade normal.

Contudo, o que conta é que se marcaram 53 tentos e, para alívio dos planos federativos, o calendário não vai ter intromissões para desempates. Dezaisses estão nesta corrida: Chaves, Belenenses, Guimarães, Sporting, Porto, Braga, Penafiel, Portimonense, Benfica e Académica (dez primodivisionários), mais os secundários Paços de Ferreira, União da Madeira, Farense, Peniche e Barreirense (todos da carruagem 2) a terem na mesma divisão um Lixa que, aqui para nós bem «lixou» os donatários do Campo Manuel Marques, lá por Torres Vedras, onde poucos pensariam no adeus à Taça. A falta de maior arripio de frio, resta tirar o chapéu a João Basílio, Sousa Pinto, Antero, Soeiro, Melo, Rogério, Sérgio, Armando, Dimas, aos manos Lopes e ao certo Porral: eles colocaram Lixa no efémero mapa superior do futebol de infantes e cavaleiros.

Neves de Sousa

A SUA CASA ESTÁ AQUI NO PARQUE DA

Colina do Sol

ANDARES PARA VENDA COM 3,4,5 ASS. E LOJAS
ÓPTIMAS CONDIÇÕES DE PAGAMENTO COM UM SINAL INICIAL DE 5%

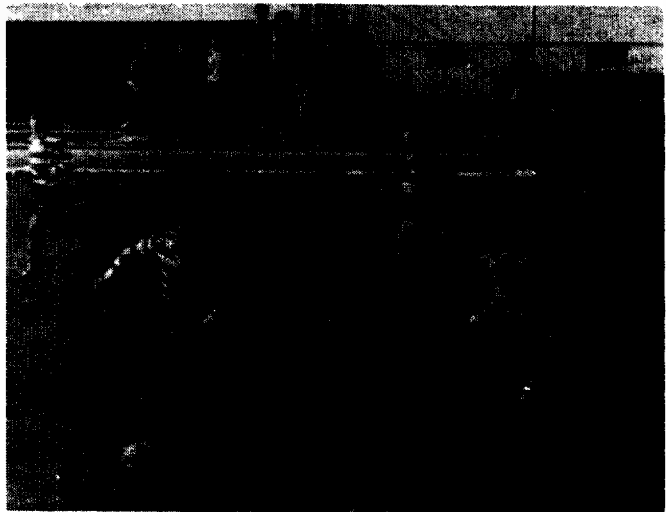
Situa-se entre Benfica, Carnide e Pontinha
Contacte-nos na empresa Alves Ribeiro no próprio local lote 38 r/c ou pelos telefones 474 20 52 + 474 35 41 + 73 15 12



Alves Ribeiro, Lda.
ESCRITÓRIO DE VENDAS
PRACA TEOFILO BRAGA, 38 R/C E - TEL. 474 20 52
2700 LISBOA

As perguntas que fazemos

- Verdade (ou mentira) que o futebolista Roçadas, do Marítimo, caminha para o indesejável título de «campeão da indisciplina», depois de ver por cinco vezes o cartão amarelo, a doze rondas do final do campeonato?
- Verdade (ou mentira) que, no programa desportivo da RTP, no último sábado, o comentário de Rui Tovar passou (subitamente) a ter voz de Orlando Dias Agudo?
- Verdade (ou mentira) que cresce na generalidade dos Órgãos de Comunicação Social o propósito de, a partir de 1 de Fevereiro, não serem referenciadas as actividades do Vitória de Guimarães, se persistirem os ataques a quem (sem estar enfeudado) tem como primordial missão informar o que viu?
- Verdade (ou mentira) que ninguém mais mexeu uma só palha no respeitante ao caso Cadorin/Luciano? Isto é: ao pretenso, suposto, hipotético ou verídico caso de tentativa de suborno no jogo Portimonense-Porto?
- Verdade (ou mentira) que continua a existir, na Federação de Futebol, uma espécie de «Fundo de Maneio» ao dispor do sujeito que, em França, tanto serviu como acompanhante a Portugal do (já) retirado árbitro Konrath como de testemunhado agressor verbal de Eusébio, durante o campeonato europeu?
- Verdade (ou mentira) que continuam sem proniciamento da «Alta Autoridade Contra a Corrupção» as contas dos famigerados «Jogos de Coimbra», certamente porque Costa Brás tem mais com que se entreter?



Juniores sportinguistas sem problemas: 6-0, para o torneio nacional, à formação do Desportivo da Cova da Piedade

Futebol por aí fora

Juniores

Resultados dos jogos da 13.ª jornada do campeonato de juniores. Zona Norte, Série A: Merelinense-Guimarães, 0-2; Famalicão-Gil Vicente, 1-1; Cabeceirense-Chaves, 2-0; Macedo de Cavaleiros-Braga, 1-2 e Vianense-Varzim, 1-2. Comandantes: Guimarães e Varzim, 23 pontos. Série B: FC Porto-Avintes, 6-0; Leixões-Oliveira de Frades, 2-0; Vila Real-Régua, 1-0; Tirsense-Rio Ave, 2-1 e Paços de Ferreira-Lourosa, 3-0. Líder: FC Porto (26 pontos). Zona Centro, Série C: Águeda-Anadia (adiado para 8 de Fevereiro); Oliveira do Hospital-Guarda, 2-3; Académica-Mortágua, 7-1 e Repesesense-Beira-Mar, 0-2. Líder: Académica (22 pontos). Série D: União de Leiria-Bombarralense, 5-0 (foi em 9 do corrente); União de Coimbra-Alcobaça, 5-1; União de Santarém-Marinhense, 1-1; Cebolense-Alfarede, 2-2 e Caldas-Nazarenos, 2-0. Líder: União de Coimbra com 21 pontos. Zona Sul, Série E: Benfica-Oriental, 6-0; Belenenses-Atlético, 4-0; Alter do Chão-Oliveiras e Moscaide, 0-1; Estrela da Amadora-Vendas Novas, 1-0 e Sporting-Cova da Piedade, 6-0. À frente Sporting e Benfica (22 pontos). Série F: Seixal-Setúbal, 3-2; Silves-Ferreirense, 13-0; Barreirense-Torralta, 2-0; Beja-Quimigal, 0-0 e Farense-Lusitano, 5-3. Líder: Torralta 23 pontos.

Juvenis

Desfechos dos jogos da 12.ª jornada do campeonato de juvenis. Zona Norte, Série A: Paços de Ferreira-Braga, 1-4; Vianense-Régua, (adiado); Mirandela-Gil Vicente, 1-1; FC Porto-Guimarães, 7-0; Merelinense-Leixões (adiado) e Vila Real-Chaves, 3-0. Líder: FC Porto, 23 pontos. Série B: Marrazes-Sanjoanense, 1-0; Repesesense-Feirense, 0-2; Académica-Boavista, 2-1; Fundão-Avintes, 1-0 e Águeda-União de Coimbra, 1-1. Líder: Repesesense, 18 pontos. Zona Sul, Série C: Nazarenos-União de Tomar, 0-1; Sporting-Marinhense, 6-0; Estrela da Amadora-Camarate, 5-0; Portalegrense-Vilafranquense, 1-4 e União de Almeirim-Oliveiras e Moscaide, 1-1. Líder: Sporting, 20 pontos. Série D: Imortal-Vendas Novas,

(adiado); Farense-Torralta, 2-1; Beja-Casa Pia, 0-3; Benfica-Setúbal, 1-1; Seixal-Belenenses, 0-2 e Estoril-Corroios, 4-0. Líder: Belenenses, 21 pontos.

Campeonato da RFA

O Colónia, adversário do Sporting na «Taça UEFA», foi batido em Dortmund (por 5-1) no campeonato da Liga Alemã Federal, reatado após cinco semanas de interregno devido ao mau tempo. Além da vitória fácil (e um tanto inesperada) da equipa de Pal Csernai, treinador do Benfica na época passada, é de notar a derrota do Hamburgo em Leverkusen (3-2). O Werder Bremen, que venceu em casa o Saarbrücken (1-0), mantém o comando (com 31 pontos), mais quatro que o Bayern de Munique e o Borussia Moenchengladbach. O encontro entre o Bochum e o Waldhof Mannheim foi adiado, devido ao mau tempo. Para o concurso do nosso Totobola, o resultado foi encontrado por sorteio, segundo os palpites dos Órgãos de Comunicação Social publicados no nosso jornal.

Taça de Inglaterra

O Liverpool bateu (fora) o Chelsea por 2-1, em encontro da 4.ª eliminatória da «Taça de Inglaterra».

Campeonato italiano

O Roma (do ex-treinador benfiquista Sven-Goran Eriksson) venceu em casa o Nápoles (de Diego Maradona) por 2-0, e mantém o 2.º lugar do campeonato italiano de futebol da 1.ª divisão, após a 19.ª jornada. A Juventus, que venceu (também no seu estádio) o Verona, por 3-0, conservou o 1.º lugar. Resultados: Pisa-Atalanta, 1-1; Roma-Nápoles, 2-0; Sampdoria-Torino, 0-0; Avellino-Milão, 1-1; Como-Bari, 1-1; Inter-Udinese, 2-1; Juventus-Verona, 3-0; Lecce-Fiorentina, 2-1. Classificação: 1.º Juventus, 31 pontos; 2.º Roma, 26; 3.º Milão, 23; 4.º Nápoles e Torino, 22; 6.º Inter, 20; 7.º Fiorentina, 19; 8.º Sampdoria e Verona, 18; 10.º Pisa, Como, Atalanta e Avellino, 17; 14.º Bari, 14; 15.º Udinese, 13; 16.º Lecce, 10 pontos.

Andebol: Portugal na primeira linha

A presença da selecção portuguesa no «torneio Internacional de Serdika (Sófia) foi caracterizada com exibições francamente positivas e que deixam antever que o quadro orientado pelo dedicado, eficiente e humilde, Manuel Xavier Manita (antigo futebolista, andebolista e árbitro de futebol) — poderá perspectivar meritório comportamento no próximo «mundial».

O exame na Bulgária, frente a

formações de superior gabarito técnico-tático e físico-atlético, afigura-se-nos determinante para alimentarmos a convicção de que Carlos Silva, Santa Bárbara, João Gonçalves, José Pires, Luís Crespo e demais eleitos do seleccionador de raiz setubalense, poderão relançar a modalidade para pico mais alto na esfera internacional. Naturalmente que não vamos «embandeirar em arco» nem fazer

outra exigência diferente da que os nossos atletas possam actuar com o empenhamento, brio e dignidade que deixaram terra búlgara, perante opositores de outra «galáxia».

Os resultados tidos em Sófia (e a qualidade das exibições produzidas) são garantia bastante para que todos tenhamos o maior optimismo e saibamos estimular com o nosso apoio e

aplauso os titulares da selecção lusa. De resto, é o próprio Manuel Manita que prognostica: «se a equipa se comportar, no campeonato do mundo, como o fez na Bulgária, penso que podemos aspirar a vencer o grupo «C» (em Lisboa, de 6 a 15 de Fevereiro) embora haja equipas muito fortes como é o caso da França e da Áustria».

O teste feito dá-nos esperança. A todos cumpre confiar.

Hóquei em patins

Muitos golos na ronda 10

Com a 10.ª jornada, prosseguiu o nacional de hóquei em patins, tendo-se verificado os seguintes resultados: Sesimbra-Benfica, 6-12; FC Porto-Ferpinta, 6-2; Oliveirense-Juventude de Viana, 3-8; Paço de Arcos-Sporting de Tomar, 2-2; Académica da Amadora-Sporting, 2-10; Sanjoanense-Famalicense, 11-2 e Belenenses-Cascais, 7-4.

Merecem saliência os triunfos conseguidos pelo Benfica

em Sesimbra e da Juventude de Viana em Oliveira de Azeite. Quanto aos demais desfechos, cita-se a rotunda vitória do Sporting no recinto da Académica da Amadora, mau grado esta equipa se manter na cauda classificativa. Tratou-se duma ronda com 77 golos: uma média de 11 por jogo. Muita inspiração dos avançados ou deficiente engenho dos defesas e «keepers»? Talvez ambas as coisas.

A propósito de golos, aqui se averbam os rematadores mais certos da jornada: Licínio (Sanjoanense), Jorge (Belenenses) e Pedro Mendes (Benfica) conseguiram fazer com acerto total quatro remates, enquanto Sérgio e Trindade (Sporting), Miguel (Sanjoanense), Garrido (Belenenses), Paulo Barroso (Sesimbra), Garção e Garrido (do Benfica) acertaram no alvo por três vezes.

A classificação geral é liderada pelo FC Porto (28 pontos) seguindo-se Benfica e Sanjoanense (27). Sporting Tomar (25), Sporting, (22), Ferpinta, Paço de Arcos e Belenenses (20), Juventude de Viana e Oliveirense (19), Famalicence (16), Sesimbra (15), Cascais (12) e Académica da Amadora (10). Nota de maior destaque, relativamente a esta ronda: o nível das arbitragens foi excelente.

Colectividades

Campo Maior: nasceu relva

O Elvas venceu o Campomaiorense por 1-0, em jogo que serviu para inauguração da relva do estádio «Capitão César Correia». As obras de arrelvamento do rectângulo, propriedade do Sporting Clube Campomaiorense, assim como o Campo de treinos com iluminação, outro melhoramento do clube, estão orçamentadas em cerca de 12 milhões de escudos.

Totobola Jogue connosco

Concurso n.º 5/86	
2 de Fevereiro de 1986	
Sporting-Braga	1
Setúbal-Benfica	X
Portimonense-Covilhã	1
Guimarães-Salgueiros	1
Marítimo-Penafiel	1
Boavista-Chaves	1
Belenenses-Académica	1
Paredes-Varzim	2
Lourosa-Rio Ave	2
Peniche-Feirense	2
U. Leiria-Elvas	2
Juventude-U. Madeira	2
E. Amadora-Farense	1

Lisboa é sua
não deixe lixo na rua

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	G	P
1.º BENFICA	18	13	3	2	36-8	29
2.º Sporting	18	12	4	2	36-10	28
3.º FC Porto	18	12	3	3	33-16	27
4.º V. Guimarães	18	10	5	3	32-16	25
5.º Chaves	18	8	4	6	20-23	20
6.º Boavista	18	7	5	6	23-18	19
7.º Portimonense	18	7	4	7	12-15	18
8.º Belenenses	18	5	8	5	20-15	18
9.º Salgueiros	18	7	3	8	15-24	17
10.º V. Setúbal	18	5	6	7	21-27	16
11.º Académica	18	5	6	7	13-21	16
12.º Braga	18	5	4	9	16-24	14
13.º Aves	18	3	6	9	15-24	12
14.º Covilhã	18	4	3	11	14-33	11
15.º Penafiel	18	3	4	11	8-22	10
16.º Marítimo	18	4	0	14	15-37	8

TOTO BOLA

Belenenses-Setúbal	1
Vianense-Braga	2
Rio Ave-Portimonense	2
Varzim-Farense	1
Vieira-Peniche	2
Valdevez-Barreirense	2
Barcelona-Bilbau	1
Hercules-Sevilha	1
Valladolid-A. Madrid	1
Celta-Santander	2
Bor. Dortmund-Colonia	1
Leverkusen-Hamburgo	1
Bochum-Mannheim	(*) 1

(*) por sorteio

TOTO LOTO

1-14-32-40-43-44 + 21

EXPOSIÇÃO DE MOVEIS: (aberto ate as 21 horas)

FACILIDADES DE PAGAMENTO

PLAÇA DE ALIQUOTADO - PERTO DA ESTACAO DA CPTI AMADORA



Gervásio, à frente do União de Coimbra, esteve em Alvalade. Quem o cumprimenta: Valdemar Custódio, adjunto de Manuel José nos «leões»

Cubillas: homenagem

A equipa Alianza de Lima, da 1.ª divisão do futebol peruano, anunciou uma grande festa de despedida do seu famoso avançado internacional Teófilo Cubillas, que alinhou em vários clubes estrangeiros, entre os quais o FC Porto. Na homenagem a Cubillas participarão, conforme foi anunciado, jogadores de todo o mundo: uns em actividade outros já afastados, entre os quais os portugueses Gomes e Eusébio, os alemães federais Beckenbauer e Muller, os brasileiros Pelé, Rivelino e Leandro, o holandês Cruyff e o inglês Kevin Keegan. Presentes estarão (também) os treinadores César Menotti (argentino) e o brasileiro Waldyr Pereira («Didi») que dirigiu a selecção peruana no «mundial» do México, de 1970.

Halterofilia: senhoras de peso

Pela 1.ª vez em Portugal, três mulheres participaram oficialmente numa prova de halterofilismo. No torneio de incitados daquela modalidade (Zona Sul), que teve lugar nas instalações do Ginásio da Baixa da Banheira. Tratou-se de Sara Duarte (do Luso Futebol Clube) que na categoria de 48 quilos levantou 30+40=70, Lurdes Real (do mesmo clube) que em 52 quilos, levantou 25+35=60 e, finalmente, de Ana Teles Luís (ainda do Luso Futebol Clube) que, na categoria dos 56 quilos, conseguiu 30+35=65. Estas marcas, as primeiras da história do halterofilismo português, conseguidas por mulheres, passarão a constituir máximos nacionais da especialidade para o sexo feminino.

Entretanto, no sector masculino do mesmo torneio, registaram-se os seguintes vencedores em 52 quilos: Paulo Edmundo (Luso Futebol Clube) 40+60=100 quilos; 56 quilos: João Fialho (Ginásio da Baixa da Banheira) 45+60=105 quilos; 67,5 quilos: Nuno Pereira (Luso), 72,5+80=152,4 quilos; 75 quilos: Mário Santos (União Penedense) 65+90=155; 82,5 quilos: José Ferreira (Escola Secundária S. Julião de Setúbal), 100+110=210 quilos.

Bilbau despede Clemente

A direcção do Atlético de Bilbao demitiu o treinador da equipa, Javier Clemente, após ter divulgado uma contenda com o jogador Manuel Sarábá. Os dirigentes do clube decidiram ainda multar Clemente em cerca de 15 mil dólares, por ter revelado aos jornalistas que tinha colocado o jogador no banco por não cumprir ordens e por falta de espírito de equipa. «Foi uma decisão difícil (disse o presidente Pedro Aurteneche) mas, tinha que ser tomada».

«Chicotada» em Estremoz

Antoninho, antigo guarda-redes do Lusitano e do Juventude de Évora, é o novo treinador do clube de Futebol de Estremoz, substituindo Hélder Raminhos, que tinha assumido recentemente a orientação da equipa em substituição de Daniel Pinto.

Entretanto, a mais recente aquisição do clube, o marroquino Noureddine (ex-Lusitano de Évora), estreou-se num encontro frente ao Vendas Novas, que os locais venceram, por 7-0.

No «Mundial» mexicano: 'ases' não são jornalistas

A Federação Internacional de Futebol (FIFA) informou que não aceitará a acreditação de antigos «ases» do futebol como jornalistas, durante o «mundial» do México, para não prejudicar os jornalistas especializados em temas desportivos. «Vários diários e cadeias de rádio e televisão de alguns países pretendem utilizar o nome de antigos grandes jogadores do passado nos jogos do Campeonato do Mundo» disse o presidente da FIFA. Mas, Havelange garantiu que o controlo será «rigoroso» e anunciou que a FIFA cobrará 300 dólares (cerca de 48 mil escudos) por cada jornalista inscrito.

Ciclismo: Henrique de Castro é novo presidente federativo

«Deixo a Federação com a consciência de ter cumprido. Mantive-me fiel à minha filosofia de desporto. Não transigi. Fiz o meu programa e não o programa dos outros.»

Estas foram algumas das palavras proferidas por Francisco Nunes, que acaba de ser sucedido por Henrique Castro na presidência do executivo da Federação Portuguesa de Ciclismo. Na sessão da assembleia geral, em que participaram as associações de Aveiro, Braga, Faro, Porto, Santarém, Setúbal, Vila Real e Sul (Lisboa), foram aprovados o relatório e contas, oficializada a inscrição da AC de Portalegre e eleitos os corpos gerentes para os próximos dois anos. Vejamos a lista dos elementos eleitos e já empossados:

Assembleia Geral: dr. Artur Manuel Moreira Lopes (presidente), dr. Joaquim Caldeira

Simas (vice-presidente), e drs. Miguel Saraiva e Rogério de Jesus Pereira, 1.º e 2.º secretários.

Direcção: Henrique Castro (presidente), José Calado, Orlando Neves e Justiniano Vargues, 1.º, 2.º e 3.º vice-presidentes administrativo, financeiro e desportivo, respectivamente; Isidoro Santos Nunes (1.º vogal), Paulino Domingos (2.º vogal) e Ilídio do Rosário (3.º vogal) e António Armando Rodrigues (secretário permanente).

Conselho Fiscal: Jaime de Almeida Vicente (presidente); Manuel Esteiro (secretário) e José Gonçalves Martins (relator).

Conselho Técnico: Aristides Martins (presidente), Honório Francisco (secretário), Fernando Gomes (relator), Gustavo Bessa Gomes (1.º vogal) e Orlando Alexandre (2.º vogal).

Modalidades

Ginástica: mini-trampolim

Cerca de oito dezenas de concorrentes participaram nos campeonatos distritais de Lisboa e Setúbal, de mini-trampolim, em 3.ªs categorias, que tiveram lugar nas instalações do Lisboa Ginásio Clube. José Santos (Académica de Instrução Almadense) com 10,30 pontos mais a equipa «B» do Vitória Futebol Clube (em masculinos) e Vera Morais (9,80 pontos), também da Academia de Instrução Almadense e a equipa «A» do Vitória F.C. (em femininos) ficam campeões do distrito de Setúbal. No que respeita a Lisboa, venceu por equipas (e em ambos os sexos) o Sporting Clube de Portugal. Os ginastas Luís Nunes (12,20 pontos) e Vera Carvalho, ambos daquele mesmo clube, conquistaram os títulos de campeões.

Portugueses em Espanha

Manuel Matias classificou-se em 4.º lugar no «Crosse Internacional Lasarte», em San Sebastian (Espanha), a 15 segundos do vencedor, o espanhol Constantino Esparcia. Num piso muito pesado, Esparcia fez 30 m 28 segundos, menos um segundo que o etíope Wodajo Bulti. Fernando Couto e Fernando Reis obtiveram as 16.ª (31,08 minutos) e 31.ª posições (31,41), respectivamente.

Râguebi

Realizou-se a 12.ª jornada do campeonato nacional da 1.ª divisão, que teve os seguintes desfechos: CDUL-Benfica, 26-15; Agronomia-AA Coimbra, 9-6; CDUP-Campomaiorense, 52-3; Cascais-Universidade Livre, 50-6 e Belenenses-Direito, 23-20. O destaque vai



Râguebi: CDUL-Benfica (26-15). Mercê deste triunfo, os estudantes ficaram apenas a um ponto dos rubros, comandantes do campeonato nacional da modalidade

para o triunfo dos «universitários» lisboetas sobre o Benfica e, naturalmente, para os desfechos do CDUP e do Cascais frente aos seus débeis opositores. O Benfica continua a liderar a prova (com 35 pontos), seguindo-se o CDUL (34) e o Cascais (33 pontos).

Hóquei em Campo

Para acerto de calendário do «regional» de Lisboa, realizaram-se os encontros Hockey Clube-Belenenses (que os «azuis» venceram por 1-0) e Carris-Palmense (que terminou com nulo de 0-0).

Ténis de Mesa

O sportinguista João Portela é campeão de Lisboa, na categoria de seniores. Nas posições seguintes pautaram-se Nuno Dias e Pedro Miguel (Sporting), Ivanoel Moreira (Benfica) e José Barroso (Estrela da Amadora). Quanto aos despromovidos: António Agrela e Paulo Martinho (Ramiro José), Carlos Guilherme, Vítor Saloio e João Lago (FC Lisboa), Fernando Gomes (Casa Pia) e José Xavier (Sporting). Nas provas respeitantes à 2.ª série, o vencedor foi José Marquês (Estrela da Amadora) que sobe à 1.ª série, juntamente com Rui Agrela

gal).

Conselho Jurisdicional: dr. José da Silva (presidente), Manuel Guerreiro (1.º vogal) e Eurípedes Marques dos Santos (2.º vogal). Cândido Alonso Pinto é o secretário-geral do Conselho Nacional de Juizes e Cronometristas.

Duas notas a justificar referência: a gerência fechou com um saldo positivo de mais de 900 contos e dos vários órgãos da futura gerência federativa fazem parte Henrique Castro, Ilídio Rosário, Paulino Domingos, Aristides Martins, Honório Francisco e Orlando Alexandre que, como se sabe, foram antigos praticantes da modalidade velocipédica o que deixa indicar que o desporto vai ficar entregue aos desportistas. Uma norma que se felicita.

Basquetebol: campeonato bem indeciso

Benfica e FC Porto teimam em afastar-se (cada vez mais) dos parceiros directos, tudo indicando que o título terá por destino as Antas ou a Luz. A jornada deste fim-de-semana teve os seguintes resultados: Benfica, 110-Sangalhos, 86; Queluz, 76-Barreirense, 73; Queluz, 84-Sangalhos, 77; Benfica, 83-Barreirense, 66 e Illiabum, 76-FC Porto, 79. Após esta ronda, o Benfica comanda a classificação com 54 pontos (29 jogos), seguindo-se o FC Porto 52 (28), Barreirense e Sangalhos, 47 (29); Queluz, 44 (29) e Illiabum, 43 (28).

Como notas dominantes regista-se que o Barreirense (sem contar com o «poste» Acácio e devido ao abaixamento de forma do brasileiro Wagner) perdeu os últimos quatro encontros, comprometendo as legítimas aspirações quanto à luta pelo título e o Sangalhos, ao perder na Luz, nas Antas e em Queluz, fica nas mesmas condições da turma do Barreiro, sendo de lamentar que a indisciplina de alguns dos seus atletas concorra para o abaixamento das potencialidades.

Importa ainda salientar os dois triunfos averbados pelo Queluz perante o Barreirense e o Sangalhos.

Quanto ao Benfica, refira-se que os seus mais influentes jogadores (nomeadamente Lisboa, Barbosa e Guimarães) estão prestes a atingir a melhor forma: daí não surpreenderem os bons resultados que vêm conseguindo e as exibições de notável valia que estão produzindo.

Grupo «B»

Quanto ao grupo «B» regista-se o magnífico triunfo conseguido pela Sanjoanense (no seu recinto) frente ao Ginásio Figueirense, que, deste modo, passou para a 3.ª posição, ficando situado a dois pontos do comandante e a um da Ovarense. Resultados da jornada: Ovarense, 114-Imortal, 98; Sanjoanense, 71-Ginásio Figueirense, 69 e Olivais, 87-Académica de Coimbra, 53.

Na sua agenda

Bóides na estrada

A Agência Portuguesa de Revistas convida os Órgãos de Comunicação Social para a apresentação da sua equipa de ralis para este ano, constituída por Victor Calisto e António Cirne. No Restaurante S. Jerónimo (Rua dos Jerónimos, 12, junto ao Mosteiro), haverá festa pelas 18 horas do próximo dia 27.

Rallye de Portugal

O Automóvel Club de Portugal divulgando as linhas mestras do Rallye de Portugal/Vinho do Porto 1986, num encontro com a Imprensa, que terá lugar pelas 18 e 30 de 3 de Fevereiro, na Rua Rosa Araújo, 24, em Lisboa. Serão projectados filmes do Rallye de Portugal/Vinho do Porto do ano anterior e servido um «Porto».

Penny Lane organiza futebol

A informação chega-nos de Tavares Teles, bom amigo deste jornal, colunista de «A Bola» e autor de trechos de humor interpretados por diversos artistas. A notícia: o Penny Lane (da Praia Mar) organiza, no Pavilhão de Sassoeiros, a partir de 29 de Fevereiro, um torneio de futebol de salão para o qual se aceitam inscrições até ao próximo dia 2, através do telefone 2840751.

A GUERRA DAS "STARS"

Hollywood, a história e a política



A caça às bruxas

Jacques Siclier

No início de 1943 a Warner Bros produziu um filme, *Missão em Moscovo*, inspirado num livro de Joseph E. Davies, embaixador dos Estados Unidos na URSS antes da guerra. Este filme mostrava como Davies, amigo do presidente Roosevelt, encontrara em Staline um defensor da paz e das democracias. *Missão em Moscovo* que, entre outras coisas justificava o pacto germano-soviético, tinha por objectivo sensibilizar o povo americano para o esforço de guerra da URSS contra os nazis. Assim como na mesma época a Batalha da Rússia, na grande série documental *Por que combatemos nós?*

Seis anos depois, Jack Warner, cuja firma estivera muito ligada a Roosevelt, não tinha palavras demasiado fortes para estigmatizar a «infiltração dos comunistas» em Hollywood. Os antigos aliados, depois de terem abatido Hitler, desconfiavam de mútuos intuitos belicistas. Harry Truman era presidente dos Estados Unidos. O senador McCarthy iniciara a purga de Hollywood, esse ninho de intelectuais «subversivos», e o país, dos vermelhos e dos simpatizantes.

O mundo do cinema sofreu duramente a caça às bruxas. Os suspeitos foram inscritos na lista negra que os privava de trabalho, e as grandes companhias puseram-se a produzir filmes anti-soviéticos. A contribuição de Jack Warner para esta nova cruzada foi, em 1951, *I was a communist for the FBI* realizado por Gordon Douglas, história de um agente do FBI de origem checa, infiltrado no Partido comunista americano para desmembrar as organizações vermelhas da Pennsylvania. Um filme que faria perdoar *Missão em Moscovo*.

Durante o período macarthista, Hollywood participou na guerra fria, estigmatizando os inimigos do interior, os traidores que entregavam aos espões soviéticos segredos que interessavam à defesa nacional.

O número total destes filmes não era muito elevado em relação aos que exaltavam os valores nacionais, o exercício

de uma democracia pura, exemplar, contra as tentações extremistas. Mas tomaram contra a URSS e a influência comunista posições tão fortes como contra o nazismo durante os anos 40.

O bombardeamento ideológico deslocara-se, num país de súbito inquieto com uma terceira guerra mundial e, mesmo, com uma invasão desses «vermelhos» que tomavam formas simbólicas nos filmes de ficção científica como *A Coisa de um outro mundo*, de Christian Nyby e Howard Hawks (1951) ou *A Guerra dos mundos*, de Byron Haskin (1952). O exército soviético não iria desembarcar em discos voadores? Terrível obsessão. James Forrestal, secretário de Estado da Defesa, acreditava tanto nisso que nos dias 11 de Abril de 1949 se atirou da janela do escritório.

Os Estados Unidos viam por todo o lado espões vermelhos e Hollywood ajudava a combater o aumento dos perigos. Em 1948, a *Cortina de Ferro* de William Wellman dera o impulso, transpondo a história autêntica de Igor Gouzenko, adido à Embaixada soviética de Ottawa. Depois de ter obtido asilo político, Gouzenko entregou a rede de espionagem soviética no Canadá e nos Estados Unidos. Havia ali fugas de segredos atômicos. Dana Andrews e Gene Tierney ajudaram ao êxito desse filme de espionagem onde se inscreviam as permissas do caso Roosevelt.

Pelo menos foi êxito na América. Em Paris, os comunistas, mobilizando os intelectuais de esquerda, preocupados com uma possível ascensão do fascismo nos Estados Unidos, manifestaram-se para que o filme fosse retirado. As casas de distribuição, mesmo que estes factos não fossem reproduzidos pela *Grande Ameaça*, de Gordon Douglas, o *Roubo do Segredo do Átomo*, de Jerry Hopper, o *Espião*, de Russell Rouse, o *Vespeiro*, de Alfred Werker, cuidaram dos ganhos.

As histórias demasiado abertamente antivermelhas não foram exportadas para França. *Pickup on South Street*, de Samuel Fuller (1952), espantosa contribuição para o filme negro, só apareceu em 1961, em versão dobrada, com o título de *Le Port de la Drogue*. O microfilme de espionagem, roubado por acaso no Metro, fora substituído por uma embalagem de droga. No entanto, nessa época, as relações de força entre os dois blocos, eram claras. Muitas ilusões haviam caído sobre o pretenso «complot» mantido contra a URSS.

Em matéria de propaganda antiamericana, o cinema soviético — ou antes estalinista — também não decorrerá com delicadeza (*Encontro no Elba*, de Gregory Alexandrov (1949), por exemplo). Mas estava menos em vista que o cinema de Hollywood.

Os adversários dos filmes americanos antivermelhos condenaram-nos tanto artística como politicamente. Seria, sem dúvida necessário, olhá-los com mais atenção e lembrar que alguns, como o impressionante *Nunca me Deixes*, de Delmer Daves (1953), mostravam pessoas que, na Europa, escolhiam a liberdade fora da URSS, vivendo com dificuldades e em sofrimento. Mas é certo que *A Cortina de Ferro* e outras produções tiveram, na sua época, uma ressonância muito mais grave, uma parte de verdade mais preocupante do que as aventuras de Rambo, Rocky e outros heróis musculados que irritam os soviéticos.

Ronald Reagan pôs de novo em moda o sonho americano e o anti-sovietismo. Hollywood pegou no archote: o «vermelho» é o inimigo, como no tempo da guerra fria. Só a imagem do herói mudou. Culturismo e optimismo são os valores de base do «box-office».



Aventuras na URSS

Colette Godard

Um cenário de sótão miserável ocupa o «écran». Barychnikov e Florence Faure dançam *O Jovem e a Morte* — coreografia de Roland Petit. A sala, imensa, cheia de americanos, ovaciona-os. Por trás do reposteiro corrido, Barychnikov escuta, deixa subir a tensão, depois saúde; é o êxtase. O cinema raramente fez sentir de um modo tão físico a exaltação do triunfo, o tranquilo domínio de um ídolo recebendo o que lhe é devido.

Taylor Hachford, realizador de *Sol de noite*, já provou a sua franca eficácia, em particular com *Oficial e cavalheiro*. Aqui, ele dispõe de um trunfo insubstituível: o carisma de Barychnikov. Só se se for de uma insensibilidade doentia não se deseja que tudo lhe corra bem.

Simplesmente nem tudo corre bem. O avião que o leva para dançar em Tóquio tem de aterrar, em catástrofe, num campo militar soviético. Ele, que passou para oeste, arrisca-se a quinze anos de prisão se puser o pé em solo natal. Assusta-se, rasga o passaporte. Está ferido. Um oficial do KGB, Jerzy Skolimowski, reconhece-o... Perto dali, Gregory Hines, desertor negro americano, que se deu mal no seu «ghetto» e no Vietname, obteve direito de asilo e casou com uma russa — Isabella Rossellini — está reduzido a números de sapateado antiquados numa barraca miserável.

O maquiavélico Skolimowski oferece-lhe a possibilidade de ir para Leninegrado se levar consigo Barychnikov e o convencer a abrir a *saís on* no Kirov com uma coreografia de Balanchine. Festejar-se-á como convém o regresso do filho pródigo, que sabe o que valem as promessas do KGB. Aceita, no entanto, com a firme intenção de se evadir pela segunda vez...

A ferida de um homem adúltero mas obrigado ao exílio sem regresso para viver livremente a sua arte, poderia fornecer o tema de uma história barroca ou agriço. Não é o caso. Há acção, grandes sentimentos, os bons, os maus, americanos corajosos e soviéticos velhacos —

como todos os inimigos eles mudam somente de nacionalidade, segundo as épocas.

Há todos os ingredientes do filme de espionagem — inclusive a troca de prisioneiros num *no man's land* de pesadelo. Há também números deslumbrantes, bem equilibrados, entre os dois fabulosos bailarinos, a fim de embelezar a mensagem. Porque se trata segundo o método experimentado do teatro de tese, de um debate sobre a dificuldade de ser negro e pobre, de ser russo e recusar o modelo soviético. Modelo cujas vantagens parecem tão frágeis que, em comparação, os inconvenientes da liberdade parecem paradisíacos.

Gregory Hines consegue ser comovente. Barychnikov é, acima de tudo, um comediante vibrante e sensível. Toma a sua personagem a sério, não traz as autoridades soviéticas no coração. Nem Skolimowski, que se deve ter deleitado com a sua odiosa personagem. Acrescenta-lhe um olhar falso, um meio sorriso sádico.

E demais mas não é nada ao lado de *Rocky IV* — a obra de Sylvester Stallone. Logo se sabe no género: uma luva de boxe em ouro ergue-se, supremamente fállica, ocupa o «écran», gira, e é uma luva com a foice e o martelo, depois uma luva-bandeira, com estrela. As duas chocam. Explosão!

Rocky, rico e adúltero depois da sua vitória sobre Mr. T (Rocky III), vai enfrentar o primeiro «boxeur» profissional soviético — Dolph Lundgren, um suco gigantesco — de queixo quadrado, cabelo cor-

tado em escova, rictus satânico, voz de «robot» (diz ao todo três frases), olhos azuis tão vazios como os olhos pretos de Stallone.

O mau encontra primeiro Apollo Creed (primeiro rival de Rocky e depois o seu melhor amigo) num «match» em Las Vegas. Para perturbar o adversário, Apollo, o «boxeur» bailarino — é um negro — faz-se anunciar por James Brown e um exército de «girls sexy» com plumas. O público, mais «chavin» do que desportivo, assobia o inimigo. Nada feito. Com um único soco o gigante mata Apollo. Rocky vai vingar a honra da América em terreno inimigo.

Treina-se segundo o seu habitual método artesanal, enquanto o outro utiliza uma aparelhagem super-sofisticada e mesmo droga.

O filme, de noventa e um minutos é feito de dois combates paralelos — autênticas carnificinas — treino, algumas reminiscências de aventuras precedentes do herói, e depois uma surpresa. Rocky, vencedor ensanguentado, faz um discurso que Eurico Macias ou Ronald Reagan assinariam: mais vale um frente a frente no «ring» do que com mísseis, e, já que somos os mais fortes, amemo-nos uns aos outros! Feliz Natal, acrescenta dirigindo-se ao filho que segue o combate transmitido em directo por satélite, com uma cobertura tão importante como a Conferência de Genebra.

Ultimamente a agência Tass fez saber como desagrada aos dirigentes moscovitas o anti-sovietismo do cinema americano. Fazem mal. A acumulação de «clichés» que faz o encanto dos filmes de propaganda excita a curiosidade. Temos vontade de conhecer a realidade. Sobre tudo quando as paisagens — mesmo filmadas na Finlândia, como é o caso em *Sol de Noite* ou no Wyoming, em *Rocky IV* — são tão faustosas.

A aspiração às sinestesias

Rui Eduardo Paes

Como complemento do ciclo dedicado ao cinema musical que a Fundação Gulbenkian e a Cinemateca estão a promover até Março, o Serviço de Animação, Criação Artística e Educação pela Arte da primeira das instituições reservou quatro dias da semana passada àquela que é a arte por excelência dos anos 80, só recentemente descoberta entre nós: a video música.

O sucesso da iniciativa ultrapassou as expectativas da Gulbenkian, e gente houve que resistiu em bichas de seis a sete horas para obterem uma entrada — gratuita — na pequena Sala Polivalente do Centro de Arte Moderna.

Foi Miguel Esteves Cardoso quem seleccionou e organizou, em duas séries distintas, este «Dicionário»: as terças e quartas-feiras foram dedicadas aos «clips», quinta e sexta-feira aos «long forms». Se se tratou de um verdadeiro acontecimento, consideráveis falhas o marcaram, não obstante. Desconcertaram por vezes os critérios por que se guiou Miguel Esteves Cardoso, a começar pela precipitação em catalogar certos vídeos feitos em determinada data como pertencentes a uma primeira ou uma segunda geração. Por outro lado, alguns dos trabalhos agendados não chegaram a ser passados no «ecran» da Polivalente, apesar da sua representatividade (porque, afinal, é do conjunto que se podem perceber as linhas gerais características destes cinco anos de videomúsica).

Isso não chegou a desvalorizar a grande importância que «Video Clips Anos 80» teve, o mais não fosse por dignificar uma forma artística que certos meios — a nossa Televisão, por exemplo — insistem em isolar no lado da mera publicidade discográfica.

Arte plus publicidade

É que, na verdade, a videomúsica surge na ambiguidade do produto a um tempo publicitário e artístico. Só abalizando nestes termos, poderemos compreender o fenómeno que se tornou específico da presente década — a estação americana MTV é disso mesmo claro sinal, já que ocupa 24 horas por dia única e exclusivamente com a video música.

Tudo isto tem a ver com a evolução do «rock» e da pop de há um punhado de anos a esta parte, e sabe-se como estas correntes musicais, habitualmente immanadas, modelaram o existente império capitalístico da música enquanto comunicação de massas. O «rock», a pop, são as fórmulas artísticas (obviamente, porque são música) nas quais se está a investir mais, mundialmente, e onde se estão a obter maiores dividendos.

Mas a própria situação da arte ocidental, e muito fundamen-

talmente a dos Estados Unidos, explica o que veio a suceder: vejamos como é logo na autonomização de uma arte americana que os dados e valores da sociedade consumista se fazem presentes — caso da Pop Art. Com o tempo, veio-se a verificar que o objectivo publicitário pode igualmente ser artístico e o artístico publicitário, sendo o auge disto precisamente a video música.

Naturalmente que os primeiros «clips», as primeiras «long forms» (o que distingue os dois é a duração) beneficiavam mais a motivação publicista e se hoje ganha a artística a razão poderá estar nas virtualidades técnicas e expressivas que um meio comunicante como o vídeo revelou. O «long form» dos The Cars que o Centro de Arte Moderna mostrou é exemplo de todo este processo, quando um dos seus autores é nem menos que o pintor, cineasta e fotógrafo Andy Warhol, um dos «inventores» da Pop Art americana.

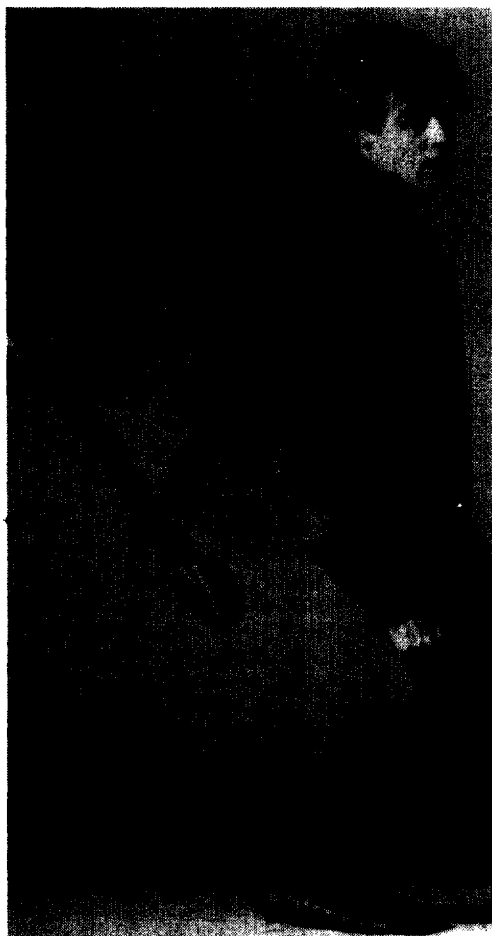
A Pop, o narcisismo e o exibicionismo

O canal que passa a arte e passa a publicidade é o mesmo: o da informação. O rock e a pop beneficiaram e foram filhos legítimos de uma infra-estrutura comunicante, como a que caracteriza as sociedades ocidentais em plena transformação pós-industrial. O rock e a pop são dois modelos superestruturais consequentes, reflectindo as novas tendências ocidentais de diluição ideológica com a correspondente perda de sentido do colectivo.

A video música é narcisista, o esmagamento imagético que lhe é próprio desdobra até ao infinito de cada auditor/espectador um rosto e uma presença perfeitamente encenados. Os sinais lá estão, constantemente reiterados: é David Sylvian no «clip» Red Guitar, de Anton Corbijn, que se olha no espelho de um lago; é David Bowie ou Marc Almond ao serem tocados pela multidão, em vídeos realizados por Julien Temple e Tim Pope. O «make-up», as roupas, as posturas é isso que trabalham. Os músicos rock e pop não são «freaks» (monstros) da moda, mas forças de excepção individual e, claro, individualista, e todo esse «teatro» que a video música vem reforçar em termos extraordinários não é mais que a necessária recorrência ao exibicionismo para dar corpo a vir-



Dire Straits



Bryan Adam



David Bowie

tualidade ao «show-biz» narcisista das músicas rock e pop: neste terreno as estrelas têm de ser perversas nos seus modos onanistas de estar, de modo que se sucedem as alusões dubiamente sexuais.

Do enredo à irre realidade

Um «clip» ou uma «long form» retiram à(s) canção(ões) o seu material discursivo. Mas

enquanto corpo diferenciado: não se limita a sublinhar o exposto nas letras cantadas, leva os seus sentidos para outras e novas possibilidades. No «clip» prefere-se o décor, a simbologia e o efeito para se propor um enredo, na «long form», muito próxima da média-metragem cinematográfica, há uma estória unificadora.

É o poder da imagem. Já tinha sido o rock, nos anos 60, a descobrir a versatilidade que podem ter as imagens em re-

forço da expressão musical e foi assim que rebentou um especial cuidado artístico com as «jackets» dos discos. O colectivo Hipgnosis, por exemplo, foi já nos 70 uma das mais ilustrativas concepções do manobramento encantatório das figurações — e aí estão as capas dos álbuns do grupo Yes com o seu imaginário particular. O vídeo soma a esta preocupação o movimento, a dinâmica do sonho.

Na generalidade, os vídeos musicais enquadram a actuação

dos grupos ou dos cantores, registos de uma realidade performante, para lhe darem um contexto de irre realidade. Os processos são variados, mas todos entroncam nessa insistência ficcional. E é evidente que neste particular os «clips» conseguem ir mais longe que as «long forms»: quanto mais formulado e explícito o enredo, mais presa fica a imaginação. Os videoss dos Cabaret Voltaire desfiguram, abstratizam, dão a ambiência do pesadelo, da loucura («I Want You» e «Sensoria», realizados por Peter Care, que também soube como ninguém transferir o próprio ritmo à montagem dos planos). O desenho animado tem utilização exemplificando, num «clip» dos Dire Straits feito por Steve Barron («Money for Nothing»). Representam-se situações recuadas no passado, e aí os casos multiplicam-se, o que é bem curioso. É o «non-sense» à Devo (Chuck Statler e Jerry Casale). É o simbolismo que está nos «ecrans» de Televisão dispostos no lugar do público num concerto de Bryan Adams («Heaven», de Steve Barron). E muito mais as poderia apontar como as «piscadelas» à «science fiction».

E se traçássemos um paralelo do irrealismo das video-músicas com os alucinogéneos e as drogas psicadélicas que sempre fizeram parte da definição própria do rock, também eles querendo os «estados alterados da consciência»?

A aspiração às sinestesias

O termo sinestesia é repetido cada ano lectivo aos estudantes de liceu, precisamente aqueles que são os maiores entusiastas da video-música, o que é natural: uma arte jovem serve as gentes mais jovens. No estudo da literatura portuguesa descobrem o registo simultâneo das apreensões dos cinco sentidos. Está no Eça.

Este fim-de-século e de milénio é bem o da crescente aspiração a uma condição sinestésica do sentir e logo, portanto, da arte. E aí temos que ilustra o aumento de importância dos multi-media. Talvez que a associação sensitiva que mais intensamente se esteja a fazer seja a que acontece entre o ouvido e o olhar. Música e imagem: rock/pop e video, música erudita e dança, vanguarda musical e «body art», jazz e pintura.

Mas os jovens, que estão mais sensíveis a estas latências, ficam insatisfeitos, não há sinestesia ainda nestas correntes artísticas. Na sala Polivalente do Centro de Arte Moderna uma garrafa de absinto circulou de mão em mão enchendo o ar de perfume e os corpos intertocaram-se. O paladar, o olfacto e o tacto estiveram vivos e a fruição foi total assim.

Uma conversa com Elia Kazan

Michel Braudeau

Exclusivo «Le Monde»/«DL»

Visitantes é um filme que foi completamente rejeitado, na América, quando surgiu em 1972. Só se manteve uma semana, numa única sala, em Nova Iorque. Eu incomodava toda a gente. É, no entanto, um bom filme. Um dia mostrei ao meu filho Chris algumas linhas no jornal e ele fez um script em três semanas. Filmámos em oito semanas, na minha própria casa, no Connecticut, onde Chris vive actualmente, utilizando super 16 mm, aumentado depois para 35 mm, o que dá um grão à imagem. Eu queria provar aos produtores que se pode realizar um filme quase sem dinheiro e consegui-o. Na totalidade custou 175 000 dólares, uma soma irrisória nesta profissão em que se gasta mais do que isso em comida e cocktails. Os actores eram desconhecidos. Alguns continuaram a sê-lo, outros conseguiram triunfar, como James Woods ou Steve Railsback. O «pai» era um velho actor desempregado, morreu depois, e o porto-riquenho um motorista de táxi que sonhava com o cinema e ainda deve andar ao volante do seu táxi, entre Harlem e Manhattan.

— Não há «moral» explícita na sua narrativa.

— Não. Não há mensagem, não há conclusão. Sou um partidário da ambivalência, da ambiguidade. Não acredito nos fins felizes nem nos fins infelizes, porque depois dos «fins» a vida continua. A ideia é que há sempre um preço a pagar por tudo, tarde ou cedo. Às vezes paga-se muito tempo depois, por aquilo que se fez. Também não ponho conclusões nos meus livros. O filme foi considerado pessimista na época, porque os **Visitantes** mostrava que a América ainda não tinha acabado de pagar o preço da guerra do Vietname. Na verdade ainda está hoje a pagá-lo. E continua perturbada, cheia de amargura. Como entrámos nós nesta guerra? Quantos desaparecidos, quantas crianças mortas? Há tanta cólera confusa, eu não

podia ser optimista. E a vergonha da guerra, por cima de tudo... Escreveu-se pouco sobre o Vietname. Mais tarde sim, houve bastantes filmes, mas, na minha opinião, não tão bons como o meu. **Apocalypse Now** é formidável, mesmo que eu deposite a última meia hora com Marlon Brando, gordo e calvo e divagando, todo o resto é esplêndido e admiro Coppola, um homem maravilhoso, um amigo. **Apocalypse Now** é muito mais espectacular do que os **Visitantes**, mas eu prefiro o meu filme. Estou mais perto da realidade daquilo que foi o Vietname para os americanos, o preço da guerra na América.

— Declarou várias vezes que desejava o triunfo da uma «esquerda forte não comunista». Vê algum exemplo disso na Europa?

— Conheço mal a Europa

para falar dela, é raro lá ir. Leio o **Manchester Guardian**, onde aparecem excertos de jornais europeus como o **Monde**. O que me interessa é que na América antigos comunistas dizem: Não tínhamos razão, a nossa devoção a Estaline era um erro. E que reconhecem que Estaline matou tantos judeus como Hitler. Li que Yves Montand disse: Havia muitas coisas que sabíamos e calávamos. Ter que se amordçar a si próprio é pior que tudo, fico louco ao ver que os intelectuais americanos tiveram de mentir, de mentir entre si, de mentir a si próprios. E estou no grupo. Então, sabe, o socialismo... Mitterrand talvez esteja à esquerda, mas mesmo à esquerda do centro. E quando ele convida esse polaco que mata os sindicalistas do seu país, o que significa isso? O mesmo que jantar com Pinochet. A Polónia é um país onde os operários são tão oprimidos e a política tão cruel como no Chile.

— Qual é o seu próximo livro?

— Acabei uma longa autobiografia que aparecerá na **Knopf** em 1987. A primeira parte tem 1500 páginas, é preciso cortar um pouco, não sou Churchill nem Kissinger. Os meus romances, os meus filmes sempre foram autobiográficos mas de uma maneira desviada. Desta vez vou direito ao fim, escrevo «eu», digo que fiz isto ou aquilo. Depois ainda escreverei um romance e farei um filme tirado desse romance. Contarei a história de um momento do meu povo, entre **América América** e o **Homem da Anatólia**. E descansarei. Porque tenho agora setenta e seis anos. Estou em forma, mas por volta dos oitenta talvez me sinta cansado.

Marlon Brando
e Eve Marie
Saint em
«Há Lodo no
Cais»,
de Elia Kazan

António Santiago expõe em Cascais:

Diálogo entre o abstracto e a escrita

Elsa Andrade

«Ícone escritural, esta escrita de Santiago de todo não é mais gesto: só parece sê-lo. Ícone escritural, esta pintura de Santiago já não é mais espontâneo acaso: só parece sê-lo. E aí está a razão do seu trabalho poético: a ficção do gesto, a construída representação do acaso: uma escrita do paralelo: a imagem do infinito: o encontro (no interior das paralelas): os códigos dos dedos: o branco (sempre o branco) intervalar: inter-valor». É assim que Melo e Castro descreve a pintura de António Santiago, no catálogo da exposição que o artista tem patente na Galeria Alfarroba, em Cascais. E que melhor definição se pode achar do que a que o próprio artista apresenta no seu catálogo?



Até 10 de Fevereiro, a Galeria Alfarroba é o palco de 13 trabalhos — oito grandes e cinco em formato médio — de António Santiago onde, segundo o artista, «predomina o abstracto. O único elemento que aparece é a escrita».

Escrita essa que é, talvez, um prolongamento da sua outra actividade: «Como trabalho num escritório isso influencia a minha pintura, e por isso aparece a escrita; associa-a ao rigor da pauta».

Não foi sempre este o seu «género». Mas «é nesta linha que me vou tentar afirmar. Por norma vario bastante o tipo de trabalhos, o que é prejudicial porque se uma pessoa segue uma determinada linha tem mais hipóteses de se afirmar no campo das artes plásticas».

A recente exposição é a segunda individual dentro deste

género. «Houve um espaço intermédio onde deixei de fazer este tipo de trabalho, mas agora há um retorno à escrita e ao gesto, pois este é o estilo onde mais me encontro».

Uma questão de conceito

«A minha pintura é uma questão de conceito, não se engloba em nenhuma corrente. O que se faz hoje não tem nada de novo, é um retorno ao passado. A arte passa ou volta sempre ao mesmo; é o que se passa com o Pós-Modernismo, a que chamam «pintura despreocupada».

A sua obra não se enquadra no Pós-Modernismo agora em voga, e que tem sido discutido na Europa e Estados Unidos. É a chamada «arte urbana», que segundo o artista «é um retorno ao passado reaccionário, mesmo ideologicamente. A arte ex-

pressa sempre uma ideologia, pois sempre esteve ligada ou dependente do poder político dominante, ou mesmo da Igreja. E quando não o é de nenhum destes dois poderes, é-o de um grupo que impõe uma moda. O meu trabalho não obedece a modas».

E dentro deste contexto aparecem umas certas reservas do artista em relação aos críticos de artes plásticas, que ajudam a criar e/ou a manter «modas».

«Os nossos críticos não saem de Lisboa. Acho que deviam divulgar mais a arte, têm obrigação de divulgar os artistas. Afinal eles são os intermediários entre nós e o público. Não basta dizer que as instâncias esquecem as artes, eles também o fazem, pois devem divulgar, esse é o seu papel e não o cumprem. Não interessa se dizem bem ou mal, interessa é que falem. Se eles não o fizerem, quem o vai fazer?», interroga António Santiago.

Expor é difícil, vender ainda mais

Os trabalhos agora expostos na Galeria Alfarroba são todos de 1985. Já podiam ter sido expostos antes, mas não houve onde o fazer.

«É bastante difícil expor. O ambiente está muito afunilado, porque não existem galerias suficientes para dar vazão à quantidade de artistas que aparecem depois do 25 de Abril».

Mas as dificuldades não se ficam por aqui. Quando se consegue expor, o problema não é ultrapassado, pois isso não é sinónimo de vendas: «É difícil vender, apesar de já haver em Portugal um mercado de arte significativo, mesmo a nível de arte moderna. O que acontece é que o mercado é imposto pela moda, e só esse tipo de trabalho é que se vende», afirma António Santiago, que tem tido problemas para vender os seus quadros. «Numa exposição individual vendi dois trabalhos, e nesta um. Até agora foram os únicos. Mas isso está também dependente da galeria e do gosto de cada um e enquanto o artista não se afirmar, é muito difícil vender».

Ao fim de várias exposições sem vender, vale a pena continuar? «Vale, o facto de conseguir expor já é bastante bom»,

afirma o pintor, que acrescenta: «Claro que seria bom vender um pouco, pelo menos para pagar as despesas. A maioria dos artistas tem as paredes cheias dos seus trabalhos, ou então faz trocas com os colegas».

Começar a pintar na tropa

«Só comecei a pintar com uma certa orientação na tropa, com o pintor Kira. Antes disso já fazia uns desenhos e gostava, mas só quando vim para Lisboa comecei a ver a pintura e o desenho de uma maneira diferente».

Em Lisboa proporcionou-se o contacto com as galerias, começou a frequentar exposições e a ter acesso a informações sobre arte, que não chegavam a Castelo Branco, onde além disso havia a mentalidade de que «o comércio é que é importante».

Em Lisboa frequentou o curso de Design e Tecidos da António Arroio, mas não o terminou porque «não havia condições de ensino», por isso: «Em Portugal quase todos os artistas são autodidactas».

A sua participação em exposições colectivas começa em 1972, no VII Salão de Arte Moderna, em Luanda. Em 1973 recebeu o XII Prémio Internacional de Desenho Joan Miró, em Barcelona, proeza que repete no ano seguinte, altura em que também inaugura a sua primeira exposição individual, na Galeria Quadrante, em Lisboa.

De 1974 a 78, não participa em nenhuma exposição. No ano seguinte volta a ganhar o Prémio Internacional de Desenho Joan Miró e, a partir daí, participa em colectivas praticamente todos os anos.

Exposições individuais, realiza mais três: em 1982 na Galeria de Arte Moderna, da Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa e no ano seguinte na Galeria Módulo, no Porto e em Castelo Branco, no Museu Francisco Tavares Proença Júnior.

E agora é esta, em Cascais, até meados do próximo mês, onde só expõe pintura porque «é difícil tentar outras experiências, porque não há espaço nem tempo».

Para já é só, não por falta de projectos, mas porque «não há onde expor. Quando se é solicitado até o nível de produção aumenta».



«O Lobo e o Vitelo», um filme da URSS, exibido esta tarde, no 7.º Festival Internacional de Cinema para a Infância e Juventude

Cinema

• Inicia-se hoje o «7.º Festival Internacional de Cinema para Infância e Juventude», na cidade de Tomar. O certame, que se prolonga até 1 de Fevereiro, conta, para além de projecções diárias, de actividades paralelas, como conferências e ateliers. Assim, a sessão de abertura teve lugar esta manhã, pelas 11.30, com o filme dinamarquês «Samson & Sally». Mas hoje ainda poderá assistir à projecção, pelas 14.30 horas, dos filmes russos «O Lobo e o Novilho» e «O Favorito do Público». Estes filmes são aconselhados para crianças entre os 4 e os 12 anos. Ainda hoje três filmes dedicados à juventude. Trata-se de «Que Será Se» e «Em Memória de Hiroxima», ambos da Hungria e «O Rali», da Roménia. A projecção inicia-se pelas 16.45 horas e é dedicada a jovens entre os 12 e os 16 anos. No âmbito das actividades paralelas, tem início também hoje, em duas sessões (14.30 às 16.30 e das 16.30 às 18.30 horas) a «Oficina de Brinquedos», orientada por Carlos Filipe e que tem por lema «Vem fazer o teu brinquedo e leva-o contigo».

• No Teatro Académico de Gil Vicente, em Coimbra, é exibido pelas 21.30 horas, o filme do realizador Fritz Lang, «Metropolis Q», na versão de Giorgio Moroder.

• A partir de hoje e até 24 de Fevereiro, o Cineclube de Faro promove um ciclo dedicado ao «Cinema Herege». As projecções, que têm lugar no Teatro Lethes, às 18 e 21.45 horas, inauguram-se hoje com «Viridiana», de Luis Buñuel.

Musica

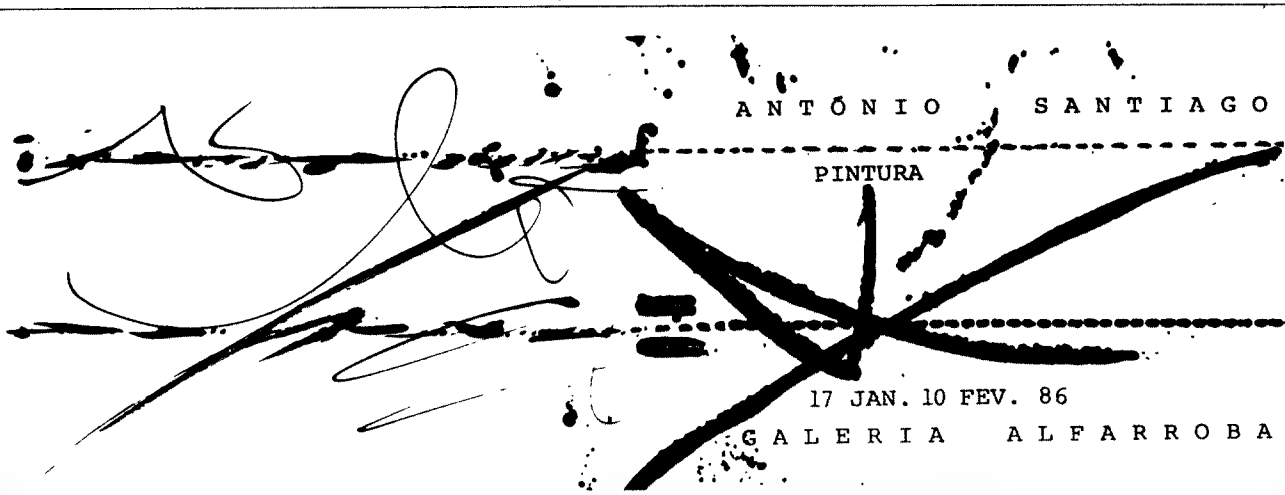
• Para os apreciadores de jazz que não saem de casa, a Rádio Comercial tem, em onda média, o programa «24.ª Hora», diariamente às 23.30 horas, que inclui uma rubrica intitulada «Cinco Minutos de Jazz», de responsabilidade de José Duarte. Hoje pode ouvir a última sessão dedicada aos «Quintetos de J.J. Johnson». Trata-se de três quintetos todos comandados pelo trompetista e onde se destacam instrumentistas como Bud Powell (piano), Max Roach (bateria), Sonny Rollins (tenor), Hank Jones (piano), Cecil Payne (alto), John Lewis (piano) ou Leo Parker (barítono).

• A nossa segunda proposta de hoje é um género musical diferente, e obriga a sair de casa. Trata-se do concerto «Portugal e a Música», onde o Coro Gulbenkian, sob a direcção do maestro Jorge Mata interpreta obras de Marques Lésbio (Três Vilancicos); de Lourenço Rebelo (Quatro Salmos das Completas) e de um Anónimo (S. Cruz de Coimbra; Dois Vilancicos). O concerto tem lugar na Sé Patriarcal de Lisboa, pelas 21.30 horas.

Exposições

• Na Galeria de S. Mamede (R. da Escola Politécnica, em Lisboa) está patente ao público uma exposição de aquarelas de Inácio Matsinhe. Sobre a exposição, escreveu Ana Mafalda Leite: «A aquarela de Inácio Matsinhe convoca as cores quentes para temas integrados na sua memória e vivência da terra moçambicana».

• Com o propósito de contribuir para um melhor conhecimento da vida e da obra do grande compositor português Cláudio Carneiro, vai realizar-se, em Lisboa e no Porto, uma semana que lhe é dedicada. O programa inicia-se hoje com a inauguração de uma exposição seguida de conferência pelo compositor Luís Filipe Pires, às 18.30 horas no Teatro S. Carlos.



Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

REGRESSO AO FUTURO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 2

A FLORESTA ESMERALDA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Alfa 3

COTTON CLUB
(maiores 16 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Alfa Club

T. 763319

A CHORUS LINE
(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1

REGRESSO AO FUTURO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 2

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES
(para todos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.30 h

Amoreiras 3

SILVERADO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Apolo 70

COTTON CLUB
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 4.00 h

Ávila

— T. 539930

JUSTICEIRO SOLITÁRIO
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10 e 21.45 h

Avis

— T. 547163

AMÉRICA VIOLENTA
(maiores 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

O MISTÉRIO DE UM RAPTO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Caleidoscópio

— T. 795093

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES
(para todos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Capitório

— T. 372358

O MUNDO PORNO DE DUAS IRMÃS
(Int. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

T. 530194

O QUE PROMETO... NÃO FAÇO!
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h



Uma cena do filme «Movimento em Falso», realizado por Wim Wenders, com Anna Schygulla, Nastassja Kinski e Rüdiger Vogler.
Em exibição no Cinema Quarteto.

Cinebloco

— T. 556824

OS AMANTES DE MARIA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
AMANTES
(maiores 12 anos) 24.00 h

Cine Camões

T. 324194

O JOGO DOS ABUTRES
(não acons. men. 13 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cinemateca

A PARADA MARAVILHOSA DE 1936
18.30 h
IDÍLIO MUSICAL
21.30 h

Cine 222

— T. 579460

LARANJA MECÂNICA
(int. men. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
O BRAÇO DE FERRO
(maiores 16 anos)
24.00 h

Cine Portela

— T. 2524761

AS NOITES DE CHINA BLUE
(maiores 18 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Shizu

O CÓDIGO DO SILÊNCIO
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

ROSA PÚRPURA DO CAIRO
(int. 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
DEBAIXO DE FOGO
(maiores 16 anos)
23.45 h

Condes

— T. 322523

COMANDO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

O ESQUADRÃO DA VINGANÇA
(int. men. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

RAMBO — A VINGANÇA DO HERÓI
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

VIDAS EM JOGO
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

«NÓS TRÊS — MOZART EM ITÁLIA»
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

REGRESSO ALUCINANTE
(maiores 16 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

OS PUNHOS DA VINGANÇA
(int. men. 18 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45 h

THOR, O CONQUISTADOR
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Forum Picoas

— T. 541037

«PLACIDO»
de Luís Garcia Borlenga
(maiores 12 anos)
19.00 e 21.30 h

Gemini

— T. 734009

REGRESSO AO FUTURO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 802859

COMANDO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.45 h

Sala 2

COCOON — A AVENTURA DOS CORAIS PERDIDOS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Imperio

— T. 555134

OS ESPECIALISTAS
(maiores 12 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

COMANDO
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

A HONRA DOS PADRINHOS
(maiores 16 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

A HONRA DOS PADRINHOS
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

BOLERO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Nimas

— T. 574362

COTTON CLUB
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

A JUSTIÇA DO DRAGÃO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olimpia

T. 325309

AS FÉRIAS SEXUAIS EM ST. TROPEZ
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
Filme pornográfico

Pathe

— 821933

DR. JENKEIL GOSTA DELAS QUENTES
(maiores 13 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h
O HOMEM DA PISTOLA DE OURO
(maiores 13 anos) 24.00 h

Politeama

T. 326305

OS ESPECIALISTAS
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

SONHOS DE OURO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
IDENTIFICAÇÃO DE UMA MULHER
23.30 h

Sala 2

CUIDADO COM ESSA PUTA SAGRADA
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.00 h

NOME: CARMEN
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

BEM VINDO À TERRA PROMETIDA
(maiores 16 anos)
23.30 h

MOVIMENTO EM FALSO
(m. 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

OPERAÇÃO THOR
(maiores 16 anos)
23.30 h

ANDREI RUBLIOV
(não acons. men. 13 anos)
14.30, 18.15 e 21.30 h

GLORIOSOS MALUCOS DA ACADEMIA DO VOLANTE
(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

Cinema Rex

2019, DEPOIS DA QUEDA DE NOVA IORQUE
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Roma

T. 889192

BOLERO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy

T. 548560

O SEGREDO DA CAVERNA FANTASMA
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

REGRESSO AO FUTURO
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

Sala 1

COCOON — A AVENTURA DOS CORAIS PERDIDOS
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.45 h

Sala 3

CHORUS LINE
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

7.ª Arte

— T. 730715

SILVERADO
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star

— T. 804210

DIVÓRCIO EM HOLLYWOOD
(maiores 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

OS GOONIES
(maiores 6 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

O MISTÉRIO DE UM RAPTO
(m. 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim

T. 706666

SHEENA — RAINHA DA SELVA
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.45 h

Xenon

T. 368480

2019 — DEPOIS DA QUEDA DE NOVA IORQUE
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodiaco

— T. 570151

TERRA SANGRENTA KILLING FIELDS
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h
O FILME DO RIO KWAI
(int. men. 13 anos)
24.00 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cinestúdio
«O espião do sapato vermelho», às 15.30 e 21.30 h
(maiores 12 anos)

AMADORA — Cineteatro Lido
«Jovens e apaixonados», às 15.30 e 21.30 h
(maiores 12 anos)

AMADORA — Babilónia
«Divórcio em Hollywood», às 15.15, 18.15 e 21.30 h
(maiores 12 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores
«Mad Max Além da Cúpula do Trovão», às 15.00 e 21.30 h
(maiores 6 anos)
MEM MARTINS — Cine Teatro Chaby «Descanso»

Linha de Cascais

CASINO ESTORIL — «Descanso»
ALGÉS — Cinema 2000 — «Missão final», às 15.30 e 21.30 h

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Os gansos selvagens contra atacam», às 15.30 e 21.30 h
(maiores 12 anos)

ALMADA — Incrível — «A Grande Farra», às 15.30 e 21.30 h (int. men. 18 anos)
PAVILHÃO JARDIM (Tráfaria) — «Excessos», às 22.00 h (int. men. 18 anos)



NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS

Lisboa — PERMANENTE

— ARCO DO CEGO - ESTE-
FÂNIA: Palma, Av. Duque de
Ávila, 25-31 (T. 547088); AVE-
NIDA DE ROMA: Avis, Av. de
Roma, 56-B-C (T. 895370); BE-
LÉM: Bom Sucesso, R. Barto-
lomeu Dias, 63-A (T. 611454);
CAMÕES - SANTA CATA-
RINA: Combro, C. do Combro,
82 (T. 326059); CAMPO DE
OURIQUE: Pinheiro, R. de
Campo de Ourique, 135 (T.
686640); CAMPOLIDE - SETE
RIOS: Nova, R. de Campolide,
297-C (T. 687475); LUMIAR:
Alameda, Al. das Linhas de Tor-
res, 201-B (T. 790942); LUZ
— FRENTE AOS MENINOS DA
LUZ: Gény, R. Conselheiro José
Silvestre Ribeiro, 12-A, ao 218 da
E. da Luz (T. 7140342); OLI-
VAIS SUL: Fernandes Borges,
R. D. Aleixo Corte Real, lote 388,
cruzamento com a R. Cidade de
Bolama (T. 311091); PENHA
DE FRANÇA: Higienica, R.
Heliodoro Salgado, 20-A (T.
844361); PICHELEIRA: Mar-
luz, C. da Picheleira, 140-B-C e
R. Prof. Mira Fernandes, MAF
(T. 880703); RATO: Marques
de Pombal: Vieira Borges, R.
Alexandre Herculan, 28-30 (T.
520536); BRANDO — AMA-
DORA: Tavares de Matos, R. 8,
lote 308 (T. 993220); ODIVE-
LAS: Catela Tavares, R. Prof.
Dr. Augusto Abreu Lopes, 29-A
(T. 9815446); PONTINHA:
Cruz Correia, E. de Santo Elói,
41-A (T. 992453).

REFORÇO — ALTO DE

SANTO AMARO: Santo
Amaro, R. Filinto Elísio, 29-A-B
(T. 637070); ALVALADE: Bri-
sália, Av. Rio de Janeiro,
66-66-A (T. 882368); AVENI-
DAS - SALLANHA: Império,
R. António Enes, 10 (T. 548002);
AVENIDAS NOVAS: Fátima,
Av. 5 de Outubro, 147-A (T.
763107); BAIRRO AZUL: Si-
rius, R. Fialho de Almeida, 38-A
(T. 544000); BAIXA: Silva Car-
valho, R. dos Fanqueiros, 124-
126 (T. 873875); CALHARIZ
— BENFICA: Rebocho, R. Te-
nente Coronel Ribeiro Reis, 12-B
(T. 743871); CHELAS - CO-
LÉGIO VALSASSINA: Serra,
R. Luís Cristino da Silva, lote
211, loja 133, zona 2, Chelas (T.
852611); MARVILA: Freitas,
R. Vale Fomoso de Baixo, 23-A
(T. 381136); MERCADO DO
CHILE: Corvo, R. Ângela
Pinto, 32-B-C (T. 549756); RA-
DIODIFUSO - EX-EMISORA
NACIONAL: S. Nunes Simões,
R. do Quelhas, 1-3 (T. 661275);
BURACA - AMADORA: Vaz
martins, R. António Ferro, 6-A
(T. 970660); OLIVAL BASTO:
Nova, R. dos Acores, 11-A (T.
9810305); PRIOR VELHO:
Matos, T. das Prioras (T.
2519939).

Outra Banda — AL-

MADA: Castro Rodrigues, R.
Capitão Leitão, 21-A (T.
2750076). Permanente; COVA
DA PIEDADE: Rainha Santa,
R. Sociedade Fua Piedense, 50-A
(T. 2294182). Permanente; MEM
MOTTE DE CAPARICA: Nova,
R. dos Trabalhadores Rurais, 82
(T. 2954436). Até às 19 horas;
COSTA DE CAPARICA: Higienica,
Av. da República, 23 (T.
2400020). Até às 19 horas; LA-
RANJEIRO: Oliveira Sérgio,
R. dos Alamos, 2-A (T.
2296464). Até às 22 horas; SE-
SIMBRA: Leão, Av. da Liber-
dade, 13 (T. 2233471). Até às 19
horas; LAVRADIO: J. Conso-
lado, Av. Joaquim J. Fernandes,
17-C (T. 2043126). Até às 19
horas; BARREIRO: Central,
Av. Alfredo Silva, 48 (T.
2073207). Permanente; BAIXA
DA BANHEIRA: Nova Fátima,
E. Nacional, 244-A (T. 2040141).
Até às 19 horas; CORROIOS:
Lino, Alfam, Sesimbra (T.
2232841). Até às 19 horas;
CRUZ DO PAU: Fonseca, R. do

Ribatejo, 2-A (T. 2211131). Até
às 22 horas; ALDEIA DE PAIO
PIRES: Central, E. Nacional, 9
(T. 2210365). Até às 22 horas;
MONTIJO: Giraldes, R. Almi-
rante Reis, 45 (T. 2310008). Até
às 22 horas; MOITA: Silva Ro-
cha, P. da República, 16 (T.
239029). Até às 19 horas;
ALHOS VEDROS: Gasmão,
R. Cândido dos Reis, 30 (T.
2040020). Até às 19 horas; AL-
COCHETE: Gameiro, L. An-
tónio Santos Jorge, 15 (T.
234100). Até às 19 horas; SETÚ-
BAL: Marques, R. Arronches
Junqueiro, 109 (T. 22783). Per-
manente; Soromenho, P. Ma-
chado Santos, 24 (T. 22691).
Permanente; Cunha Pinheiro, R.
da Cananinha, 32 (T. 29215). Até
às 22 horas.

Linha de Cascais — AL-

GÊS: Cabrita, P. de Miraflores,
lote 12 (T. 2101486). Perma-
nente; LINDA-A-VELHA: Mo-
derma, Av. 25 de Abril, 30-C (T.
4191235). Até às 19 horas; TI-
RES: Guimarães, L. Duartes,
lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22
horas; ALCABIDECHÊ: Car-
valho, B. Padre P. Correia, 4 (T.
2690363). Até às 22 horas;
PORTO SALVO: Ferreira Bas-
tos, R. D. Fimino Rebelo (T.
2421015). Até às 22 horas; CA-
XIAS: Nova, R. Bernardino Ri-
beiro, 1-A (T. 2432839); MAL-
VEIRA DA SERRA: Luz, E.
Nacional (T. 2850635). Até às 22
horas; OEIRAS: Mourão Vaz,
Av. de Moscavide, 18-C (T.
2437196). Até às 22 horas;
NOVA OEIRAS: Leal, Quinta
da Palmeira, lote 24 (T.
2478737). Permanente; CAR-
CAVELOS: Central, R. 5 de
Outubro, 25 (T. 2470037). Per-
manente; SÃO DOMINGOS DE
RANA: Godinho da Silveira, R.
Alfonso de Albuquerque, lote B,
loja 2 (T. 2470361). Até às 22
horas; PAREDE: Grincho, Av.
da República, 87-A (T. 2471204).
Permanente; SASSOEIROS:
Amaral Semblano, Quinta das
Encostas (T. 2461312). Até às 22
horas; BIRRE: Imani, lote 7-B,
Hera (T. 2852121); MA-
DORNA: Madeira, R. A (T.
2476326). Até às 22 horas;
AMOREIRA: Abrantes, Vi-
venda Maria Carlos Anjos (T.
268213). Até às 22 horas;
MONTE ESTORIL: Suíça,
Cruzeiro (T. 260087). Até às 22
horas; CASCAIS: Cascais, R.
Conde de Monte Real, Bairro das
Caixas (T. 282407). Permanente.

Linha de Sintra — AMA-

DORA: Carmele, R. Elias Gar-
cia, lote 28 (T. 4933303). Perma-
nente; Dias Brito, Av. Marques
de Pombal, 45-A (T. 4940118).
Até às 22 horas; DAMAIA: D.
João V. Av. Gurgel do Amaral,
2-A (T. 970461). Permanente;
QUELUZ: Pereira Dias, Monte
Abraão (T. 4375566). Até às 22
horas; CAMARATE: Batalha,
R. Avelino S. Oliveira, 5 (T.
2571069). Até às 19 horas; CA-
CÉM: Rodrigues Garcia, Av.
dos Bons Amigos, lote 5-D (T.
9243693). Permanente; MEM
MARTINS: Miranda Garcia,
E. de Mem Martins, 173 (T.
9214103). Permanente; MER-
CÊS: Claro Russo, R. Abade
Faria, 2-A (T. 9215275). Até às
22 horas; RINCHOA: Carga-
leiro Lourenço, C. da Rinchoa,
38 (T. 9262006). Até às 22 horas;
SINTRA: Teresa Garcia, L. D.
Afonso, 3-A (T. 9232747). Per-
manente; COLARES: Abreja
(T. 9290088).

Outras Farmácias —

MOSCAVIDE: Pedro Gomes,
B. 25 de Abril, lote 13 (T.
2519670). Até às 22 horas; SA-
CAVEM: Maria, R. Salvador
Allende, lote 2 (T. 2514369).
Permanente; LOURES: Saraiva,
Av. da República, 86 (T.
9830027). Até às 22 horas.

TEATROS

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De terça a sábado, a 21.45; sábados, domingos e feriados, às 16.00

«ARSÉNICO E RENDAS VELHAS». Original de Joseph Kesselring. Versão portuguesa de César de Oliveira, Gaspar Fiuza e Carlos César. Intérpretes: Maria Helena Matos, Carlos Quinas, Camacho Costa e Luísa Barbosa.

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 770969

Quintas, sextas e sábados, às 21.45; aos domingos às 16.00

«TU E EU», de Friedrich Zwaecher. Tradução de Vera San-Payo Lemos, José Fanha e João Lourenço. Cenografia de Ângelo Sousa. Música de Pedro Osório.

Soc. de Instrução Guilherme Cossoul

Av. D. Carlos I, 61

Sextas e sábados às 21.30; domingos às 16.00

«O REI DA VELA»

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46

Sala Experimental

De terça a sábado, às 21.45; sábados e domingos, às 16.30

«A CAÇA AO SNARK». Encenação de Teresa Garcia Fernando, pelo Grupo «Dou-te Tudo e Mais Não Posso».

Salão das Furnas

R. Raul Carapinha (a Sete Rios) — Tel. 72 60 152

Às 2.ªs, quintas e sextas, às 9.30, 11.00 e 18.30

«BOLA DE SABÃO», pelo Grupo Papa Léguas.

Finalmente Club

R. da Palmeira, 38 — Tel. 37 26 52

Todos os dias, excepto à segunda, às 24.00

«NÃO HÁ NADA P'RA NINGUÉM», de José Manuel Rosado. Intérpretes: João Filipe, Joaquim Centúrio, Lydia Barloff, Ruth Briden, Vicky Batton, Vital Leal e Zizi Mayer.

Teatro Iberico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 382531

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00

«BODAS DE SANGUE», de Lorea. Encenação de Branco Gil.

Maria Matos

4.ªs, 5.ªs, 6.ªs e sábados e feriados às 21.30; sábados e domingos, às 16.00

«HEDDA GABLER». Encenação de Carlos Quevedo e interpretado por Graça Lobo, Rogério Paulo, Henrique Viana, Virgílio Castelo, Carmen Santos, Maria Cristina e Madalena Sotto.

Grupo de Teatro Maizum

R. Poiais de S. Bento, 75

(Casa dos Tabuenses) Tel. 60 18 66

De 4.ª-feira a sábado, às 21.45

TUTANKAMON E A SUA RAINHA, de Adolfo Gutkin. Encenação de Adolfo Gutkin e cenografia de Ana Vieira. Intérpretes: Silvana Pereira e Carlos Paula Vasconcelos.

Teatro Maria Vitoria

Parque Mayer — Tel. 37 17 40

De terça a sábado, às 20.30 e 22.45, domingos às 16.00.

A nova fase da revista «NÃO BATAM MAIS NO ZEZINHO», original de Henrique Santana, Francisco Nicholson e Mário Zambujal. Interpretado por Eugénio Salvador, Ivone Silva, Henrique Santana, Linda Silva, Carlos Cunha e Maria Armada.

Teatro do Século

R. do Século, 41

Sextas às 21.30; sábados às 17.00 e 21.30; domingos às 17.30

«EMBALAGEM PERDIDA», de Vera Feyder. Dramaturgia e encenação de Ricardo Marquez. Cenografia de Mário Jorge. Intérpretes: Lucindo Loureiro e Cucha Carvalho.

III

R. Leão de Oliveira, 1 — Tel. 63 99 74

Sábados, domingos e feriados, às 16.00

«GALILEU, CONTADOR DE HISTÓRIAS». Encenação de Kim Cachopo.

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 06 37

De terça a domingo às 21.45; domingos, também às 16.00.

«O CORONEL EM DOIS ACTOS». Adaptação de F. Nicholson. Encenação de Varela Silva. Interpretação: Alina Vaz, António Feio, Camilo de Oliveira, Duke Guimarães, F. Nicholson e P. Marcelo.

Cascais Espaço TEC

Av. Marechal Carmona, 6-B (ao Pão de Açúcar) — Tel. 286 79 33

De terça a sábado, às 21.45; domingo, às 17.00

«NO NATAL A GENTE VEM TE BUSCAR». Texto e encenação de Naum Alves de Sousa. Intérpretes: Anna Paula, António Marques, Cecília Guimarães e Santos Manuel.

Teatro Villaret

Av. Fontes P. de Melo — Tel. 53 85 86

De terça a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

«POUCO BARULHO», de Michael Frayn. Encenação e direcção de Varela Silva. Com Nicolau Breyner, Manuela Maria, Morais e Castro, Guida Maria, Victor de Sousa, Rosa do Canto, Isabel Maria, Jorge Nery e Henrique Santos.

Setúbal — Teatro de Bolso

R. Dr. Aníbal Álvares da Silva, 9

Sextas e sábados, às 21.30; domingo, às 16.30

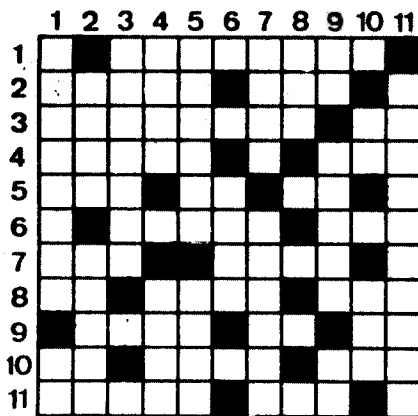
«O MENINO DE SUA MÃE». Textos: Fernando Pessoa. Encenação de Carlos César e Carlos Curto. Intérpretes: Isabel Ganiho, Carlos Rodrigues, Pompeu José, etc.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º

HORIZONTAIS:

- 1 Artigo definido. Lda.
- 2 Rostos. Esteiro.
- 3 Amolgara. Barilo (s.q.).
- 4 Amassou. Chiste.
- 5 Tempo do verbo ir. Ruim. Bário (s.q.).
- 6 Impera. Tomba (inv).
- 7 Pronome pessoal. Califa que mandou incendiar a Biblioteca de Alexandria.
- 8 Apelido. Morada. Doutora (inv).
- 9 Observavam. Ruténio (s.q.). Duas vogais desiguais.
- 10 Concebe. Habita. Madeira.
- 11 Cidade de França. Espaço de trinta dias.



VERTICAIS:

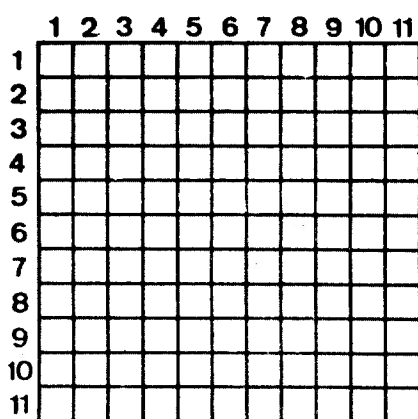
- 1 Tempos. Oferece.
- 2 Paixão. Limpar com água.
- 3 Prendera.
- 4 Cabo da costa de Portugal. Leito.
- 5 Arroguei. Patrões.
- 6 Artigo definido. Aniversário.
- 7 Apre! Poisam no mar (o avião).
- 8 Liga.
- 9 Existe. Fora para fora. Manuscrito.
- 10 Bário (s.q.). Mãe de Rómulo e Remo.
- 11 Ventura.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º

HORIZONTAIS:

- 1 Tribuna romano, que matou Calígula em 41, sendo depois mandado matar por Cláudio. Preposição.
- 2 Dês urros. Fedor.
- 3 Batráquio. Gás a temperaturas muito elevadas, em física atómica.
- 4 Verbal. Comilão (fig).
- 5 Paras. Rei do Egipto.
- 6 Tomo pior. Solitário.
- 7 Oceano. Nome antigo da nota musical dó.
- 8 Percebo. Farsa satírica. Arsénio (s.q.).
- 9 Senhora. Ocidente.
- 10 Doses (fig). Consentimento.
- 11 O amor camal. Rio dos Estados Unidos.



VERTICAIS:

- 1 Rei do Egipto. Moeda indiana.
- 2 Pátria de Abraão. Nota musical. Brisa.
- 3 Vagueias. Composto.
- 4 Efectivo. Utensílio doméstico. Chefe etíope.
- 5 Pertences. Manas.
- 6 Qualquer ofício da pele.
- 7 Temperaremos com sal.
- 8 Lago de Lisboa. Descanso.
- 9 Assuntos. Estima.
- 10 Pronome demonstrativo (pl).
- 11 Dá mios. Solitário. Murro.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 15 642

HORIZONTAIS:

- 1 QUEM. Partam.
- 2 Urra. Avara.
- 3 Era. Agi. Era.
- 4 Rã. Caos. Mar.
- 5 Ossa. Ua. Ur.
- 6 Am. Ras.
- 7 Faluas. Maga.
- 8 Aca. Talai.
- 9 Lassara. Rui.
- 10 Os. Rias. Ara.
- 11 Dou. SS. Amam.

VERTICAIS:

- 1 Quero. FALOU.
- 2 Urras. Acaso.
- 3 Era. Salas.
- 4 Má. Caru. Sr.
- 5 Aa. Matais.
- 6 PAGOU. Saras.
- 7 Avisar. Lãs.
- 8 Ra. Ama.
- 9 Trem. Saíram.
- 10 Aarau. Ura.
- 11 Arreariam.

Provérbio: QUEM FALOU PAGOU

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 481

HORIZONTAIS:

- 1 Agá. Amora.
- 2 Basim. Tarai.
- 3 Ar. Ro. Ir.
- 4 Domar. Atina.
- 5 És. Ana.
- 6 Rs. Tua. Nio.
- 7 Bu. Af. Ta! Fi.
- 8 Amurada. Mar.
- 9 Cima. Ião.
- 10 An. Devenias.
- 11 Lavo. Amuas.

VERTICAIS:

- 1 Abade. Bacal.
- 2 Garo. Rumina.
- 3 As. Mês. Um.
- 4 Irãs. Arado.
- 5 Amor. Tia.
- 6 Tu. Diva.
- 7 Atiá. Atarem.
- 8 Marta. Aru.
- 9 Or. Inn. Moia.
- 10 Rã. Naifa. As.
- 11 Aira. Oiros.

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; 17.15: Musicomania; 19.00: Informação e música; 20.00: Música portuguesa; 20.15: No estúdio e no estúdio; 20.30: Música portuguesa; 21.00: Movimento; 21.30: Imaginário; 23.30: Último jornal. Notícias de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX; 16.35: Prelúdio e fuga, em lá, de Flor Peeters; 16.45: Árias de óperas; 17.00: Integrais; 17.20: Nocturno, n.º 9, opus 3, em si, de Chopin; 17.30: Música de todos os quadrantes; 18.00: Sonata, em lá maior, op. 82, de Prokofiev; 18.40: Sinfonia, n.º 2, em ré maior, op. 43, de Sibelius; 19.30: Terra viva, planeta azul; 20.00: Concerto, em lá menor, WV 170, de Carl Philipp Emanuel Bach; 20.40: Música orquestral; 21.00: Música portuguesa; 21.30: Os anos 80; 22.30: O canto e os seus intérpretes; 23.30: Música sacra; 00.05: Concerto, n.º 1, em fá menor, KV. 73, de Carl Maria Von Weber; 00.30: Dueto de piano; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média

15.00: Ré maior; 18.00: Quilómetros; 18.30: Transmissão do terço; 19.30: Quando o telefone toca; 20.00: Conversa de amigos; 21.00: Encontro; 22.00: Clube dos colecionadores; 22.30: Diário do desporto; 23.00: Uma casa portuguesa; 23.55: Meditando.

Onda Média Regional-Voz do Minho, Voz do Porto e Voz do Alentejo

15.00: As boas tardes da Renascença; 18.00: Noticiário regional; 18.30: Ligação à rede nacional.

Voz de Lisboa

15.00: As boas tardes da Renascença; 18.00: Jornal da região de Lisboa; 18.30: Transmissão do terço; 19.30: Sete colinas; 20.00: Ligação à rede nacional.

FM-ESTÉREO

13.00: Cem mais; 19.30: Transmissão do terço; 20.00: Serra de estrelas; 22.00: Oceano Pacífico; 23.55: Boa noite. Notícias de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

17.00: Rápido das cinco; 19.00: Cabo da Boa Esperança; 20.00: Conta corrente; 21.00: Musical; 21.30: Quando o telefone toca; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: Vigésima quarta hora; 02.00: No calor da noite. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.00: Som da frente; 17.00: Pé de vento; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Nova geração; 21.00: Jazzofone; 22.00: Nunca mais é sábado; 00.00: Comercial Filmes apresenta; 01.00: Selecção nacional; 02.00: No calor da noite. Notícias de hora a hora.



18.00 — Tempo dos Mais Novos

A emissão de hoje é preenchida com mais um episódio das séries «A Árvore dos Patafúrdios» — A fuga dos Patafurdinhos» e «Era uma Vez — A Gorda D. Ernestina».

18.35 — Notícias

18.50 — Desportivamente

19.20 — Azulejos de Arte Portuguesa

(3.º programa — «Os Azulejos historiados da segunda metade do séc. XVII»: O programa sobre os azulejos historiados da segunda metade do séc. XVII começará por mostrar alguns painéis de azulejos com temas geométricos formados por quatro ou mais ladrilhos, que multiplicados indefinidamente revestiram arcos triunfais, cúpulas e vastas superfícies de naves, com a riqueza da sua policromia viva. Azul, amarelo, branco e raramente verde, e a irradiação dos esmaltes e que dominaram toda a primeira metade do século XVII, mas que apesar da sua sobrevivência através da segunda metade do mesmo século, acabariam por surgir, nas cores e nos temas, dos azulejos outros assuntos e influências.

19.55 — O Livro Grande de Petete

«A Defesa das Borboletas»

20.00 — Telejornal

20.27 — Boletim Meteorológico

20.35 — Louco Amor

Renata, furiosa, afirma a Agenor que não permitirá que Patrícia fique lesada no testamento de Edgar.

Luciana propõe a Márcio unirem os seus esforços para acabar com o namoro entre Lipe e Carlinha.

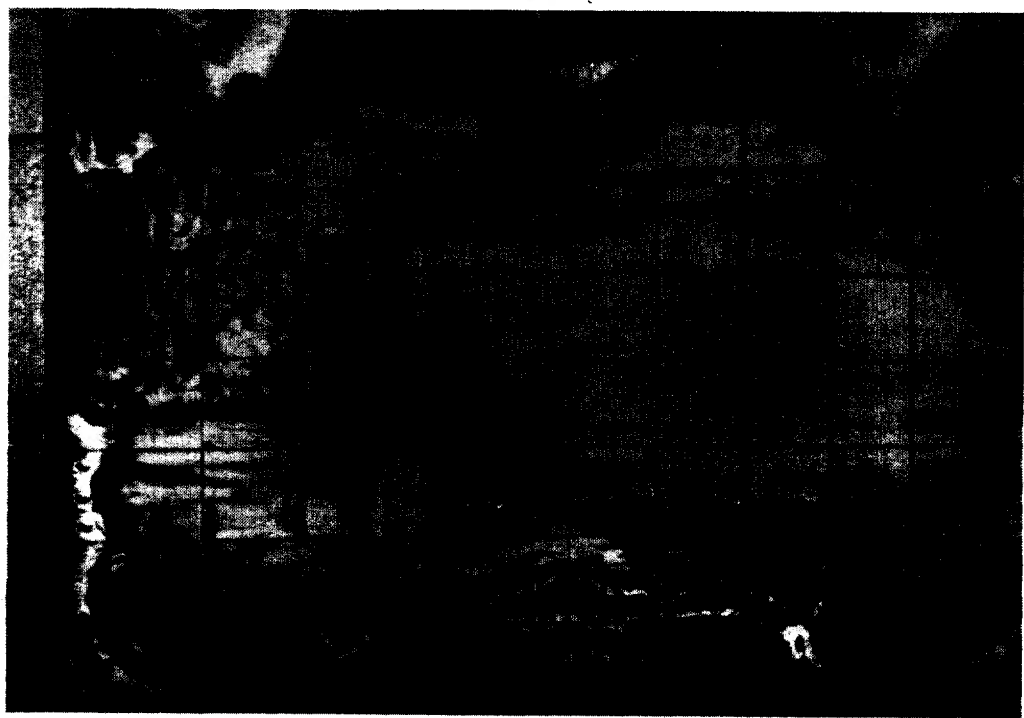
Patrícia confessa a Renata que simpatizou muito com Fernando.

Renata, tentando impedir Edgar de alterar o testamento, dirige-se a casa dele. Denise impede-a de entrar na presença de Luís Carlos.

Alfredo garante a Luís Carlos que deixou de beber, mas a tentação é mais forte e Raquel expulsa-o de sua casa.



«A Árvore dos patafúrdios», hoje no Tempo dos Mais Novos



Na RTP1, mais um programa de «Azulejos de Arte Portuguesa»

Sérgio procura saber se Isolda gosta mais de Luís Carlos ou de Márcio.

21.25 — Consultório do IVA

21.30 — Concurso «Um, Dois, Três»

O tema de hoje é «A Máquina».

23.45 — Último Jornal



19.30 — Desenhos Animados

«O Capitão América»

19.55 — Documentário

«De Lutas e de Pedra»: Avinhão: cidade dos Papas. Quando a monarquia francesa conseguiu

impor-se aos príncipes e barões feudais, sujeitando-os ao poder de Paris, restava-lhe libertar-se de outro absolutismo: o da Igreja, dominante, total e supranacional. Daí o cisma e a existência breve de um papa em Roma e outro em Avinhão. Cidade mítica, no cruzamento de caminhos geográficos, culturais e religiosos, Avinhão sobreviveu. Este o tema do documentário da Embaixada de França que a RTP 2 nos apresenta.

20.25 — Teatro Para Sempre

«As Criadas»: Uma produção da televisão francesa sobre um dos maiores textos do século XX, — As Criadas — de Genêt. Uma interpretação surpreendente de três grandes actizes num texto ímpar baseado num acontecimento real: duas criadas, as irmãs Pepin, assassinam a patroa e o amante e não apresentam no tribunal quaisquer atenuantes.

22.20 — Consultório do IVA

22.30 — Jornal da Noite

AMANHÃ

RTP 1

12.00 — Notícias
12.05 — Espaço 12/13
12.45 — Notícias
13.00 — Origens
13.35 — Ciclo Preparatório TV
18.00 — Tempo dos Mais Novos
18.35 — Notícias
18.50 — Século XX
19.55 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.27 — Boletim Meteorológico
20.35 — Louco Amor
21.20 — Consultório do IVA
21.25 — Programa da Direcção de Informação
22.25 — Chefes
23.20 — Último Jornal

RTP 2

18.25 — Eurovisão — Patinagem Artística
20.15 — Videopólis
20.50 — Falar de Macau
21.15 — Sessão das Nove — «Fogo-Fátuo»
23.05 — Consultório do IVA
23.10 — Jornal da Noite

A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELEVISOR E VIDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIENCIA
ESTACAO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 - 89 98 26
Av. S. João de Deus 13 B - R. de Macau - LISBOA

MELO
INFORMÁTICA
JOSÉ DE MELO & SILVA, LDA.
Escritório: R. Bernardino Ribeiro, 15 - cave/dt.
Loja Zodiaco: R. Conde Redondo, 5 Loja C
Loja Melo: R. Gonçalves Crespo, 18-C (Clube Video)
Tel. Zodiaco: 54 99 04 - Tel. Melo: 52 56 69 - 1100 LISBOA
Demonstrações 3.ª e 5.ª das 18 às 20 horas

GRUNDIG a segurança de um grande nome
seleccionou para si...

RTP1
21.30
Concurso
«Um, Dois, Três»

RTP2
20.25
Teatro
para Sempre

Assistência Técnica Grundig NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 4197570

Louco Amor

MARÉS DE HOME

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
04.02 4,10 m	09.43 1,00 m
16.25 3,90 m	21.51 1,00 m

Dia 28

04.36 4,10 m	10.19 0,90 m
16.59 3,90 m	22.28 1,00 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

BRAGANÇA	4
VIANA DO CASTELO	2
VILA REAL	1
PORTO	3
COIMBRA	2
CABO CARVOEIRO	8
CASTELO BRANCO	1
PORTALEGRE	7
LISBOA	4
ÉVORA	8
BEJA	3
FARO	6
SAGRES	5
PONTA DELGADA	12
FUNCHAL	15



A dança dos votos

Transferência de votos entre as forças partidárias que apoiavam directa ou indirectamente os candidatos, foi uma das constantes das eleições de ontem. Mas a «dança dos votos» não é clara, sendo difícil explicar como se processou.

Freitas do Amaral, por exemplo, excedeu em 357.827 o número de votos somados pelo PSD e o CDS nas legislativas de 6 de Outubro. De onde lhe vieram essas três centenas de milhares de votos? Aparentemente de franjas do eleitorado PS e PRD.

Mário Soares, por seu turno, somou mais 257.352 votos do que o PS nas legislativas, um acréscimo que deverá ter sido canalizado a partir de áreas sociais-democratas e de antigos votantes socialistas, que em 6 de Outubro tinham optado pelos renovadores-democráticos.

Quanto a Zenha, teve menos 744.170 votos do que o PRD e a APU em conjunto, tendo como referência também as eleições de Outubro. Mesmo que desta diferença tenham saído 345.273 votos do total de 418.207 obtidos por Pintasilgo (72.944 poderão ter-lhe chegado via UDP), ainda restam 398.907 votos por contabilizar. Para onde foram estas ex-eleitorais do PRD e da APU?

No seu conjunto, não chegam para justificar os ganhos de Freitas do Amaral e de Mário Soares — 605.179 votos no total — e também não podem ser explicados através da abstenção, dado que esta foi agora ligeiramente mais baixa do que em 6 de Outubro: 24,63% então, para 24,38 agora.

Para onde foram três centenas de milhares de votos?

F. Amaral — 2.628.355
PSD+CDS — 2.270.528

M. Soares — 1.443.074
PS — 1.195.722

S. Zenha — 1.185.369
PRD+APU — 1.929.539

L. Pintasilgo — 418.207
UDP — 72.944

Doze feridos em desastre na estrada de S. Torpes

Um acidente de viação que provocou 12 feridos, quatro dos quais em estado grave, ocorreu às 22 horas de ontem na estrada de São Torpes, concelho de Sines.

O acidente envolveu duas viaturas ligeiras e os feridos foram assistidos pelos Bombeiros Voluntários de Sines que os transportaram, em seis ambulâncias, ao hospital de Setúbal.

Dos quatro feridos graves, Paulo Jorge Sanches, de 13 anos, e Sara dos Santos Góis, de 4, foram transportados para o Hospital de São José, em Lisboa.

Também dois adultos, cuja identidade, não foi ainda possível apurar, foram transferidos para São José.

Avalancha de terra e neve matou 13 japoneses

Uma avalanche de neve soterrou 11 casas numa cidade do Japão situada junto à costa, matando 13 pessoas, anunciou hoje a Polícia.

Além dos mortos foram evacuadas das casas mais 23 pessoas depois de a avalanche ter descido por uma montanha abaixo na região de Niigata, domingo, à noite, disse um oficial da Polícia japonesa.

A mesma fonte afirmou pensar que não há mais desaparecidos e que 800 polícias e bombeiros se encontravam empenhados nas operações de salvamento.

/D/E/C/A/R/A/S/



Quem sai de Belém...

Ramalho Eanes e Manuela Eanes: levam com eles esperanças acumuladas durante dez anos, talvez para um sótão na Madre de Deus, talvez para fazer de tábua de salvação do PRD (?)

... e quem pode entrar

Freitas do Amaral e Maria José: partiram da Quinta da Marinha, sempre gritando «empurra» e olhando «P'rá Frente». Com a pressa ainda podem passar pelo palácio sem dar por ele.



Mário Soares e Maria de Jesus: do Campo Grande, pela Avenida de Berna, nem sequer é muito longe. Mas pelo caminho terão de convencer à esquerda e à direita, que «a bochecha mais mimosa»... para o Palácio cor-de-rosa.

Os votos e o futuro próximo

Continuação da pág. 1

mente e historicamente se nos colocam.

Dizia Garrett: «As paixões e o seu reflexo nas coisas públicas são a poesia da política...». Que até à «segunda volta» as paixões deixem escutar a verdadeira «prosa das coisas».

Popular armado gerou confusão em Mirandela

Um homem irrompeu ontem de pistola em punho na sala de voto da Freguesia de Areias, concelho de Mirandela, ameaçando o presidente da mesa de voto por questões de ordem pessoal.

O «cidadão eleitor» depois de breve alteração pôs-se em fuga, mas foi apanhado por populares e entregue à Guarda Nacional Republicana depois de lhe ter sido apreendida a pistola de calibre 6,35 que utilizou para intimidar o presidente da mesa.

O homem cuja identidade não foi revelada encontra-se detido na secção da GNR de Mirandela e vai ser hoje presente a Tribunal para julgamento sumário.

Totoloto: 58 253 contos para anónimo da Parede

Um anónimo da Parede era até à hora do fecho do nosso jornal o único apostador que acertara na «chave» (1, 14, 32, 40, 43, 44 + 21) da edição de sábado do Totoloto, pelo que a manterem-se as previsões dos escrutinadores da Santa Casa da Misericórdia irá receber 58 253 contos. Os resultados apontam, entretanto, para de 6 a 7 apostadores com o 2.º prémio (1600 contos), de 220 a 260 com o 3.º prémio (163 contos), de 18 476 a 20 000 com o 4.º prémio (2500 escudos) e de 471 000 a 510 000 com o 5.º prémio (250 escudos). Quanto aos resultados do Totobola prevêem de 286 a 300 apostadores com treze resultados certos (prémio de 40 contos cada).